Coleção

# ANTROPOLOGIA

## 6

*Orientação Editorial*

Roberto Augusto da Matta

Luiz de Castro Faria

**FICHA CATALOGRÁFICA**

***(Preparada pelo Centro de Catalogação-na-fonte do Sindicato Nacional dos Editores de Livros, GB)***

Malinowski, Bronislaw, 1884-1942.
M217s Sexo e repressão na sociedade selvagem; tradução de Francisco M. Guimarães. Petrópolis, Vozes, 1973.
241p. 21,5cm. (Antropologia, 6)

Bibliografia.

1. Família. 2. Sexo. 3. Psicanálise. 4. Sociedade primitiva. 5. Antropologia social. I. Título. II. Série.

O

CDD-301.42
155.3
73-0317 CDU-392.3

# SEXO E REPRESSÃO NA SOCIEDADE SELVAGEM

**BRONISLAW MALINOWSKI**

*Autor de "Crime and Custom in Savage Society"
"Argonauts of the Western Pacific" e
"The Sexual Life of Savages in N. W.
Melanesia"*

Tradução de
*Francisco M. Guimarães*

PETRÓPOLIS
**EDITORA VOZES LTDA.**
**1973**

# Sumário

## PARTE IV

## INSTINTO E CULTURA

AO

MEU AMIGO

PAUL KHUNER

*Nova Guiné, 1914, Austrália, 1918,*
*Sul do Tirol, 1922.*

# Prefácio

A DOUTRINA DA PSICANÁLISE TEVE NOS ÚLTIMOS DEZ ANOS UMA ascensão verdadeiramente meteórica no acolhimento popular. Exerceu crescente influência na literatura, na ciência e na arte contemporâneas. De fato, por algum tempo foi a mania popular do momento. Muitos tolos ficaram profundamente impressionados por ela e muitos pedantes chocados e desconcertados. O autor do presente livro pertence evidentemente à primeira categoria, porque durante um certo tempo deixou-se indevidamente influenciar pelas teorias de Freud e Rivers, Jung e Jones. Mas o pedantismo permanecerá a principal paixão do estudioso, e a subseqüente reflexão esfriará logo depois os entusiasmos iniciais.

Este processo, com todas as suas ramificações, pode ser seguido pelo leitor cuidadoso neste pequeno volume. Não desejo, porém, levantar a expectativa de uma dramática *volte-face*. Nunca fui em sentido algum um adepto da prática psicanalítica nem nunca aderi à teoria psicanalítica; e agora, apesar de intolerante com as exorbitantes pretensões da psicanálise, de seus argumentos caóticos e confusa terminologia, tenho contudo de reconhecer o muito que lhe devo pelo estímulo recebido assim como pela valiosa instrução em alguns aspectos da psicologia humana.

A psicanálise mergulhou-nos no meio de uma teoria dinâmica do espírito, de uma feição concreta ao estudo dos processos mentais e levou-nos a nos concentrar na psicologia infantil e na história do indivíduo. Finalmente, mas nem por isso menos importante, forçou-nos a levar em conta os lados não-oficiais e não-reconhecidos da vida humana.

O tratamento aberto do sexo e de várias vergonhosas mesquinharias e vaidades do homem — as principais coisas pelas quais a psicanálise é mais odiada e vilipendiada — é, em minha opinião, do maior valor para a ciência e deveria en-

carecer a psicanálise, principalmente aos olhos dos estudiosos do homem, se quisessem estudar seu objeto sem enfeites irrelevantes e ainda sem a folha da parreira. Como discípulo e adepto de Havelock Ellis, não acusarei, por minha parte, Freud de «pan-sexualismo», por mais que discorde profundamente de seu tratamento do impulso sexual. Nem aceitarei sem protesto suas idéias, lavando honestamente minhas mãos da imundície com que estão cobertas. O homem é um animal e, como tal, é às vezes sujo, cabendo ao antropólogo honesto encarar este fato. A queixa do estudioso contra a psicanálise não é ter tratado o sexo francamente e com a devida ênfase mas tê-lo tratado incorretamente.

Quanto às vicissitudes da história deste volume, devo dizer que as primeiras duas partes foram escritas muito antes do resto. Muitas idéias aí expostas foram formadas quando me empenhava em estudar a vida de comunidades melanésias em um arquipélago coralíneo. As instruções que me tinham sido enviadas por meu amigo o professor C. G. Seligman e alguma literatura que gentilmente me forneceu estimularam-me a refletir sobre a maneira em que o complexo de Édipo e outras manifestações do «inconsciente» podiam aparecer em uma comunidade fundada no direito materno. As observações reais sobre o complexo matrilinear entre os melanésios são, tanto quanto saiba, a primeira aplicação da teoria psicanalista ao estudo da vida selvagem, e como tal pode ter algum interesse para os estudiosos do homem, de seu espírito e cultura. Minhas conclusões são vazadas em uma terminologia mais psicanalítica do que gostaria agora de usar. Mesmo assim, não vou muito além de certas palavras, tais como «complexo» e «repressão», usando ambas em sentido perfeitamente definido e empírico.

A medida que avançava em minhas leituras, senti-me cada vez menos inclinado a aceitar por atacado as conclusões de Freud, e ainda menos as de cada ramo e sub-ramo da psicanálise. Como antropólogo, sinto mais especialmente que as teorias ambiciosas referentes aos selvagens, as hipóteses sobre a origem das instituições humanas e as explicações da história da cultura deveriam basear-se em um sólido conhecimento da vida primitiva assim como dos aspectos inconscientes e conscientes do espírito humano. Afinal, nem o casamento por grupos nem o totemismo, nem o costume de evitar a sogra nem a magia acontecem no «inconsciente». São todos fatos sociológicos e culturais sólidos e para tratar teoricamente deles, requer-se um tipo de experiência que não pode ser adquirido no consultório. Tive ocasião de convencer-me serem justificadas as minhas dúvidas quando procedi a um cuidadoso exame das obras de Freud *Totem e Tabu, Psicologia de Grupo e Análise do Ego,* do livro *Australian Totemism* de Róheim e dos trabalhos antropológicos de Reik, Rank e Jones. O leitor en-

contrará minhas conclusões comprovadas na terceira parte deste livro.

Na última parte do livro esforcei-me por apresentar minhas concepções positivas sobre as origens da cultura. Esbocei aí as modificações que a natureza animal da espécie humana deve ter sofrido nas condições anômalas que lhe foram impostas pela cultura. Mais especialmente, procurei mostrar que as repressões do instinto sexual e certas espécies de «complexos» devem ter surgido como subproduto mental da criação da cultura.

A última parte do livro, que trata do Instinto e Cultura, é em minha opinião a mais importante e ao mesmo tempo a mais discutível. Do ponto de vista antropológico pelo menos é um trabalho pioneiro, uma tentativa de exploração da «terra de nenhum especialista» entre a ciência do homem e a do animal. Sem dúvida grande parte de meus argumentos terão de ser refundidos, mas acredito que levantam importantes questões que terão de ser mais cedo ou mais tarde consideradas pelo biologista e pelo psicólogo animal, assim como pelo estudioso da cultura.

No que respeita à psicologia animal e à biologia tive de confiar na leitura geral. Usei principalmente as obras de Darwin e Havelock Ellis, dos professores Lloyd Morgan, Herrick e Thorndike, do Dr. Heape, do Dr. Köhler e do Sr. Pyecroft e toda a informação que pode ser encontrada nos livros sociológicos de Westermarck, Hobhouse, Espinas e outros. Não faço referências detalhadas no texto mas desejo expressar aqui minha dívida com relação a estas obras, acima de todas as do prof. Lloyd Morgan, cuja concepção de *instinto* parece-me a mais adequada de todas e cujas observações me foram extremamente úteis. Descobri demasiado tarde que há alguma discrepância entre o uso que faço dos termos *instinto* e *hábito* e o uso que lhes é dado pelo prof. Lloyd Morgan, o mesmo acontecendo em nossas respectivas concepções da *plasticidade dos instintos*. Não acredito que isto implique qualquer séria divergência de opinião. Acredito também que a cultura introduz uma nova dimensão na plasticidade dos instintos e que neste ponto o psicólogo animal pode lucrar em tomar conhecimento das contribuições dadas pelos antropólogos a este problema.

Na preparação deste livro recebi grande estímulo e ajuda discutindo o assunto com meus amigos a sra. Brenda Z. Seligman, de Oxford; o dr. R. H. Lowie e o prof. Kroeber, da Universidade de Califórnia; o sr. Firth, da Nova Zelândia; o dr. W. A. White, de Washington, e o dr. H. S. Sullivan, de Baltimore; o prof. Herrick, da Universidade de Chicago e o dr. Ginsberg, da Escola de Economia de Londres; o dr. G. V. Hamilton e o dr. S. E. Jelliffe, de Nova York; o dr. E.

Miller, de Harley Street; o sr. e sra. Jaime de Angulo, de Berkeley, Califórnia e o sr. C. K. Ogden, de Cambridge; o prof. Radcliffe-Brown, da Cidade do Cabo e o sr. Lawrence K. Frank, de Nova York. O trabalho de campo em que o livro se baseia tornou-se possível graças à munificência do sr. Robert Mond.

Meu amigo o sr. Paul Khuner, de Viena, a quem este livro é dedicado, ajudou-me muito com sua competente crítica, que esclareceu minhas idéias sobre o presente assunto assim como em relação a muitos outros.

B. M.

*Departamento de Antropologia,*
*Escola de Economia de Londres,*
*Universidade de Londres.*

*Fevereiro de 1927.*

*«Depois de ter por um longo período ignorado os impulsos em favor das sensações, a psicologia moderna tende agora a começar a fazer o inventário e a descrição das atividades instintivas. Trata-se de uma indiscutível melhoria. Mas quando procura explicar acontecimentos complicados na vida pessoal e social fazendo referência direta a estes poderes da natureza, a explicação torna-se nebulosa e forçada...*

*«Precisamos conhecer as condições sociais que educaram as atividades originais transformando-as em disposições definidas e significativas, antes de podermos discutir o elemento psicológico na sociedade. Este é o verdadeiro significado da psicologia social... A natureza humana nativa fornece a matéria-prima mas o costume fornece a maquinaria e os projetos... O homem é uma criatura do hábito, não da razão e nem mesmo do instinto.*

*«O tratamento do sexo pelos psicanalistas é muito instrutivo, mas revela flagrantemente tanto as conseqüências da simplificação artificial quanto da transformação dos resultados sociais em causas psíquicas. Os autores, em geral homens, discursam sobre a psicologia da mulher como se estivessem tratando com uma entidade universal platônica... Tratam fenômenos que são peculiarmente sintomas da civilização do Ocidente na época atual como se fossem esforços necessários de impulsos nativos fixos da natureza humana».*

JOHN DEWEY
em **Human Nature and Conduct**

# Parte I

# A FORMAÇÃO DE UM COMPLEXO

# I

# O Problema

A PSICANÁLISE NASCEU DA PRÁTICA MÉDICA E SUAS teorias são principalmente psicológicas, mas acha-se em estreita relação com dois outros ramos do conhecimento, a biologia e a ciência da sociedade. Um de seus principais méritos consiste talvez em forçar outro elo entre estas três divisões da ciência do homem. As concepções psicológicas de Freud — suas teorias do conflito, repressão, inconsciente, formação de complexos — constituem a parte mais elaborada da psicanálise e abrangem seu campo natural. A doutrina biológica — o tratamento da sexualidade e de suas relações com outros instintos, o conceito de "libido" e suas várias transformações — é uma parte da teoria muito menos acabada, menos livre de contradições e lacunas, recebendo muitas críticas que são em parte espúrias e em parte justificadas. O aspecto sociológico, aquele que mais nos interessa aqui, merece particular atenção. E' curioso observar que, embora a sociologia e a antropologia tenham dado grande contribuição em favor da psicanálise, e embora a doutrina do complexo de Édipo tenha evidentemente um aspecto sociológico, este aspecto é o que recebeu menos atenção.

A doutrina psicanalítica é essencialmente uma teoria da influência da vida familiar sobre o espírito humano. Procura mostrar-nos como as paixões, as tensões e conflitos da criança em relação a seu pai, sua mãe, irmãos

e irmãs dão em resultado a formação de certas atitudes mentais ou sentimentos permanentes para com eles, sentimentos que, vivendo parcialmente na memória e sendo parcialmente incluídos no inconsciente, influenciam a vida futura do indivíduo em suas relações com a sociedade. Uso a palavra *sentimento* no sentido técnico que lhe é dado pelo sr. A. F. Shand, com todas as importantes implicações que recebeu em sua teoria das emoções e dos instintos.

A natureza sociológica desta doutrina é evidente. O drama freudiano inteiro é representado em um tipo definido de organização social, no círculo estreito da família, composto de pai, mãe e filhos. Assim, o *complexo familiar*, o mais importante fato psicológico segundo Freud, é devido à ação de um certo tipo de grupamento social sobre o espírito humano. Além disso, a impressão mental recebida por todo indivíduo na juventude exerce outras influências sociais, pelo fato de predispô-lo à formação de certas ligações e moldar suas disposições receptoras e seu poder criador no domínio da tradição, da arte, do pensamento e da religião.

Assim, o sociólogo sente que seria preciso acrescentar dois capítulos sociológicos ao modo psicológico de tratar o complexo: uma introdução, com a explicação da natureza sociológica das influências familiares, e um epílogo, contendo a análise das conseqüências do complexo para a sociedade. O sociólogo por conseguinte tem diante de si dois problemas.

*Primeiro problema.* Se a vida da família é tão decisiva para a mentalidade humana, seu caráter merece mais atenção. E' um fato que *a família* não é a mesma em todas as sociedades humanas. Sua constituição varia enormemente com o nível de desenvolvimento e com o caráter da civilização do povo e não é idêntica nos diferentes estratos da mesma sociedade. De acordo com teorias correntes ainda hoje em dia entre os antropólogos, a família modificou-se enormemente durante o desenvolvimento da humanidade, passando de sua primeira forma promíscua, baseada no comunismo sexual

e econômico, através das fases da "família por grupo", baseada no "casamento por grupo", a "família consangüínea", baseada no "casamento Punalua", através da *Grossfamilie* e do parentesco de clã até sua forma final em nossa sociedade atual, a família individual baseada no casamento monógamo e na *patria potestas*. Mas, mesmo deixando de lado estas construções antropológicas que misturam alguns fatos com muitas hipóteses, não há dúvida que pela observação atual entre os selvagens de nosso tempo podemos ver grandes variações na constituição da família. Há diferenças que dependem da distribuição do *poder*, o qual, quando investido em graus variáveis no pai, dá as diversas formas de patriarcado ou quando investido na mãe produz as diversas subdivisões do direito materno. Há consideráveis divergências nos métodos de contagem e na maneira de apreciar a *descendência* — matrilinearidade baseada no desconhecimento da paternidade, e patrilinearidade a despeito deste desconhecimento; patrilinearidade devida ao poder e patrilinearidade devida a razões econômicas. Ainda mais, as diferenças na localização, moradia, fontes de suprimento alimentar, divisão do trabalho, etc. alteram grandemente a constituição da família humana entre as várias raças e povos da humanidade.

Surge, por conseguinte, o problema de saber se os conflitos, paixões e ligações no interior da família variam com a constituição desta ou se permanecem iguais em toda a humanidade. Se variam, como de fato acontece, então o complexo nuclear da família não pode permanecer constante em todas as raças e povos humanos, devendo variar com a constituição da família. A principal tarefa da teoria psicanalítica é portanto estudar os limites da variação, estabelecer a fórmula apropriada e finalmente discutir os tipos destacados de constituição da família e enunciar as formas correspondentes do complexo nuclear.

Talvez com uma única exceção[1], este problema não foi ainda levantado, pelo menos não de maneira explí-

[1] Refiro-me ao livro *The Psycho-Analytic Study of the Family* do Sr. J. C. Flügel que, embora escrito por um psicólogo, é inteiramente orientado

cita e direta. O complexo exclusivamente conhecido pela escola freudiana, e admitido por seus partidários como universal, — refiro-me ao complexo de Édipo — corresponde essencialmente à nossa família patrilinear ariana, com a *patria potestas* desenvolvida, apoiada no direito romano e na moral cristã e acentuada pelas condições econômicas modernas da burguesia abastada. No entanto, admite-se que este complexo existe em tôdas as sociedades selvagens ou bárbaras. Isto certamente não pode ser correto, e a detalhada discussão do primeiro problema irá mostrar-nos até que ponto esta suposição é falsa.

*O segundo problema.* Qual é a natureza da influência do complexo familiar sobre a formação dos mitos, lendas e contos de fadas, sobre certos tipos de costumes selvagens e bárbaros, formas de organização social e realizações da cultura material? Este problema foi claramente reconhecido pelos autores psicanalistas, que aplicaram seus princípios ao estudo do mito, da religião e da cultura. Mas a teoria do modo como a constituição da família influencia a cultura e a sociedade por meio das forças do complexo familiar ainda não foi elaborada corretamente. A maior parte das idéias que se relacionam com este segundo problema necessitam completa revisão do ponto de vista sociológico. Por outro lado, as soluções concretas propostas por Freud, Rank e Jones sobre os problemas mitológicos reais são muito mais sólidas do que seu princípio geral, segundo o qual o "mito é o sonho secular da raça".

A psicanálise, ao acentuar o fato de que o interesse do homem primitivo acha-se centralizado nele mesmo e nas pessoas que o cercam, sendo de natureza concreta e dinâmica, trouxe o fundamento certo para a psicologia primitiva, até aqui freqüentemente enredada na falsa noção do desapaixonado interesse do homem pela natureza e de sua preocupação com especulações filosóficas ao seu destino. Mas, visto ignorarem o primeiro pro-

na direção sociológica. Os últimos capítulos, especialmente os XV e XVII, contêm muita coisa que é uma abordagem do presente problema, embora o autor não o formule explicitamente.

blema, e admitindo tacitamente que o complexo de Édipo existe em todos os tipos de sociedade, certos erros penetraram no trabalho antropológico dos psicanalistas. Assim é que não podem chegar a resultados corretos quando se esforçam por acompanhar o desenvolvimento do complexo de Édipo, essencialmente de caráter patriarcal, em uma sociedade matrilinear, ou quando jogam com as hipóteses do casamento por grupo ou da promiscuidade, como se não fossem necessárias precauções especiais para apreender condições tão inteiramente alheias à constituição de nossa própria forma de família, tal como é conhecida na prática psicanalítica. Envolvido nestas contradições, o psicanalista que se mete a antropólogo faz hipotéticas suposições a respeito de um tipo de horda primitiva, ou de um pré-histórico protótipo do sacrifício totêmico, ou sobre o caráter de sonho do mito, em geral de todo incompatíveis com os próprios princípios fundamentais da psicanálise.

A Parte I deste livro é essencialmente uma tentativa, baseada em fatos observados em primeira mão entre os selvagens, de discutir o primeiro problema, a dependência em que estaria o complexo nuclear com relação à constituição da família. O estudo do segundo problema é deixado para a Parte II, enquanto as últimas duas partes tratam dos mesmos assuntos gêmeos examinados de maneira geral.

# II

## A Família no Direito Paterno e no Direito Materno

O MELHOR MODO DE EXAMINAR ESTE PRIMEIRO PROBLEMA — de que maneira o "complexo familiar" é influenciado e modificado pela constituição da família em determinada sociedade — é entrar concretamente no assunto, acompanhar a formação do complexo no curso da típica vida da família e proceder comparativamente no caso de civilizações diferentes. Não me proponho passar em revista aqui todas as formas de família humana, mas compararei em detalhes dois tipos dos quais tenho conhecimento por observação pessoal, a saber, a família patrilinear da civilização moderna e a família matrilinear de certas comunidades das ilhas do noroeste da Melanésia. Estes dois casos, porém, representam talvez os dois tipos mais radicalmente diferentes de família conhecidos pela observação sociológica, e por isso servem bem aos nossos propósitos. Algumas palavras serão necessárias para apresentar os ilhéus de Trobriand do nordeste da Nova Guiné (ou noroeste da Melanésia), que formarão o outro termo da nossa comparação, além da nossa própria cultura.

Estes nativos são matrilineares, isto é, vivem numa ordem social em que o parentesco é contado somente através da mãe e a sucessão e a herança descem na linha feminina. Isto significa que o rapaz ou a moça pertencem à família, ao clã e à comunidade da mãe. O rapaz sucede nas dignidades e na posição social ao irmão da

mãe e não é do pai mas do tio materno ou da tia materna, respectivamente, que a criança herda suas posses.

Todo homem e mulher nas Trobriand estabelece-se finalmente no matrimônio depois de um período de brinquedo sexual na infância, seguido de geral licenciosidade na adolescência e mais tarde por um tempo em que os amantes vivem juntos em um amor secreto mais permanente, partilhando, juntamente com dois ou três outros casais, uma "casa de solteiro" comunal. O matrimônio, que é em geral monógamo, exceto para os chefes, que têm várias esposas, é uma união permanente, que implica a exclusividade sexual, uma existência econômica comum e uma casa independente. À primeira vista poderia parecer a um conservador superficial ser o exato padrão do casamento entre nós. Na realidade, porém, é inteiramente diferente. Para começar, o marido não é considerado pai das crianças no sentido em que usamos esta palavra; fisiologicamente, nada tem a ver com o nascimento delas, de acordo com as idéias dos nativos, que ignoram a paternidade física. Segundo a crença dos nativos as crianças são inseridas no útero materno como minúsculos espíritos, geralmente pela ação do espírito de uma parenta morta da mãe.[3] O marido desta tem de proteger e cuidar das crianças, "recebê-las em seus braços" quando nascem, mas não são "dele", no sentido de que tenha alguma participação na procriação.

O pai é assim um amigo amado, benevolente mas não é reconhecido como parente dos filhos. E' um estranho que tem autoridade por intermédio de suas relações pessoais com a criança mas não devido à sua posição sociológica na linhagem. O parentesco real, isto é, a identidade da substância, o "mesmo corpo", só existe através da mãe. O irmão da mãe é que se acha investido da autoridade sobre os filhos. Ora, este indivíduo, devido ao rigoroso tabu que impede quaisquer relações amigáveis entre irmãos e irmãs, nunca pode ser íntimo da mãe e portanto da família dela. A mãe reco-

[3] Veja-se o trabalho do autor *The Father in Primitive Psychology* (Psyche Miniatures), 1927, e "Baloma, Spirits of the Dead", *Journ. R. Anthrop. Inst.*, 1916.

nhece a autoridade dele e se inclina diante dele como um plebeu diante de um chefe, mas não pode haver jamais relações de ternura entre eles. Os filhos da mulher são contudo seus únicos herdeiros e sucessores, sobre os quais exerce a direta *potestas*. Ao morrer, seus bens mundanos passam a ser guardados pelos filhos e durante a vida tem de transmitir-lhes quaisquer dons especiais que possua, danças, cantos, mitos, magia e ofícios. Cabe-lhe também fornecer à sua irmã e à família desta o alimento, entregando-lhe a produção da maior parte de sua horta. Os filhos, portanto, procuram no pai somente carinho e uma terna companhia. O irmão da mãe representa o princípio da disciplina, autoridade e poder executivo no interior da família.[*]

O comportamento da mulher em relação ao marido não é inteiramente servil. Ela tem suas próprias posses e sua esfera de influência, privada e pública. Nunca acontece que os filhos vejam a mãe maltratada pelo pai. Por outro lado, o pai é apenas parcialmente o arrimo da família, e tem de trabalhar principalmente para suas próprias irmãs, enquanto os meninos sabem que quando crescerem terão por sua vez de trabalhar para a família de suas irmãs.

O casamento é patrilocal, isto é, a moça vai juntar-se com seu marido na casa deste e emigra para a comunidade dele, se procede de outra, como é em geral o que acontece. Por conseguinte, os filhos crescem numa comunidade onde legalmente são estranhos, sem ter direito ao solo nem podendo orgulhar-se legalmente das glórias da aldeia, visto que seu lar, seu centro tradicional de patriotismo local, suas posses e orgulho dos antepassados encontram-se em outro lugar. Surgem estranhas combinações e confusões determinadas por esta dupla influência.

Desde tenra idade os meninos e as meninas filhos da mesma mãe ficam separados na família, devido ao es-

[*] Para uma exposição das estranhas condições econômicas destes nativos, veja-se o trabalho do autor "Primitive Economics" em *Economic Journal*, 1921, e mais *Argonauts of the Western Pacific*, Capítulos II e VI. O aspecto legal foi extensamente discutido em *Crime and Custom in Savage Society*, 1926.

trito tabu que prescreve não poder haver relações íntimas entre eles e determinam principalmente que qualquer assunto relacionado com o sexo nunca deverá interessá-los em comum. Acontece, por conseguinte, que, embora o irmão seja realmente a pessoa que tem autoridade sobre a irmã, o tabu impede-o de usar esta atividade na questão do casamento da irmã. O privilégio de dar ou retirar o consentimento é deixado portanto aos parentes, e o pai — o marido da mãe da moça — é a pessoa que tem a máxima autoridade nesta questão do casamento de sua filha.

Começa a se tornar clara a grande diferença entre os dois tipos de família que vamos comparar. Em nosso próprio tipo de família temos o poderoso marido e pai autoritário, apoiado pela sociedade.* Temos também os arranjos econômicos em virtude dos quais cabe a ele o ganha-pão, podendo — pelo menos nominalmente — retirar doações ou ser generoso, de acordo com sua vontade. Nas ilhas Trobriand, de outro lado, temos a mãe independente e seu marido, que nada tem a ver com a procriação dos filhos, não é o arrimo da família, não pode deixar suas posses aos filhos nem tem socialmente autoridade reconhecida sobre eles. Os parentes da mãe, por outro lado, estão investidos de uma influência muito poderosa, especialmente seu irmão, que é a pessoa dotada de autoridade, o produtor daquilo que a família necessita e cujas posses os filhos herdarão quando morrer. Assim, o padrão de vida social e a constituição da família têm um arranjo inteiramente diferente do que vigora em nossa cultura.

Poderia parecer que embora seja interessante examinar a vida da família em uma sociedade matrilinear, é supérfluo discorrer largamente sobre nossa própria vida

* Gostaria de mencionar que, embora sob o nome de "nossa própria" civilização, fale aqui das comunidades européias e americanas em geral, tenho no espírito primordialmente o tipo médio de família continental, pois foi sobre este material que se fundaram as conclusões da psicanálise. Não ouso profetizar se entre as camadas sociais superiores das cidades européias ocidentais e norte-americanas estamos agora nos movendo lentamente na direção das condições do direito materno, mais afins às idéias legais da Melanésia, do que para as do direito romano e dos costumes continentais. Se a tese deste livro for correta, alguns fatos modernos em matéria de sexo ("períodos de chamego", etc.), assim como o enfraquecimento do sistema patriarcal modificariam profundamente as configurações dos sentimentos no seio da família.

familiar, tão intimamente conhecida por qualquer de nós e tão freqüentemente recapitulada na recente literatura psicanalítica. Podemos simplesmente admiti-la. Mas, em primeiro lugar, é essencial num tratamento estritamente comparativo manter os termos da comparação claramente diante de nossos olhos e em seguida, uma vez que os dados matrilineares que serão expostos aqui foram recolhidos por métodos especiais do trabalho de campo antropológico, é indispensável moldar o material europeu na mesma forma, como se tivesse sido observado pelos mesmos métodos e examinado do ponto de vista antropológico. Conforme já tive ocasião de dizer, não encontrei em qualquer enunciado psicanalítico referência direta e consistente ao meio social, e menos ainda qualquer discussão relativa ao modo como o complexo nuclear e suas causas variam com o estrato social em nossa sociedade. No entanto, é evidente que os conflitos infantis não serão iguais no abarrotado quarto de criança de um burguês rico e na choupana do camponês ou na moradia de um único quarto de um pobre trabalhador. Ora, exatamente para justificar a verdade da doutrina psicanalítica seria importante considerar as camadas mais baixas e mais rudes da sociedade, onde se costuma falar sem rodeios, onde a criança está em permanente contato com os pais, vivendo e comendo no mesmo aposento e dormindo na mesma cama, onde não há "substituto do pai" que complique o quadro, nem as boas maneiras modificam a brutalidade do impacto e onde as ciumeiras e as mesquinhas competições da vida diária se chocam em uma dura, embora reprimida, hostilidade.*

E' preciso acrescentar que, quando se estuda o complexo nuclear e seus alicerces na atualidade social e biológica com o fim e aplicá-lo ao estudo do folclore, torna-se ainda mais urgente a necessidade de não desprezar as classes camponesas e analfabetas. As tradições populares têm origem em uma condição mais afim à do

* Meu conhecimento pessoal da vida, costumes e psicologia dos camponeses da Europa oriental permitiu-me verificar profundas diferenças entre as classes analfabetas e as educadas da mesma sociedade, no que se refere à atitude mental dos pais com com os filhos, e vice-versa.

camponês da Europa Central e Oriental moderna ou do artesão pobre do que nas condições dos indivíduos superalimentados, nervosos e esgotados da moderna Viena, Londres ou Nova York.

A fim de destacar mais claramente a comparação, dividirei a história da infância em períodos, tratando-os separadamente, descrevendo-os e comparando-os em ambas as sociedades. A exata distinção das etapas na história da vida familiar é importante no tratamento do complexo nuclear, porque a psicanálise — e aqui se encontra um de seus principais méritos — trouxe à luz a estratificação do espírito humano, mostrando sua aproximada correspondência com os estágios do desenvolvimento infantil. Os diversos períodos da sexualidade, as crises, as repressões e amnésias correlatas, nas quais certas lembranças são relegadas ao inconsciente, tudo isto implica uma clara divisão em períodos da vida infantil.* Para o propósito que temos em vista será suficiente distinguir quatro períodos no desenvolvimento da criança, definidos por critérios biológicos e sociológicos.

1. *Lactância*, na qual o bebê depende para se alimentar do seio materno e da sociedade para a proteção à mãe, sendo um período em que não pode mover-se independentemente nem articular seus desejos e idéias. Consideremos que este período se estende do nascimento até à época do desmame. Entre os povos selvagens, este período dura cerca de dois a três anos. Nas comunidades civilizadas é muito menor, geralmente apenas de um ano. Mas é melhor tomar os marcos naturais para dividir as etapas da infância. Nesta época a criança está fisiologicamente ligada à família.

* Embora no tratamento dado pelo prof. Freud à sexualidade infantil a divisão em várias fases distintas desempenham um papel fundamental, em sua obra mais detalhada sobre o assunto (*Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie*, 5ª edição) o esquema das fases sucessivas não é lucidamente nem mesmo explicitamente traçado. Isto torna a leitura desse livro um tanto difícil para quem não é especialista em psicanálise, criando certas ambigüidades e contradições, reais e aparentes, que o autor deste livro ainda não resolveu completamente. A exposição da psicanálise (*op. cit.*) por outros aspectos excelente, feita por Flügel, sofre também deste defeito, especialmente lamentável numa obra que pretende esclarecer e sistematizar a doutrina. Ao longo do livro, a palavra "criança" é usada às vezes significando "bebê" e outras vezes "adolescente", tendo em regra o sentido de ser inferido do contexto. A este respeito espero que o presente esboço seja de alguma utilidade.

2. *Primeira infância,* idade em que a criança, embora ligada à mãe e incapaz de levar uma existência independente, pode no entanto mover-se, falar e brincar livremente em torno dela. Podemos calcular este período dando-lhe uma duração de três a quatro anos, levando assim a criança até a idade de cerca de seis anos. Este período da vida cobre o primeiro gradativo desligamento dos laços familiares. A criança aprende a afastar-se da família e começa a ser auto-suficiente.

3. *Segunda infância,* fase em que é atingida uma relativa independência, época em que a criança perambula e brinca com outras crianças. Esta é também a época em que em todos os ramos da humanidade e em todas as classes de uma sociedade a criança começa de uma maneira ou de outra a iniciar-se na plena participação na vida da comunidade. Entre alguns selvagens começam então os ritos preliminares de iniciação. Entre outros povos e entre nossos próprios camponeses e trabalhadores, especialmente no Continente, a criança começa a fazer o aprendizado de sua futura vida econômica. Nesta ocasião nas comunidades européias ocidentais e americanas as crianças começam sua vida escolar. Este é o período da segunda separação das influências familiares, durando até a puberdade, que constitui seu término natural.

4. *Adolescência,* entre a puberdade fisiológica e a plena maturidade social. Em muitas comunidades selvagens esta época é abrangida pelos principais ritos de iniciação e em outras tribos é a época na qual a lei e a ordem começam a exercer seu poder sobre os moços e as moças. Nas comunidades civilizadas modernas é a época da educação secundária e superior ou então da aprendizagem final da tarefa a ser exercida na vida. Este é o período da completa emancipação da atmosfera familiar. Entre os selvagens e em nossas próprias camadas inferiores termina normalmente com o casamento e a fundação de uma nova família.

# III

## A Primeira Fase do Drama Familiar

E' UMA CARACTERÍSTICA GERAL DOS MAMÍFEROS O FATO do filhote não ser livre e independente ao nascer, mas depender dos cuidados da mãe para obter alimento, segurança, calor, limpeza e conforto corporal. A isto correspondem as diversas disposições corpóreas da mãe e do filho. Fisiologicamente, existe um apaixonado interesse instintivo da mãe pelo filho e o desejo do lactente pelo organismo materno, pelo calor do corpo da mãe, o suporte de seus braços e principalmente pelo leite e contato com o seio. A princípio a relação é determinada pela paixão seletiva da mãe, para a qual só seu próprio filho é caro, enquanto o bebê se satisfaz com o corpo de qualquer mulher lactante. Mas em pouco tempo a criança também distingue e sua afeição torna-se tão exclusiva e individual como a da mãe. Assim, o nascimento estabelece uma ligação que durará toda a vida entre a mãe e o filho.

Esta ligação funda-se primeiramente no fato biológico de que os mamíferos jovens não podem viver sem auxílio e assim a espécie depende para sobreviver de um dos mais fortes instintos, o do amor materno. Mas a sociedade apressa-se em intervir e em acrescentar seus decretos, a princípio fracos, à poderosa voz da natureza. Em todas as comunidades humanas, selvagens ou civilizadas, os costumes, a lei e a moral, às vezes mesmo a religião, tomam conhecimento do vínculo entre mãe e

filho, em geral desde a fase mais primitiva, o começo da gestação. A mãe, e às vezes também o pai, têm de guardar certos tabus e observâncias, ou executar ritos relacionados com o bem-estar da nova vida no interior do útero. O nascimento é sempre um importante acontecimento social, ao redor do qual se agrupam muitos usos tradicionais, freqüentemente associados à religião. Assim, mesmo o mais natural e mais diretamente biológico dos laços, o que existe entre a mãe e o filho, tem determinações sociais ao lado das fisiológicas e não pode ser descrito sem que se faça referência às influências exercidas pela tradição e pelos usos da comunidade.

Caracterizemos resumidamente estes codeterminantes sociais da maternidade em nossa própria sociedade. A maternidade é um ideal moral, religioso e mesmo artístico da civilização, a mulher grávida é protegida pela lei e pelos costumes e deveria ser considerada um objeto sagrado, enquanto ela mesmo deve sentir-se orgulhosa e feliz por sua condição. Os dados históricos e etnográficos atestam que este é um ideal que pode ser realizado. Mesmo na Europa Moderna, as comunidades judaicas ortodoxas da Polônia conservam-no na prática, e entre elas uma mulher grávida é objeto de real veneração, sentindo-se orgulhosa de sua condição. Contudo, nas sociedades cristãs arianas, a gravidez entre as classes inferiores tornou-se uma carga, sendo considerada um incômodo. Entre as pessoas abastadas é fonte de empecilhos, desconforto e temporário ostracismo da vida social ordinária. Como temos de reconhecer a importância da atitude pré-natal da mãe no que respeita a seu futuro sentimento para com o filho, e como esta atitude varia grandemente com o ambiente e depende dos valores sociais, é importante que este problema sociológico seja estudado mais de perto.

No nascimento, os padrões biológicos e os impulsos instintivos da mãe são endossados e fortalecidos pela sociedade que, em muitos de seus costumes, regras e ideais morais, fazem da mãe a ama do filho, e isto, falando em termos gerais, tanto nas camadas baixas co-

mo nas altas em quase todas as nações da Europa. No entanto, mesmo neste caso, tratando-se de uma relação tão fundamental, tão protegida biologicamente, há certas sociedades nas quais os costumes e o relaxamento dos impulsos inatos permitem notáveis aberrações. Assim, temos o sistema de entregar a criança durante o primeiro ano ou pouco mais de sua vida a uma mãe de criação alugada, costume que em certo tempo prevaleceu amplamente nas classes médias da França; ou o sistema quase igualmente nocivo de proteger o seio da mulher alugando uma mãe de criação ou alimentando a criança com alimento artificial, costume outrora dominante entre as classes abastadas, embora hoje em dia seja geralmente estigmatizado como antinatural. Ainda aqui o sociólogo tem de dar sua contribuição, a fim de traçar o verdadeiro quadro da maternidade que varia de acordo com diferenças nacionais, econômicas e morais.

Voltemo-nos agora para a consideração da mesma relação em uma sociedade matrilinear das praias do Pacífico. A mulher melanésia mostra invariavelmente um apaixonado desejo de seu filho, e a sociedade circunstante apóia seus sentimentos, alimenta suas inclinações e as idealiza pelo costume e pelos usos. Desde os primeiros momentos da gravidez a futura mãe tem de zelar pelo bem-estar de seu futuro rebento observando um certo número de tabus alimentares e outras regras. A mulher grávida é considerada pelo costume um objeto de reverência, um ideal plenamente realizado pelo comportamento e sentimentos efetivos desses naturais. Existe uma complicada cerimônia executada por ocasião da primeira gravidez, com um propósito intrincado e um tanto obscuro, mas acentuando a importância do acontecimento e atribuindo honras e distinções à mulher grávida.

Depois do nascimento, a mãe e o filho são isolados durante cerca de um mês, a mãe cuidando constantemente da criança e alimentando-a, enquanto somente algumas parentas femininas são admitidas na cabana. A adoção em circunstâncias normais é muito rara, e mesmo então a criança em geral é dada somente depois de ter

sido desmamada, e nunca é adotada por estranhos mas exclusivamente pelos parentes mais próximos. Um certo número de cerimônias, tais como a lavagem ritual da mãe e do filho, tabus especiais, que devem ser guardados pela mãe, e visitas de apresentação ligam a mãe e o filho por vínculos de costumes que se superpõem aos laços naturais.[7]

Assim, em ambas as sociedades as forças sociais dos costumes, da moral e das maneiras acrescentam-se ao ajuste biológico do instinto, trabalhando todas no mesmo sentido de ligar a mãe ao filho, de dar-lhes pleno campo de ação para a apaixonada intimidade da maternidade. Esta harmonia entre as forças sociais e biológicas assegura perfeita satisfação e a mais alta felicidade. A sociedade coopera com a natureza para repetir as felizes condições existentes no útero, quebradas pelo traumatismo do nascimento. O dr. Rank, em um livro que já revelou ter alguma importância para o desenvolvimento da psicanálise[8], indicou a significação da existência intra-uterina e de suas lembranças para a vida posterior. Seja lá o que for que possamos pensar a respeito do "traumatismo" do nascimento, não há dúvida que os primeiros meses após o nascimento realizam, graças à ação das forças biológicas e sociológicas, um estado de satisfação quebrado pelo "traumatismo" do desmame. As excepcionais aberrações desta situação só se encontram entre as camadas superiores das comunidades civilizadas.

Encontramos uma diferença muito maior na paternidade da família patriarcal em relação à família matrilinear neste período, sendo um tanto inesparado verificar que na sociedade selvagem, onde são desconhecidos os laços físicos de paternidade, e onde prevalece o direito materno, o pai está em uma relação muito mais íntima

[7] Uma importante forma do tabu observada por uma mãe depois do parto é a abstinência sexual que lhe é imposta. Para uma bela expressão das altas concepções morais dos nativos concernentes a este costume veja-se *The Contact of Races and Clash of Culture,* por G. Pitt-Rivers, 1927, Capítulo VIII, sec. 3.

[8] *Das Trauma der Geburt* (1924). Não é preciso dizer que as conclusões do livro do Dr. Rank são inteiramente inaceitáveis para o autor deste livro, que não pode adotar nenhum dos recentes desenvolvimentos da psicanálise nem mesmo compreender seu significado.

com os filhos do que normalmente acontece entre nós. Pois em nossa própria sociedade o pai na verdade desempenha uma parte muito pequena na vida do jovem bebê. Pelo costume, usos e maneiras, o pai abastado é mantido fora do quarto da criança, enquanto o camponês ou o trabalhador têm de deixar a criança entregue à mulher durante a maior parte das vinte e quatro horas. Talvez possa ressentir-se com a atenção que o bebê reclama e com o tempo que toma, mas em regra não ajuda nem interfere no trato da criancinha.

Entre os melanésios, a "paternidade", conforme vimos, é uma relação puramente social. Parte desta relação consiste nos deveres do pai para com os filhos de sua mulher; ele existe "para recebê-los em seus braços", frase que já citamos. Deve carregá-los quando em marcha a mãe está cansada e deve prestar assistência nos cuidados em casa. Toma conta dos filhos pequenos em suas necessidades naturais, limpa-os e há muitas expressões estereotipadas na língua nativa referentes à paternidade e suas fadigas e ao dever de gratidão filial para com ele. Um pai típico do Trobriand é uma ama conscienciosa e encarregada de trabalhos pesados, e nisto obedece ao apelo do dever, expresso na tradição social. O fato é que na verdade o pai está sempre interessado nos filhos, às vezes ardentemente, e executa todos os seus deveres com ansiedade e afeto.

Assim, se compararmos a relação patriarcal e a matrilinear neste primitivo estágio, vemos que o ponto principal de diferença encontra-se no pai. Em nossa sociedade, o pai é conservado fora da cena, tendo no melhor dos casos um papel subalterno. Nas ilhas Trobriand o pai desempenha um papel muito mais ativo, o que é principalmente importante porque dá-lhe um campo de ação muito maior para formar laços de afeição com seus filhos. Em ambas as sociedades, com poucas exceções, encontra-se pouco lugar para a ocorrência de conflitos entre a tendência biológica e as condições sociais.

# IV

## A Paternidade no Direito Materno

CHEGAMOS AGORA AO PERÍODO EM QUE A CRIANÇA JÁ está desmamada, está aprendendo a andar e começa a falar. Contudo, biologicamente só vai conquistando lentamente sua independência com relação ao corpo da mãe. Agarra-se a ela com um desejo apaixonado, incoercível da presença dela, do contato com o corpo dela e do terno suporte de seus braços.

Esta é a tendência biológica natural, mas em nossa sociedade, num estágio ou em outro, os desejos da criança são obstados e frustrados. Compreendamos em primeiro lugar que o período no qual agora entramos começa pelo processo do desmame. Devido a isso, a bem-aventurada harmonia da vida infantil é quebrada ou pelo menos modificada. Entre as classes superiores o desmame é preparado, graduado e ajustado de tal maneira que em geral passa sem qualquer choque. Mas entre as mulheres das classes inferiores, em nossa sociedade o desmame é freqüentemente uma separação dolorosa para a mãe e certamente para a criança. Mais tarde, outros obstáculos tendem a intrometer-se na intimidade da mãe com o filho, no qual nesta fase vão ocorrendo notáveis transformações. Torna-se independente em seus movimentos, pode alimentar-se, exprimir alguns de seus sentimentos e idéias e começa a entender e a observar. Nas classes elevadas os arranjos do quarto da criança separam a mãe do filho de maneira gradativa. Isto evita

qualquer choque mas deixa um vazio na vida da criança, um desejo e uma necessidade insatisfeita. Nas classes inferiores, onde a criança partilha do leito dos pais, em certo momento torna-se uma fonte de embaraços e um incômodo, sofrendo uma rude e mais brutal repulsão.

Como se compara nessa fase a maternidade selvagem nas ilhas de coral da Nova Guiné com a nossa? Em primeiro lugar, o desmame tem lugar muito mais tarde na vida, num momento em que a criança já é independente, pode ocorrer, comer praticamente tudo e ter outros interesses. Tem lugar num momento em que a criança nem deseja nem precisa mais do peito materno, e assim a primeira separação dolorosa é eliminada.

O "matriarcado", o domínio da mãe, de modo algum tem como conseqüência uma severa, terrível mãe virago. As mães de Trobriand carregam seus filhos, acariciam-nos, brincam com eles nesta etapa tão amorosamente quanto no período anterior e o costume assim como a moral espera delas este comportamento. A criança também está ligada a ela, de acordo com a lei, os costumes e o uso, por um laço mais estreito do que o existente entre ela e seu marido, cujos direitos são subordinados aos do filho. A psicologia das relações maritais íntimas tem portanto caráter diferente e a atitude do pai procurando afastar a criança da mãe não é certamente um acontecimento típico, se é que alguma vez ocorre. Outra diferença entre a mãe melanésia e a mãe européia típica é que a primeira é muito mais indulgente. Como há pouco preparo da criança e quase nenhuma educação moral, e começando esta mais tarde, sendo feita por outras pessoas, dificilmente há lugar para a severidade. Esta ausência de disciplina materna elimina de um lado certas aberrações da severidade que se encontram às vezes em nosso meio; de outro lado, porém, enfraquece o sentimento de interesse por parte da criança, o desejo de agradar à mãe e conquistar a aprovação dela. Este desejo, convém lembrar, é um dos fortes elos da ligação filial entre nós, e um dos que con-

servam grandes possibilidades de estabelecer uma relação permanente na vida mais tarde.

Voltando agora à relação paterna, vemos que em nossa sociedade, independentemente de nacionalidade ou classe social, o pai ainda goza do *status* patriarcal.* E' o chefe da família e o elo relevante na linhagem, sendo também o provedor econômico. Como dominador absoluto da família está sujeito a se tornar um tirano, caso em que surgem atritos de toda espécie entre ele e sua mulher e filhos. Os detalhes destes fatos dependem grandemente do meio social. Nas classes ricas da civilização ocidental, a criança é bem separada do pai por toda espécie de cuidados infantis. Embora constantemente com a ama, a criança é em geral assistida e controlada pela mãe, que, nesses casos, quase invariavelmente toma o lugar dominante nas afeições da criança. O pai, por outro lado, raramente entra no horizonte do filho e assim mesmo só como um espectador e um estranho, diante do qual as crianças devem se comportar bem, exibir-se e executar o que lhes mandam. O pai é a fonte da autoridade, a origem do castigo e portanto torna-se um bicho papão. Em geral o resultado é uma mistura. O pai é o ser perfeito em benefício do qual tudo tem de ser feito e ao mesmo tempo é o "ogre", que a criança tem de temer e cujo conforto, conforme a criança logo compreende, é que determina todo o arranjo da família. O pai amante e simpático tomará facilmente o papel primitivo de um semideus. O de caráter pomposo, duro ou inábil ganhará rapidamente a suspeita e mesmo o ódio dos filhos. Em relação ao pai a mãe torna-se um intermediário que às vezes está pronta a denunciar o filho à autoridade suprema, mas que ao mesmo tempo pode interceder contra a punição.

O quadro é diferente, embora os resultados não sejam desiguais, nas famílias de um único quarto ou de uma

* Gostaria de fazer aqui, ainda uma vez, uma exceção no que diz respeito à moderna família americana e inglesa. O pai está em processo de perda de sua posição patriarcal. Como, porém, as condições estão continuamente variando, não é seguro levá-las aqui em consideração. A psicanálise não pode esperar. penso eu, preservar seu "complexo de Édipo" para as futuras gerações, que só conhecerão um pai fraco e dominado pela mulher. Os filhos sentirão por ele uma indulgente piedade mais do que ódio e temor!

única cama dos camponeses pobres da Europa central e oriental, assim como das classes trabalhadoras inferiores. O pai mantém um íntimo contato com o filho, que em raras circunstâncias permite maior afeição, mas em geral dá origem a um atrito crônico e muito mais agudo. Quando o pai volta para a casa cansado do trabalho ou retorna bêbado da taberna tem naturalmente tendência a descarregar seu mau gênio sobre a família e maltrata a mãe e os filhos. Não há aldeia nem quarteirão pobre de uma cidade moderna onde não se possa encontrar casos de pura crueldade patriarcal. Eu mesmo de memória poderia citar numerosos casos em que pais camponeses, ao voltarem bêbados para a casa, batiam nos filhos unicamente por prazer ou arrastavam-nos para fora da cama e jogavam-nos no frio da noite.

Mesmo no melhor dos casos, quando o pai trabalhador volta para a casa as crianças têm de ficar quietas, cessar os jogos turbulentos e reprimir os surtos infantis espontâneos de alegria e tristeza. O pai é uma fonte suprema de castigo nas famílias pobres também, enquanto a mãe atua como intercessora e muitas vezes participa do tratamento imposto aos filhos. Nas famílias mais pobres porém o papel de provedor econômico e o poder social do pai são mais rápida e definidamente reconhecidos e atuam na mesma direção que sua influência pessoal.

O papel do pai melanésio nesta fase é muito diferente do exercido pelo patriarca europeu. Esbocei brevemente no Capítulo IV sua posição social muito diferente como marido e pai e a parte que desempenha na família. Não é o chefe da família, não transmite sua linhagem a seus filhos nem é o principal fornecedor do alimento. Isto modifica inteiramente seus direitos legais e sua atitude pessoal com relação à esposa. Um homem de Trobriand raramente brigará com a mulher, e ainda mais dificilmente tentará maltratá-la, não sendo capaz nunca de exercer uma permanente tirania. Mesmo a coabitação sexual não é considerada pela lei e pelos usos nativos como dever da mulher e privilégio do marido,

conforme acontece em nossa sociedade. Os nativos de Trobriand têm a concepção, ditada pela tradição, de que o marido deve à esposa os serviços sexuais, tem de prestá-los e pagar por eles. Uma das maneiras, na realidade a principal, de desincumbir-se desse dever é executar serviços para os filhos da mulher, demonstrando-lhes afeição. Há muitos provérbios nativos que incorporam numa espécie de folclore livre estes princípios. No período de lactância da criança o marido foi a ama, terno e amável. Mais tarde, no começo da primeira infância brinca com ela, carrega-a e ensina-lhe as brincadeiras divertidas e ocupações de acordo com sua fantasia.

Assim, a tradição legal, moral e consuetudinária da tribo e todas as forças da organização combinam-se para dar ao homem, em seu papel conjugal e paterno, uma atitude inteiramente diferente da que corresponde a um patriarca. E embora tenha de ser definida de maneira abstrata, isto não é de modo algum um mero princípio legal, afastado da vida, mas se expressa em cada detalhe da existência diária, permeia todas as relações no interior da família e domina os sentimentos aí encontrados. Os filhos nunca vêem a mãe subjugada, brutalizada ou em abjeta dependência do marido, mesmo quando ela é uma plebéia casada com um chefe. Nunca sentem a mão pesada do pai sobre eles, pois não é parente deles nem dono nem benfeitor. Não tem direitos ou prerrogativas. No entanto, como qualquer pai normal em todo o mundo, sente forte afeição pelos filhos, e isto juntamente com seus deveres tradicionais, leva-o a esforçar-se por conquistar o amor das crianças e assim conservar sua influência sobre elas.

Ao fazer-se a comparação entre a paternidade européia e a melanésia é importante ter em vista os fatos biológicos tanto quanto os sociológicos. Biologicamente há sem dúvida no homem comum a tendência a desenvolver sentimentos afetuosos e ternos com relação a seus filhos. Mas esta tendência não parece ser bastante forte para prevalecer sobre as muitas agruras que os filhos

acarretam para os pais. Quando por conseguinte a sociedade intervém, e em um caso declara que o pai é o senhor absoluto e que os filhos deveriam existir para benefício, prazer e glória dele, esta influência social inclina a balança em sentido contrário ao do feliz equilíbrio da afeição natural e da natural impaciência com o incômodo. Quando por outro lado uma sociedade matrilinear não concede privilégios ao pai nem lhe dá direito às afeições dos filhos, o pai tem de conquistá-los. Como além disso na mesma sociedade não-civilizada há menor tensão nervosa e são também menores suas ambições e responsabilidades econômicas, o pai se sente mais livre para se entregar a seus instintos paternos. Assim, em nossa sociedade o ajuste entre as forças biológicas e sociais, que era satisfatório bem no início da primeira infância, começa a mostrar mais tarde uma falta de harmonia. Na sociedade melanésia as relações harmoniosas persistem.

O direito parterno, como vemos, constitui em grande extensão uma fonte de conflito familiar, pelo fato de conceder ao pai exigências e prerrogativas sociais desproporcionadas com suas inclinações biológicas, com a afeição pessoal que pode sentir por seus filhos e com a que desperta neles.

# V

## A Sexualidade Infantil

Ao atravessar o mesmo terreno que Freud e os psicanalistas, esforcei-me contudo por deixar clara a questão do sexo, em parte com o fim de acentuar o aspecto sociológico da minha explicação, em parte para evitar debater distinções teóricas relativas ao afeto entre a mãe e o filho ou a "libido". Mas nesta fase, quando a criança começa a brincar com liberdade e a criar interesse pelo trabalho e pelas pessoas que a cercam, a sexualidade demonstra seus primeiros sinais em formas acessíveis à observação sociológica externa, afetando diretamente a vida da família.[10] Um cuidadoso observador das crianças européias, e quem não esqueceu sua própria meninice, tem de reconhecer que numa idade precoce, digamos entre os três e os quatro anos, surge nelas um tipo especial de interesse e curiosidade. Ao lado do mundo das coisas legais, normais e "bonitas" abre-se um mundo de desejos vergonhosos, interesses clandestinos e impulsos subterrâneos. As duas categorias de coisas, "decentes" e "indecentes", "puras" e "impuras", começam a cristalizar-se, tornando-se categorias destinadas a permanecer durante toda a vida. Em certas pessoas o "indecente" fica completamente suprimido

[10] O leitor interessado na sexualidade infantil e na psicologia da criança deveria também consultar A. Moll, *Das Sexualleben des Kindes* (1908); Havelock Ellis, *Studies in the Psychology of Sex* (1919 ed., pp. 13ss, também vol. I, 1910 ed., pp. 36ss e 235ss e passim). Os livros de Ploss-Renz, *Das Kind in Brauch und Sitte der Völker* (Leipzig, 1911-12); Charlotte Bühler, *Das Seelenleben des Jugendlichen* (1925); e os trabalhos de William Stern sobre a Psicologia da Criança são também importantes.

e os valores corretos da decência hipertrofiam-se até a virulenta virtude do puritano ou a hipocrisia, ainda mais repulsiva, do moralista convencional. Ou o "decente" é inteiramente encoberto pelo excesso na satisfação pornográfica e a outra categoria desenvolve-se em uma completa lascívia de pensamento, não menos repulsiva do que a própria "virtude" hipócrita.

Na primeira infância, que estamos agora considerando, isto é, de acordo com meu esquema a partir da idade de quatro a seis anos, o "indecente" centraliza-se em torno das funções excretórias, do exibicionismo e brinquedos com exposição indecente, em geral associados à crueldade. O indecente quase não faz diferença entre os sexos, estando pouco interessado no ato da reprodução. Qualquer pessoa que tenha vivido durante longo tempo entre camponeses e conheça intimamente a primeira infância deles reconhecerá que esta situação existe como coisa normal, embora não aberta. Entre as classes trabalhadoras as coisas parecem passar-se de maneira semelhante.[11] Entre as classes superiores as "indecências" são muito mais reprimidas, mas não muito diferentes. As observações feitas nestas camadas sociais, que seriam mais difíceis do que entre os camponeses, deveriam contudo ser realizadas urgentemente por motivos pedagógicos, morais e eugênicos, sendo estabelecidos métodos convenientes de pesquisa. Acredito que os resultados confirmariam em grau extraordinário algumas das afirmativas de Freud e sua escola.[12]

De que modo a sexualiade infantil ou a indecência infantil recentemente despertadas influenciam a relação com a família? Na divisão entre coisas "decentes" e "indecentes", os pais, e especialmente a mãe, acham-se inteiramente incluídos na primeira categoria e conservam-se no espírito da criança absolutamente livres do "in-

[11] O consciencioso sociólogo Zola forneceu-nos rico material sobre o assunto, inteiramente de acordo com minhas próprias observações.

[12] As afirmações, feitas por Freud, sobre a ocorrência normal da sexualidade prematura, da pequena diferenciação entre os sexos, do erotismo anal e a ausência de interesse genital, de acordo com minhas observações, são corretas. Em um recente artigo (*Zeitschrift für Psycho-Analyse*, 1923), Freud de certo modo modificou sua concepção anterior, afirmando, sem dar argumentos, que as crianças naquela fase, apesar de tudo, já têm um interesse "genital". Não posso concordar com isso.

decente". O sentimento de que a mãe possa perceber qualquer brincadeira infantil libidinosa é extremamente desagradável para a criança, havendo uma forte tendência a não aludir a qualquer assunto sexual na presença dela nem a falar de tais coisas. O pai, que é também mantido estritamente fora da categoria "indecente", é além disso considerado como a autoridade moral a quem estes pensamentos e passatempos ofenderiam. O "indecente" sempre transporta consigo um sentimento de culpa. [23]

Freud e a escola psicanalítica sempre fizeram empenho em acentuar a rivalidade sexual entre mãe e filha, pai e filho, respectivamente. Minha opinião pessoal é que a rivalidade entre mãe e filha não começa nesta etapa primitiva. De qualquer modo, nunca observei traços dela. As relações entre pai e filho são mais complexas. Embora, conforme disse, o menino pequeno não tenha pensamentos, desejos ou impulsos relativos à sua mãe que ele julgue pertencerem à categoria do "indecente", não pode haver dúvida que o organismo jovem reage sexualmente ao íntimo contato corporal com a mãe. [24] Uma conhecida advertência dada pelas velhas mexeriqueiras às jovens mães nas comunidades camponesas declara que os meninos de mais de três anos deveriam dormir separados das mães. A ocorrência da ereção infantil é bem conhecida nessas comunidades, assim co-

[23] A atitude do homem e da mulher modernos está mudando rapidamente. Atualmente "esclarecemos" conscienciosamente nossos filhos e conservamos o "sexo" concisamente preparado para eles. Em primeiro lugar, porém, devemos lembrar-nos de que estamos tratando aqui com uma minoria, mesmo entre a "intelligentsia" inglesa e americana. Em segundo lugar, não estou de modo algum seguro se o acanhamento e a embaraçosa atitude dos filhos com relação aos pais nas questões relativas ao sexo será em algum grau superado por este método de tratamento. Parece existir uma tendência geral mesmo entre os adultos no sentido de eliminar os elementos emocionais dramáticos, perturbadores e misteriosos de qualquer relação estável baseada no encontro sexual cotidiano. Mesmo entre os habitantes das ilhas Trobriand, essencialmente "não recalcados", os pais nunca são os confidentes em matéria de sexo. E' notável como é muito mais fácil fazer qualquer delicada ou vergonhosa confissão aos amigos e conhecidos que não estão demasiado intimamente ligados à nossa vida diária.

[24] Desde que isto foi escrito em 1921, modifiquei minhas opiniões a este respeito. A afirmação de que "um jovem organismo reage sexualmente ao estreito contato corporal com a mãe" parece-me agora absurda. Sinto-me satisfeito em usar esta palavra forte tendo sido eu próprio quem escreveu a proposição absurda. Apresentei aquilo que me parece ser a análise adequada desta fase da psicologia infantil mais tarde, Parte IV, Capítulo IX.

mo o fato do menino apegar-se à mãe de maneira diferente da que a menina costuma fazer. Nestas condições, parece provável, mesmo a um observador sociológico externo, que o pai e o jovem filho têm uma componente de rivalidade sexual. Os psicanalistas afirmam isto categoricamente. Entre as classes mais abastadas os conflitos abertos surgem mais raramente, se é que alguma vez acontecem, mas surgem na imaginação e em forma mais requintada embora talvez não menos insidiosa.

Convém notar que nesta fase, quando a criança começa a demonstrar um caráter e um temperamento diferentes conforme o sexo, os sentimentos dos pais diferenciam entre filhos e filhas. O pai vê no filho seu sucessor, aquele que o deve substituir na linhagem familiar e na família. Torna-se, portanto, mais crítico e isto influencia seus sentimentos em duas direções: se o menino demonstra sinais de deficiência mental ou física, se não revela ser o tipo do ideal em que o pai acredita, será uma fonte de amarga desilusão e hostilidade. Por outro lado, mesmo neste estágio, uma certa rivalidade, o ressentimento da futura suplantação e a melancolia da geração declinante conduzem igualmente à hostilidade. Reprimida em ambos os casos, esta hostilidade endurece o pai contra o filho e provoca, como reação, uma resposta que é dada por sentimentos hostis. A mãe, por outro lado, não tem motivos para sentimentos negativos e tem novas razões de admiração pelo filho, como homem que vai ser. O sentimento do pai com relação à filha — repetição dele mesmo em forma feminina — dificilmente deixa de evocar uma terna emoção e às vezes também de adular sua vaidade. Assim, fatores sociais misturam-se aos biológicos e fazem o pai apegar-se mais ternamente à filha do que ao filho, enquanto com a mãe dá-se o contrário. Mas é preciso notar que a atração pelo rebento do outro sexo, simplesmente porque é do outro sexo, não significa necessariamente atração sexual.

Na Melanésia verificamos um tipo completamente diferente de desenvolvimento sexual na criança. Não pa-

rece haver dúvida que os impulsos biológicos não diferem essencialmente. Mas não consegui descobrir quaisquer traços daquilo que pudesse ser chamado indecências infantis ou de um mundo subterrâneo em que as crianças se entreguem a passatempos clandestinos centralizados em redor das funções excretórias ou ao exibicionismo. O assunto apresenta naturalmente certas dificuldades de observação, pois é difícil entrar em comunicação pessoal com a criança selvagem e se houvesse um mundo de coisas indecentes, como acontece entre nós, seria tão inútil indagar a respeito dele dirigindo-se a um nativo adulto médio quanto a uma mãe, a um pai ou a uma ama convencionais em nossa sociedade. Mas existe uma circunstância que torna a questão de tal modo diferente entre esses nativos que não há perigo de cometer um erro: é o fato de que entre eles não há repressão, não há censura nem reprovação moral da sexualidade infantil do tipo genital quando vêm à luz em uma fase um pouco mais tardia do que aquela que estamos agora considerando, aproximadamente na idade de cinco a seis anos. Assim, se houvesse qualquer indecência mais primitiva, seria tão facilmente observada quanto a fase genital posterior de brinquedos sexuais.

Como se pode, portanto, explicar por que entre os selvagens não existe o período daquilo que Freud chama o interesse "pré-genital", "anal-erótico"? Poderemos compreender isto melhor quando examinarmos a sexualidade da fase seguinte do desenvolvimento infantil, sexualidade em que as crianças melanésias nativas diferem essencialmente das nossas.

# VI

## A Aprendizagem para a Vida

ENTRAMOS AGORA NA TERCEIRA FASE DA INFÂNCIA, aquela que começa entre os cinco e sete anos. Neste período a criança começa a sentir-se independente, a criar seus próprios jogos, a procurar companheiros da mesma idade com os quais tem a tendência a andar sem ser embaraçada por adultos. Esta é a época em que o brinquedo começa a transformar-se em ocupações mais definidas e em mais sérios interesses na vida.

Continuemos nosso paralelo nesta fase. Na Europa, a entrada para a escola ou, entre as classes que não recebem educação, alguma espécie de aprendizagem preliminar de uma ocupação econômica retira a criança da influência da família. O menino ou a menina perdem até certo ponto a exclusiva ligação com a mãe. No menino, freqüentemente neste período ocorre uma transferência de sentimento para uma mãe substituta, que, com o tempo, é considerada com um pouco da ternura afetuosa sentida em relação à mãe, mas sem outros sentimentos. Esta transferência não deve ser confundida com a tendência, muito posterior, dos meninos adolescentes a se apaixonarem por mulheres mais velhas do que eles. Ao mesmo tempo, surge o desejo de independência da intimidade dominadora do interesse materno, o que leva a criança a retirar a confiança absoluta que tinha nos pais. Entre os camponeses e nas classes inferiores o processo de emancipação com relação à mãe

ocorre mais cedo do que nas classes altas mas é em essência semelhante. Quando a mãe é profundamente presa ao filho, especialmente ao menino, pode sentir certo ciúme e ressentimento por ocasião desta emancipação, pondo obstáculos à realização dela. Isto em geral torna a separação mais penosa e violenta.

As crianças das praias coralíneas do Pacífico Ocidental apresentam uma tendência semelhante. Esse fato aparece aí ainda mais claramente porque a ausência de educação compulsória e de qualquer disciplina estrita nessa idade permite o jogo muito mais livre das inclinações naturais da natureza infantil. Por parte da mãe contudo na Malanésia não há ciume, ressentimento ou ansiedade por motivo da recém-adquirida independência da criança, e aqui vemos a influência da ausência de qualquer interesse educacional profundo entre a mãe e o filho. Nesta fase, as crianças do arquipélago de Trobriand começam a formar uma pequena comunidade juvenil dentro da comunidade. Vagueiam em bandos, brincam em praias distantes ou em partes isoladas da floresta, juntam-se com outras pequenas comunidades de crianças de aldeias vizinhas e em tudo isto, embora obedeçam às ordens de seus dirigentes infantis, são quase completamente independentes da autoridade dos mais velhos. Os pais nunca procuram retê-los, não intervêm de modo algum nem se esforçam por prendê-los a uma rotina. De início evidentemente a família ainda conserva considerável domínio sobre a criança, mas o processo de emancipação progride gradativamente e constantemente, de maneira natural e sem entraves.

Há neste ponto uma grande diferença entre as condições européias, nas quais a criança freqüentemente passa da intimidade da família para a fria disciplina da escola ou de outro aprendizado preliminar, e a situação na Melanésia, onde o processo de emancipação é gradual, livre e agradável.

Que acontece porém com o pai neste estágio? Em nossa sociedade — ainda aqui excluimos certas fases modernas da vida familiar na Inglaterra e nos Estados Unidos — o pai ainda representa o princípio de autoridade na família. Fora, na escola, na oficina, no trabalho

manual preliminar que os filhos dos camponeses são levados em geral a executar é o pai em pessoa ou um substituto seu que exerce o poder. Nas classes superiores neste estágio, dá-se o processo muito importante de formação consciente da autoridade paterna e do ideal do pai. A criança começa agora a compreender aquilo que já tinha suspeitado e sentido antes, a saber, a autoridade estabelecida do pai como chefe da família e sua influência econômica. O ideal da infalibilidade, sabedoria, justiça e poder paterno é em geral, em graus variáveis e por diferentes maneiras, inculcado na criança pela mãe ou pela ama no ensinamento religioso e moral. Ora, o papel de um ideal não é jamais fácil e mantê-lo na intimidade da vida diária é na verdade um desempenho muito difícil, especialmente para quem não submete seu mau gênio e suas loucuras a nenhuma disciplina. Assim, mal o ideal do pai se vai formando e já começa a se decompor. A criança de início sente apenas um vago mal-estar ao ver o mau gênio ou as fraquezas do pai, tem medo de sua cólera, é possuida de um obscuro sentimento de injustiça, às vezes mesmo tem vergonha quando o pai manifesta um acesso realmente mais penoso. Em breve está formado o típico sentimento com relação ao pai, cheio de emoções contraditórias, uma mistura de reverência, desprezo, afeição e desagrado, ternura e medo. E' neste período da infância que a influência social devida às instituições patriarcais torna-se sentida na atitude da criança com relação ao seu genitor. Entre o menino e seu pai as rivalidades de sucessor e superado, e os ciúmes mútuos descritos na seção anterior cristalizam-se mais distintamente e tornam os elementos negativos da relação pai-para-filho mais predominantes do que no caso do pai-para-filha.

Entre as classes inferiores, o processo de idealização do pai é mais rude mas não menos importante. Conforme já tive ocasião de dizer, o pai numa família tipicamente camponesa é um completo tirano. A mãe concorda com a supremacia dele e transmite esta atitude aos filhos, que reverenciam mas ao mesmo tempo temem a poderosa e brutal força corporificada no pai. Forma-se aqui também

um sentimento composto de emoções ambivalentes, com a nítida preferência do pai pelas filhas.

Qual é o papel do pai na Melanésia? Pouco há que dizer nesta fase. O pai continua a agir como amigo para com os filhos, a ajudá-los, a ensiná-los o que desejam e tanto quanto desejam. As crianças, é verdade, nesta etapa acham-se menos interessadas nele e preferem em geral seus pequenos camaradas. Mas o pai acha-se sempre presente como um valioso conselheiro, meio companheiro de jogo, meio protetor.

Contudo, neste período o princípio da lei e da autoridade tribal, a submissão às coações e à proibição de certas coisas desejáveis entram na vida do menino ou da menina. Mas esta lei e estas coações são representadas por uma pessoa completamente diferente do pai, pelo irmão da mãe, o chefe masculino da família numa sociedade matriarcal. E' ele que realmente exerce *a potestas* e de fato faz amplo uso dela.

Sua autoridade, embora estreitamente paralela à do pai entre nós, não é exatamente idêntica. Em primeiro lugar, sua influência é introduzida na vida da criança muito mais tarde que a do pai europeu. Além disso, nunca entra na intimidade da vida familiar mas vive em outra cabana e em geral numa aldeia diferente, porque, sendo o casamento patrilocal nas ilhas Trobriand, sua irmã e seus filhos residem na aldeia do marido e pai. Assim, seu poder exerce-se a distância e não pode se tornar opressor nos pequenos assuntos que são mais aborrecidos. Traz para a vida da criança, menino ou menina, dois elementos, primeiro, o de dever, proibição e coação; segundo, especialmente no que se refere à vida do menino, os elementos de ambição, orgulho e os valores sociais, na verdade metade daquilo que torna a vida digna de ser vivida para um habitante de Trobriand. A coação surge na medida em que o irmão da mãe começa a dirigir as ocupações do menino, a exigir deste certos serviços e a ensinar-lhe algumas das leis e proibições tribais. Muitas destas já tinham sido inculcadas no menino pelos pais, mas o *kada* (irmão da mãe) é sempre exaltado diante dele como a autoridade real que se acha por trás das regras.

Um menino de seis anos será solicitado pelo irmão de sua mãe a participar de uma expedição, a começar certo trabalho no jardim, a ajudar no transporte da colheita. Ao realizar estas atividades na aldeia de seu tio materno e juntamente com outros membros de seu clã, o menino aprende que está contribuindo para a *butura* de seu clã; começa a sentir que esta é a sua própria aldeia e o seu povo; aprende as tradições, mitos e lendas de seu clã. Nesta fase a criança também coopera freqüentemente com seu pai, sendo interessante notar a diferença na atitude que tem com relação aos dois adultos. O pai ainda continua íntimo, a criança ainda gosta de trabalhar com ele, ajuda-o e aprende o que lhe ensina, mas compreende cada vez mais que esta cooperação baseia-se na boa vontade e não na lei e que o prazer que nela encontra é o prêmio que recebe, mas a glória vai para o clã de estranhos. A criança também vê sua mãe recebendo ordens do irmão, aceitando favores dele, tratando-o com a maior reverência, curvando-se diante dele como uma pessoa comum diante de um chefe. Aos poucos começa a entender que é o sucessor de seu tio materno e que será também o senhor de suas irmãs, das quais nessa época já está separado por um tabu social que proíbe qualquer intimidade.

O tio materno, assim como o pai entre nós, é apresentado como um ideal para o menino, sendo exaltado como a pessoa que deve ser agradada e que deve constituir o modelo a ser imitado no futuro. Vemos assim que a maior parte dos elementos, embora não todos, que tornam o papel do pai tão difícil em nossa sociedade são atribuídos entre os melanésios ao irmão da mãe. Tem o poder, é idealizado, a ele se submetem as crianças e a mãe, enquanto o pai está inteiramente liberado de todas estas odiosas prerrogativas e características. Mas o irmão da mãe apresenta à criança alguns novos elementos que tornam a vida maior, mais interessante e dotada de maior atração, a saber, ambição social, glória tradicional, orgulho de sua linhagem e parentesco, promessas de riquezas, poder e status social futuro.

E' preciso compreender que na época em que a criança européia começa a descobrir seu caminho no meio de nossas complexas relações sociais, o menino ou a menina melanésios começam também a perceber o princípio do parentesco, que é o principal fundamento da ordem social. Estes princípios penetram na intimidade da vida familiar e reorganizam para a criança o mundo social que até então consistia para ela nos círculos extensos da família, das outras famílias, vizinhos e comunidade da aldeia. A criança aprende agora que tem de distinguir acima e através destes grupos duas categorias principais. Uma consiste em seus parentes reais, seus *veyola*. Pertencem a esta em primeiro lugar sua mãe, seus irmãos e irmãs, seu tio materno e todos os seus parentes. Estas pessoas são da mesma substância ou do "mesmo corpo" que ele. São os homens a quem tem de obedecer, com quem tem de cooperar, ajudando no trabalho, na guerra e nos conflitos pessoais. As mulheres de seu clã e de seu parentesco são estritamente tabus sexualmente para ele. A outra categoria social consiste nos estranhos ou "pessoas de fora", *tomakava*. Por este nome são denominados todas aquelas pessoas que não se aparentam com ele por laços matrilineares ou que não pertencem ao mesmo clã. Mas este grupo compreende também o pai e os parentes deste, masculinos e femininos, e as mulheres com as quais pode casar-se ou ter relações amorosas. Ora, estas pessoas, especialmente o pai, têm com ele uma relação pessoal muito estreita que contudo é inteiramente ignorada pela lei e pela moralidade. Temos assim de um lado a consciência da identidade e parentesco associada às ambições e orgulho sociais, mas também às coações e à proibição sexual; e de outro lado, com relação ao pai e aos parentes deste, livre amizade e sentimento natural, assim como liberdade sexual, mas não havendo identidade pessoal nem ligações tradicionais.

# VII

## A Sexualidade na Segunda Infância

PASSAMOS AGORA AO PROBLEMA DA VIDA SEXUAL NO TERceiro período, a segunda infância, como poderíamos chamá-lo, abrangendo a fase da liberdade de brinquedo e movimento, que vai de cerca dos cinco a seis anos até a puberdade. Mantive o exame do sexo separado do que se refere às influências sociais ao tratar do período anterior da vida infantil, e procederei aqui da mesma maneira, de modo a deixar claras as respectivas contribuições do organismo e da sociedade.

Na Europa moderna, segundo Freud, estabelece-se nesta idade um fenômeno muito curioso, a saber a repressão da sexualidade, um período de latência, uma calmaria no desenvolvimento das funções e impulsos sexuais. O que torna este período de latência especialmente importante no esquema freudiano das neuroses é a amnésia ligada a ele, a cortina de completo esquecimento que cai sobre este período e oblitera as reminiscências da sexualidade infantil. Deve-se considerar, entretanto, que esta importante e interessante afirmativa de Freud não é aprovada por outros estudiosos. Por exemplo, Moll, em seu estudo sobre a sexualidade infantil (contribuição muito completa e competente)[15], não faz qualquer menção da existência de uma calmaria no desenvolvimento sexual. Pelo contrário, sua exposição implica na contínua e gradativa ampliação da sexualidade na criança, elevando-se

[15] A. Moll, *Das Sexualleben des Kindes*, 1908.

a curva de maneira contínua sem qualquer inflexão. E' notável verificar que o próprio Freud às vezes parece vacilar. Assim, de todos os períodos da infância este não tem um capítulo claro e explícito que lhe seja dedicado e em um ou dois lugares Freud chega mesmo a retirar a afirmação de que exista.[16] No entanto, se me é permitido fazer afirmações com base no material recolhido de conhecimento pessoal de escolares bem educados, o período de latência instala-se invariavelmente cerca dos seis anos e dura de dois a quatro anos. Durante este tempo o interesse em indecências esmorece, as cores vívidas embora sedutoras que tinham desbotam e elas são reprimidas e esquecidas, enquanto novas coisas surgem para absorver o interesse e as energias.

Como podemos explicar a divergência nas próprias idéias de Freud assim como a ignorância dos fatos por outros estudiosos do sexo?

E' claro que não estamos tratando aqui com um fenômeno profundamente arraigado na natureza orgânica do homem, mas com um fato largamente quando não inteiramente, determinado por fatores sociais. Se empreendermos uma análise geral comparativa das várias camadas da sociedade, perceberemos sem dificuldade que entre as classes inferiores, especialmente os camponeses, o período de latência é muito menos pronunciado. A fim de ver as coisas claramente retornemos ao período anterior da sexualidade pré-genital infantil e examinemos como se ligam os dois períodos. Vimos no capítulo V que tanto nos estamentos inferiores quanto nos superiores existe numa idade precoce este forte interesse pelo "indecente". Entre as crianças filhas de camponeses, entretanto, esse interesse aparece um tanto mais tarde e tem um caráter ligeiramente diferente. Comparemos, uma vez mais, as fontes do "erotismo anal", como é chamado por Freud, entre as

[16] O período da latência é freqüentemente mencionado, por exemplo, em *Drei Abhandlugen*, 5ª edição, pp. 40, 44, 64; *Vorlesungen*, 1922, p. 374. Mas não há qualquer tratamento especial desse período em nenhum de tais livros. Além disso, lemos as seguintes expressões: "Die Latenzzeit kann auch entfallen. Sie braucht keine Unterbrechung der Sexualbetätigung, der Sexualinteressen mit sich zu bringen", *Vorlesungen, loc. cit.* ["O período latente pode também faltar. Não precisa implicar nenhuma interrupção da atividade sexual, dos interesses sexuais", *Preleções, loc. cit.*].

crianças das classes inferiores e superiores.[17] No quarto do bebê rico, as funções naturais, o interesse na excreção são a princípio encorajados e depois subitamente detidos. A ama ou a mãe, que até certo ponto procura estimular o desempenho, elogia a rápida execução e mostra os resultados, descobre em certo momento que a criança toma demasiado interesse nele e começa a brincar de uma maneira que aparece como impura aos adultos, embora seja perfeitamente natural para a criança. Então a autoridade da ama intervém, a criança leva palmadas, esse comportamento torna-se uma ofensa e o interesse é violentamente reprimido. A criança cresce, as reticências, a cara feia e os artificialismos começam a envolver as funções naturais com um interesse clandestino e uma misteriosa atração.

Aqueles que se lembram de sua própria infância podem compreender como esta atmosfera repressiva de insinuações e *sous-entendus* é sentida pela criança e o modo como esta compreende seu significado. Terão de reconhecer que a categoria do "indecente" é criada pelos mais velhos. Pelas observações das crianças, além disso, assim como recorrendo à memória, é fácil verificar quão rápida e precocemente as crianças apreendem as atitudes artificiais dos adultos, tornando-se pequenos puritanos, moralistas e esnobes. Entre a gente do campo as condições são inteiramente diferentes. As crianças são instruídas sobre questões sexuais logo nas primeiras idades; não podem deixar de ver o desempenho sexual de seus pais e outros parentes, ouvem brigas nas quais são recitadas listas inteiras de obscenidades e minúcias sexuais. Têm de tratar com animais domésticos cuja propagação em detalhes é matéria de grande interesse da família inteira, sendo livre e minuciosamente discutida. Vivendo profundamente saturadas de coisas naturais, sentem-se menos inclinadas a se divertirem fazendo de maneira clandestina aquilo que de vários modos podem fazer e gozar abertamente. Os filhos das classes trabalhadoras situam-se talvez a meio caminho entre os dois extremos. Tendo pouco contato com

[17] Não usaria agora o feio neologismo "erotismo anal", mas desde que um termo é definido não há inconveniente em tomá-lo emprestado de uma doutrina que está sendo discutida.

os animais, recebem entretanto uma quantidade ainda maior de demonstrações de alcova e de instrução de taverna.

Qual é o resultado dessas diferenças essenciais entre crianças abastadas e proletárias? Em primeiro lugar, a "indecência" que, entre as crianças burguesas, é alimentada pela repressão da curiosidade natural, é muito menos pronunciada nas classes baixas e aparece somente mais tarde, quando a indecência já está associada com as idéias de sexualidade genital. Nas classes mais altas, quando a curiosidade pelas indecências já está terminada e com o abandono do quarto do bebê brotam na vida novos interesses, o período de latência instala-se então e esses novos interesses absorvem a criança, enquanto a ausência de conhecimento, que é comum entre as crianças das famílias educadas, impede o interesse genital de instalar-se tão cedo.

Nas classes inferiores este conhecimento e a curiosidade inicial em questões genitais apresentam-se ao mesmo tempo e estabelecem uma continuidade, um desenvolvimento constante desde o período mais antigo até o da plena puberdade sexual.

A natureza das influências sociais colabora com estes fatos para produzir uma quebra de continuidade muito maior na vida da criança abastada. Enquanto toda sua vida até a idade de seis anos era devotada a brincar, vê-se agora subitamente obrigada a aprender e entregar-se a trabalhos escolares. O filho do camponês já tinha anteriormente ajudado na cozinha e no cuidado das crianças menores, ou corria atrás dos gansos e das ovelhas. Neste momento não há quebra de continuidade em sua vida.

Assim, embora o primeiro interesse infantil nas coisas indecentes despertem mais cedo e em outra forma nas crianças camponesas e proletárias, é menos clandestino, menos ligado à idéia de culpa, e por conseguinte menos imoral, menos "anal-erótico" e mais ligado ao sexo. Passa mais facilmente e com mais continuidade para os primeiros brinquedos sexuais, sendo o perigo de latência quase completamente ausente ou, em qualquer caso, muito menos pronunciado. Isto explica por que a psicanálise que trata

de neuróticos abastados ou ricos, foi levada à descoberta deste período, enquanto as observações médicas gerais do Dr. Moll não o descobriram.

Mas se houvesse qualquer dúvida sobre o fato desta diferença entre as classes e sua causa, tal dúvida deveria desaparecer quando nos voltamos para a Melanésia. Aqui certamente os fatos são diferentes dos que se encontram entre nossas classes educadas. Conforme vimos no Capítulo V, as primeiras indecências sexuais, os brinquedos e interesses clandestinos acham-se ausentes. De fato, é possível dizer que para essas crianças não existem as categorias decente-indecente, puro-impuro. As mesmas razões que tornam esta distinção mais fraca e menos importante entre nossos camponeses do que entre nossos burgueses atuam ainda mais intensa e diretamente entre os melanésios. Na Melanésia não há o tabu do sexo em geral, não é colocado qualquer véu sobre as funções naturais, certamente não no caso de uma criança. Quando consideramos que estas crianças correm por toda a parte nuas, que suas funções excretórias são tratadas aberta e naturalmente, que não existe um tabu geral sobre as partes do corpo ou sobre a nudez em geral, quando consideramos além disso que as crianças pequenas na idade de três a quatro anos começam a ter noção da existência da sexualidade genital e do fato de que esta será para elas um prazer muito em breve, assim como os outros brinquedos infantis, podemos ver que os fatores sociais, muito mais que os biológicos, explicam a diferença entre as duas sociedades.

A fase que estou agora descrevendo na Melanésia — aquela que corresponde ao nosso período de latência — é a fase da independência infantil, na qual os meninos e meninas pequenos brincam juntos em uma espécie de república juvenil. Ora, um dos principais interesses dessas crianças consiste nos passatempos sexuais. Bem cedo as crianças são iniciadas umas pelas outras, ou às vezes por um companheiro ligeiramente mais velho, nas práticas do sexo. Naturalmente nesta fase são incapazes de realizar adequadamente o ato, mas contentam-se com toda espécie de brincadeiras, sendo deixadas em completa liberdade

pelas pessoas mais velhas, e assim podem satisfazer sua curiosidade e sensualidade diretamente e sem disfarces.

Não se pode duvidar que o interesse dominante desses brinquedos seja aquilo que Freud chamaria "genital", porque as crianças são grandemente determinadas pelo desejo de imitar os atos e interesses de outras crianças mais velhas e dos adultos. Este período é quase completamente desconhecido na vida das crianças das classes melhores na Europa, existindo somente em pequeno grau entre camponeses e proletários. Quando falam dessas diversões das crianças, os nativos freqüentemente aludem a elas chamando-as "brincar de cópula" *(mwaygini kwayta)*. Ou então dizem que estão brincando de casamento.

Não se deve imaginar que todas as brincadeiras sejam sexuais. Muitas delas não se prestam a isso. Mas há alguns passatempos particulares das crianças pequenas em que o sexo desempenha o papel predominante. As crianças melanésias gostam de "brincar de marido e mulher". Um menino e uma menina constroem um pequeno abrigo e dizem que é sua casa. Aí fingem assumir as funções de marido e mulher e entre estas naturalmente a mais importante é o ato sexual. Outras vezes um grupo de crianças partem para um piquenique onde o divertimento consiste em comer, pescar e ter relações amorosas. Ou então executam uma cerimônia de imitação de troca comercial, terminando com atividades sexuais. O simples prazer sexual sozinho parece não satisfazê-las; nestes brinquedos mais complicados deve misturar-se a ele um certo interesse imaginativo e romântico.

Um ponto muito importante a respeito desta sexualidade infantil é a atitude da geração mais velha com respeito a ela. Conforme disse, os pais não a consideram em nada repreensível. Geralmente admitem-na como natural. O máximo que fazem é falar em tom de pilhéria uns com os outros sobre o assunto, discutindo as tragédias e comédias amorosas do mundo infantil. Nunca sonhariam em intervir ou amarrar a cara em sinal de desaprovação, desde que as crianças demonstrem a devida discrição, isto é, não executem seus brinquedos amorosos na casa, mas vão a algum lugar distante no mato.

Mas o principal é que as crianças são deixadas inteiramente entregues a si mesmas em suas questões amorosas. Não apenas não há qualquer interferência dos pais, mas raramente, se é que alguma vez ocorre, verifica-se que um homem ou uma mulher tomam um interesse sexual perverso nas crianças e certamente nunca seriam vistos misturarem-se nos brinquedos neste papel. A violação das crianças é desconhecida e uma pessoa que praticasse brincadeiras sexuais com uma criança seria julgada ridícula e desprezível.

Um aspecto extremamente importante nas relações sexuais das crianças é o tabu do irmão e da irmã, já mencionado. Desde a mais tenra idade, quando a menina pela primeira vez põe uma saia de folhas, os irmãos e as irmãs da mesma mãe devem ser separados uns dos outros, em obediência ao estrito tabu que prescreve não dever existir relações íntimas entre eles. Até mesmo antes, quando apenas podem começar a andar, brincam em grupos diferentes. Mais tarde nunca se associam socialmente numa situação livre, e acima de tudo nunca deverá haver a mais leve suspeita de interesse de um deles nas questões amorosas do outro. Embora haja relativa liberdade de brinquedo e de linguagem entre as crianças, nem mesmo um menino pequeno associaria o sexo com suas irmãs, e muito menos faria qualquer alusão sexual ou brincadeira na presença delas. Isto continua durante a vida inteira e o mais alto grau de incivilidade seria falar a um irmão dos assuntos amorosos de sua irmã ou vice-versa. A imposição deste tabu conduz à precoce quebra da vida familiar, visto que os meninos e as meninas, a fim de se evitarem uns aos outros, têm de abandonar a casa paterna e ir para outro lugar. Todos estes fatos reunidos dão-nos a perceber a enorme diferença que reina na sexualidade juvenil nesta fase da segunda infância entre nós e entre os melanésios. Enquanto em nosso meio, nas classes educadas, ocorre nesta época uma quebra da sexualidade e um período de latência com amnésia, na Melanésia o começo extremamente precoce do interesse genital conduz a

um tipo de sexualidade inteiramente desconhecido entre nós. A partir desta época a sexualidade dos melanésios continuará desenvolvendo-se embora gradualmente até chegar à puberdade. Sob a condição de ser respeitado de maneira mais estrita e completa o mencionado tabu, a sociedade dá completa liberdade à sexualidade juvenil.

# VIII

## A Puberdade

NUMA IDADE QUE VARIA COM O CLIMA E A RAÇA E QUE SE estende de cerca dos nove até os quinze anos, a criança entra na idade da puberdade. A puberdade não é um momento ou um ponto de transição mas um período mais ou menos prolongado de desenvolvimento durante o qual o aparelho sexual, todo o sistema de secreções internas e o organismo em geral são inteiramente refundidos. Não podemos considerar a puberdade como *conditio sine qua non* do interesse sexual ou mesmo das atividades sexuais, uma vez que as meninas não núbeis podem copular e conhecem-se meninos imaturos que têm ereções e praticam a *immissio penis*. Mas sem dúvida a idade da puberdade deve ser considerada como o marco mais importante da história sexual do indivíduo.

Ainda mais, o sexo está tão intimamente ligado nesta fase com os outros aspectos da vida que neste capítulo trataremos as questões sexuais e sociais juntas, sem dividi-las como fizemos no caso das duas fases anteriores. Ao comparar aqui os habitantes de Trobriand da Melanésia com nossa própria sociedade, é importante observar que estes selvagens não têm ritos de iniciação na puberdade. Embora isso retire de nosso estudo um ponto de extrema importância, permite-nos por outro lado traçar a comparação entre a patrilinearidade e a matrilinearidade mais clara e estreitamente, visto que em muitas outras sociedades selvagens as cerimônias de iniciação mascaram ou modificam completamente este período.

Em nossa própria sociedade, temos de falar separadamente do rapaz e da moça, porque nesse ponto os dois se afastam completamente nas questões sexuais. Na vida de um homem a puberdade significa aquisição de plenos poderes mentais, assim como a maturidade corpórea e a formação final dos caracteres sexuais. Com a nova masculinidade toda sua relação com a vida muda em geral tão profundamente quanto sua relação com os assuntos sexuais e sua posição na família. Começando por esta última, podemos observar um fenômeno extremamente interessante que afeta consideravelmente sua atitude para com a mãe, a irmã ou outros parentes femininos. O adolescente típico de nossas comunidades civilizadas começa a mostrar na época da puberdade um extremo embaraço com relação à mãe, afeta desprezo e uma certa brutalidade para com as irmãs e sente-se envergonhado de todos os seus parentes femininos diante de seus camaradas. Quem de nós não se lembra das aflições de inefável vergonha sofrida quando, passeando jovialmente com os nossos colegas, encontrávamos de repente nossa mãe, tia ou irmã ou mesmo nossa prima e éramos obrigados a cumprimentá-las? Havia um sentimento de culpa intensa, por ter sido apanhado *in flagrante delicto*. Alguns rapazes procuravam ignorar o encontro embaraçador, outros mais ousados coravam e cumprimentavam, mas todos sentiam que era um sombra em sua posição social, um ultrage à sua masculinidade e independência. Sem entrar na psicologia deste fenômeno, podemos ver que a vergonha e a confusão sentidas nesta ocasião eram do mesmo tipo da que se associam a qualquer quebra das boas maneiras.

Esta masculinidade recentemente adquirida afeta de modo profundo a atitude do rapaz em relação ao mundo, modifica toda sua *Weltanschauung*. Começa a ter opiniões independentes, personalidade e honra próprias, mantém sua posição em face da autoridade e adquire liderança intelectual. Esta é uma nova fase nas relações entre pai e filho, outra avaliação e uma nova prova a que é submetido o ideal do pai. Neste ponto tal ideal sucumbe quando o filho verifica que o pai é um bobo ou um "indivíduo vulgar", um hipócrita ou um "atrasadão". Em geral o pai

é posto de lado para o resto da vida e em qualquer caso perde a oportunidade de influenciar eficazmente o rapaz, mesmo se mais tarde os dois vierem novamente a se acomodar. Por outro lado, se o pai resistir ao exame extremamente severo pelo qual passa nessa época há grande probabilidade de sobreviver como um ideal para o resto da vida. O inverso também é verdadeiro, evidentemente, pois o pai examina também agudamente o filho nesta época, e se mostra igualmente crítico em determinar se o rapaz corresponde ao seu ideal daquilo que seu futuro sucessor deve ser.

A nova atitude para com o sexo, a recristalização na puberdade, exerce grande influência sobre a atitude do rapaz não somente com relação ao pai mas também com relação à mãe. O rapaz educado só então compreende plenamente a natureza biológica do laço que o liga a seus pais. Se ama e venera a mãe, como é em geral o caso, e se continua a idealizar o pai, então a idéia de ter tido origem corpórea pelo comércio sexual de seus pais, embora no início cause uma brecha em seu mundo mental, pode ser suportada. Se por outro lado despreza e odeia o pai, mesmo sem confessá-lo, conforme tantas vezes acontece, aquela idéia produz a permanente degradação da mãe e enodoa as coisas mais caras ao jovem.

A nova masculinidade influencia mais que tudo a perspectiva sexual do rapaz. Mentalmente, está pronto para o conhecimento, fisiologicamente está pronto para aplicá-lo na vida. Em geral nessa época recebe suas primeiras lições sobre o sexo e de uma forma ou de outra inicia as atividades sexuais, provavelmente não muitas vezes de maneira normal e regular, mas com freqüência mediante a masturbação ou as poluções noturnas. Esta época, sob vários aspectos, representa a divisão dos caminhos para o rapaz. Ou o impulso sexual recentemente despertado encantando um temperamento forte e uma fácil moralidade absorve-o completamente, empolgá-o definitivamente em uma onda de sensualidade cada vez mais dominante, ou então outros interesses e uma diferente moralidade são bastante fortes para afastá-lo parcial ou mesmo completamente. Enquanto preserva o ideal da castidade e é capaz

de lutar por ele encontra o poder de elevar os impulsos sexuais a um nível mais alto. Em tudo isto evidentemente as tentações são em grande parte determinadas pelo ambiente social e pelo modo de vida do rapaz. As características raciais de uma comunidade, seu código de moral e os valores culturais estabelecem grandes diferenças no âmbito da civilização européia. Em certas classes de alguns países é comum o rapaz sucumbir às forças desagregadoras da sexualidade fácil. Em outras, pode aproveitar suas oportunidades. Em outras ainda, a sociedade liberta-o de uma grande parte da responsabilidade estabelecendo regras de severa moralidade.

Em suas relações com pessoas do outro sexo, ocorre de início algo semelhante à sua atitude para com a mãe e a irmã; um certo embaraço e a polaridade de atração e repulsão. Sente que a mulher capaz de exercer profunda influência sobre ele o alarma, enchendo-o de suspeitas. Percebe nela um perigo para sua nascente independência e masculinidade.

Nesta fase, também, a nova fusão da ternura com a sexualidade, que tem lugar aproximadamente no fim da puberdade, mistura lembranças infantis da ternura materna com os novos elementos da sexualidade. A imaginação e especialmente as fantasias dos sonhos produzem horrível confusão e pregam estranhas peças ao espírito do rapaz.[18]

Tudo isto se refere mais especialmente ao rapaz pertencente às classes superiores, abastadas. Se compararmos com ele o jovem camponês ou proletário, vemos que os elementos essenciais são os mesmos, embora haja talvez menos variação individual, sendo mais sóbrio o quadro geral.

Assim, há também um período de rudeza afetiva com relação à mãe e à irmã, especialmente observável no jovem camponês. As brigas com o pai crescem em regra com aumentada violência, agora que o rapaz compreende as forças que possui e sua posição como sucessor, agora que sente uma nova ânsia de posses e uma nova ambição de

[18] Esta concepção é elaborada de modo mais completo a seguir, Parte IV, Capítulo IX.

influência. Muitas vezes nessa época começa uma luta regular pela supremacia. Em matéria sexual não há uma crise tão violenta e isto reage menos diretamente sobre a relação com os pais. Mas as linhas gerais são as mesmas.

A moça das classes educadas atravessa uma crise na sua primeira menstruação que, embora afete a liberdade e complique a vida, produz uma misteriosa atração e é em geral ansiosamente esperada. Mas socialmente a puberdade é um ponto de transição menor para a moça, que continua a viver em casa ou a ser educada em um colégio interno, mas todas as suas ocupações e seu aprendizado estão em harmonia com a vida familiar ordinária, não levando em consideração a moça moderna, profissional. Sua finalidade na vida é esperar o casamento. Um elemento importante em sua relação com a família é a rivalidade entre a mãe e a filha que muitas vezes começa nessa época. E' difícil dizer com que freqüência aparece em forma declarada, não disfarçada [9], mas não pode haver dúvida de que introduz um elemento perturbador nas relações típicas da família comum. Por esta ocasião também e não antes, entra em cena uma especial ternura nas relações entre pai e filha, que com certa freqüência se correlaciona com a rivalidade materna. Esta é a configuração do complexo de Electra, que é portanto de natureza inteiramente diferente do complexo de Édipo. Deixando de lado a maior tendência histérica das mulheres, pois só nos ocupamos do terreno sólido da normalidade, o complexo de Electra é menos freqüente e tem menor importância social assim como menor influência na cultura ocidental. Por outro lado, sua influência faz-se sentir mais freqüentemente e o incesto pai-filha parece ser incomparavelmente mais freqüente como ocorrência real do que o incesto entre mãe e filho, por várias razões de natureza biológica e sociológica. Como, porém, nosso interesse nessa discussão situa-se principalmente na influência cultural e social dos complexos, não podemos acompanhar o paralelo entre os complexos de Édipo e de Electra em detalhes. Nem podemos entrar na comparação entre as classes superiores,

[9] Tal como a encontramos tão poderosamente descrita, por exemplo, na novela, muito instrutiva, de Maupassant, *Fort comme la Mort*.

onde as repressões são mais fortes, onde há mais histeria mas nas quais ocorre um número menor de casos de incesto real, e as classes inferiores, nas quais, sendo o interesse sexual da moça freqüentemente empenhado mais cedo e mais normalmente, ela é menos sujeita a distorções histéricas, mas sofre com mais freqüência uma perseguição por parte do pai.[20]

Voltemos agora para as ilhas Trobriand. Lá a puberdade começa mais cedo do que em nosso meio, mas ao mesmo tempo quando surge os rapazes e as moças já começaram suas atividades sexuais. Na vida social do indivíduo a puberdade não constitui um ponto de inflexão como acontece naquelas comunidades selvagens nas quais existem cerimônias de iniciação. Gradualmente, à medida que entra na masculinidade, o rapaz começa a tomar parte mais ativa nos trabalhos econômicos, nas ocupações tribais, é considerado um jovem *(ulatile)*, e ao final da puberdade constitui um membro integral da tribo, pronto para casar-se e executar todos os seus deveres assim como gozar de seus privilégios. A moça, que no começo da puberdade adquire mais liberdade e independência com relação à família, tem também de fazer mais trabalho, diverte-se mais intensamente e realiza os deveres cerimoniais, econômicos e legais que são atributos da plena feminilidade.

Mas a alteração mais importante, aquela que nos interessa mais de perto, é a parcial ruptura da família na época em que os moços e moças deixam de ser moradores permanentes do lar paterno. Isto acontece porque os irmãos e as irmãs, cuja separação tinha começado muito antes na infância, devem agora observar um tabu extremamente rigoroso, de modo que seja eliminada qualquer possibilidade de contato quando as pessoas estão empenhadas em atividades sexuais. Este perigo é evitado por uma especial instituição, a *Bukumatula*. Este nome é dado a casas es-

[20] Entre os camponeses, as tentativas do pai sobre a filha são muito freqüentes. Isto parece acontecer especialmente entre as raças latinas. Disseram-me que na Rumânia a ocorrência deste tipo de incesto é muito comum entre os camponeses, e parece que o mesmo também acontece na Itália. Nas ilhas Canárias conheço alguns poucos casos de pai e filha que cometem o incesto não de maneira clandestina mas vivendo abertamente em um *ménage* indecente e criando seus filhos.

peciais habitadas por grupos de rapazes e moças adolescentes. O rapaz, ao chegar à puberdade, junta-se a uma casa desse gênero, que é propriedade de algum jovem maduro ou viúva moça e mantida por um certo número de jovens, de três a seis, a quem se juntam suas namoradas.[21] Assim, a casa dos pais fica completamente vazia dos adolescentes masculinos, embora até o casamento do rapaz ele volte sempre para buscar alimentos e também continue a trabalhar até certo ponto para sua família. A moça, nas raras noites de castidade, quando não está empenhada numa *bukumatula* ou noutra, pode voltar para dormir em casa.

Qual é a atitude com relação à mãe, ao pai, à irmã ou ao irmão em que se cristalizam os sentimentos do moço ou da moça melanésia nesta importante época? Tal como se dá com um rapaz ou uma moça europeus, vemos que nesse período há apenas a modelagem final, a consolidação do que vinha sendo feito em formação gradativa durante as fases anteriores da vida. A mãe, de quem a criança tinha sido desmamada — no sentido mais amplo da palavra —, permanece ainda o ponto central de todo o parentesco e relações para o resto da vida. O status do rapaz na sociedade, seus deveres e privilégios são determinados com respeito a ela e aos parentes dela. Se não há ninguém para sustentá-la, o rapaz terá de fazê-lo, enquanto a casa dela será sempre seu segundo lar. A afeição e a fidelidade, prescritas pelas obrigações sociais, continuam também profundamente fundadas num sentimento real e quando um homem adulto morre ou sofre um acidente a mãe é que demonstra tristeza e suas lamentações durarão mais tempo e serão mais sinceras. No entanto há muito pouca amizade pessoal, são raras as confidências mútuas e a intimidade, tão características da relação entre mãe e filho em nossa sociedade. O desprendimento da mãe, realizado, conforme vimos, em todas as fases mais fácil e completamente do que em nosso meio, com menos separações prematuras e supressões violentas, processa-se de maneira mais completa e harmoniosa.

[21] Para uma detalhada descrição e análise desta notável instituição, a mais estreita imitação do casamento por grupo de que temos registro, veja-se a próxima obra do autor *Sexual Life of Savages*.

O pai nessa época sofre um eclipse temporário. O rapaz, que enquanto criança era bastante independente e se tornava membro da pequena república juvenil, ganha agora por um lado a maior liberdade da *bukumatula*, enquanto por outro lado vê-se muito mais restringido por seus vários deveres para com seu *kada* (tio materno). Só dispõe de menos tempo e tem menos interesse em suas relações com o pai. Mais tarde, quando aparecem os atritos com o tio materno, volta-se em regra geral para o pai novamente e a amizade de vida entre eles fica então estabelecida. Nesta fase porém, quando o adolescente tem de aprender seus deveres, de ser instruído nas tradições e estudar a magia, as artes e as técnicas, seu interesse pelo irmão da mãe, que é professor e o tutor, torna-se maior e suas relações alcançam o melhor estado.[23]

Há ainda uma diferença importante entre o sentimento do rapaz melanésio para com seus pais e o do rapaz educado em nossa própria sociedade. Em nosso meio, quando na puberdade e com a iniciação social uma nova visão fulgurante se abre diante dos jovens, o brilho desta imagem lança uma estranha sombra sobre os anteriores cálidos sentimentos para com a mãe e o pai. Sua própria sexualidade afasta-o dos progenitores, embaraça suas relações e cria profundas complicações. O mesmo, porém, não acontece na sociedade matrilinear. A ausência do primitivo período de indecência e das primeiras lutas contra a autoridade paterna, a gradativa e franca recepção do sexo, desde que começa a agitar o sangue dos jovens, mais que tudo a atitude de espectadores benevolentes que os pais assumem com relação à sexualidade de seus filhos, o fato da mãe retirar-se completa mas gradativamente dos sentimentos apaixonados do rapaz, a risonha aprovação do pai, tudo isto determina que a intensificação da sexualidade na puberdade não exerça influência direta na relação com os pais.

[23] A relação entre estes três, o jovem, seu pai e o irmão de sua mãe, na verdade é um tanto mais complicada do que me foi possível mostrar aqui, e apresenta um quadro interessante do jogo e do choque dos princípios incompatíveis do parentesco e da autoridade. Este assunto será examinado em um livro sobre o parentesco, a ser publicado proximamente. Veja-se também *Crime and Custom*, 1926.

Uma relação, porém, a que existe entre irmão e irmã, é profundamente afetada por todo aumento da sexualidade, especialmente na puberdade. Este tabu, que se estende a todas as associações livres e exclui a referência ao sexo completamente das relações dos dois, afeta a perspectiva sexual de ambos em geral. Em primeiro lugar, é preciso ter em mente que este tabu é a grande barreira sexual na vida do homem, além da qual é ilícito ir e constitui também a mais importante regra moral geral. Além disso, a proibição, que se inicia na infância com a separação de irmãos e irmãs e da qual esta separação permanece sendo sempre o ponto principal, estende-se também a todas as outras mulheres do mesmo clã. Assim, para o rapaz o mundo sexual divide-se em duas metades; uma delas, envolvendo as mulheres de seu próprio clã, está proibida para ele, e a outra, a que pertencem as mulheres dos restantes três clãs, é legal.

Comparemos agora a relação irmão-irmã na Melanésia e na Europa. Entre nós, a intimidade da infância vai aos poucos esfriando e se transforma em uma relação um tanto constrangedora, na qual a irmã é naturalmente, mas não completamente, separada de seu irmão por fatores sociais, psicológicos e biológicos. Na Melanésia, logo assim que qualquer intimidade nos brinquedos ou nas confidências infantis pode surgir, estabelece-se o estrito tabu. A irmã permanece um ser misterioso, sempre próximo e contudo nunca íntimo, dividida pela invisível mas poderosa muralha do mandamento tradicional que gradativamente se transforma em um imperativo moral e pessoal. A irmã é o único ponto do horizonte sexual permanentemente oculto. Qualquer impulso natural de ternura infantil é tão sistematicamente reprimido desde o início como outros impulsos naturais são entre nossas crianças, e a irmã torna-se assim "indecente" como objeto de pensamento, interesse e sentimento, do mesmo modo que as coisas proibidas para as nossas crianças. Mais tarde, à medida que se desenvolvem as experiências pessoais na sexualidade, o véu da reserva que separa os dois se torna mais espesso. Embora tenham constantemente de se evitarem um ao outro, no entanto, devido ao fato de que

o homem é o fornecedor da família da irmã, ambos conservando-se sempre em relação recíproca no pensamento e na atenção. Esta repressão artificial e prematura tem suas conseqüências. Os psicólogos da escola freudiana poderiam facilmente predizê-las.

Em tudo isso falei quase exclusivamente do ponto de vista do rapaz. Qual é a configuração da atitude da moça melanésia com relação à sua família à medida que se vai cristalizando na puberdade? Em termos gerais, sua atitude não difere tanto da que tem a moça européia quanto a que se verifica no caso do rapaz. Justamente por causa do tabu do irmão e da irmã, o matriarcado de Trobriand afeta menos a menina do que o rapaz. Como é estritamente proibido a seu irmão tomar qualquer interesse em suas questões sexuais, inclusive o casamento, e o irmão de sua mãe tem também de manter-se afastado desses assuntos, por mais estranho que pareça é o pai que se constitui em seu guardião naquilo que se refere aos arranjos matrimoniais. Assim, entre o pai e a filha existe uma relação muito semelhante, embora não de todo idêntica, à que encontramos entre nós. Pois em nosso meio o atrito entre a moça e o pai é normalmente pequeno e assim esta relação se aproxima mais da que se encontra nas ilhas Trobriand entre pai e filha. Lá, entretanto, a intimidade entre um homem adulto e uma moça adolescente, que, convém lembrar, não é considerada parenta dele, está sujeita a certas tentações. Isto não é diminuído, mas aumentado pelo fato de que, embora a filha não seja realmente tabu de acordo com as leis da exogamia, as relações sexuais entre os dois são consideradas reprováveis em grau máximo, embora não lhes seja dado o nome de *suvasova,* que significa quebra da exogamia. A razão desta proibição entre pai e filha é evidentemente a simples noção de que é indevido ter relações sexuais com a filha da mulher com a qual se coabita. Não ficaremos espantados se mais tarde, quando examinarmos a influência das atitudes típicas entre os membros da família, verificarmos que um incesto entre pai e filha ocorre na realidade, embora dificilmente possa ser chamado uma obsessão nem tenha qualquer eco no folclore.

Com relação à mãe o tratamento geral é mais natural do que o existente na Europa, apesar de não ser essencialmente diferente. O único ponto em que há diferença encontra-se no êxodo da moça na puberdade, com o abandono da casa familiar e seus numerosos interesses sexuais externos, o que normalmente impede o desenvolvimento de rivalides e ciúmes entre mãe e filha, ainda que nem sempre exclua a ocorrência de incesto entre pai e filha. Assim, com exceção da atitude da moça para com o irmão, falando de modo geral, encontram-se na jovem melanésia sentimentos semelhantes aos que prevalecem na Europa.

# IX

# O Complexo do Direito Materno

ESTIVEMOS COMPARANDO DUAS CIVILIZAÇÕES, A EUROPÉIA e a melanésia, e vimos existirem profundas diferenças, sendo essencialmente desiguais algumas das forças pelas quais a sociedade molda a natureza biológica do homem. Embora em ambas haja uma certa amplitude dada à liberdade sexual e certo grau de interferência e regulação do instinto sexual, contudo em cada uma delas a incidência do tabu e o jogo da liberdade sexual, dentro de seus limites prescritos, são inteiramente diferentes. Existe também uma distribuição da autoridade no interior da família completamente desigual e, correlacionado com isso, um modo diferente de estabelecer o parentesco. Seguimos em ambas as sociedades o crescimento do rapaz ou da moça médios sob estas divergentes leis e costumes tribais. Verificamos haver em quase todas as etapas grandes diferenças devidas à interação entre o impulso biológico e a regra social que às vezes se harmonizam, outras vezes entram em conflito, às vezes levam a uma curta bem-aventurança, outras vezes a um desequilíbrio cheio porém de possibilidades de desenvolvimento futuro. Na fase final da história da vida da criança, depois que alcançou a maturidade, vimos seus sentimentos se cristalizarem em um sistema de afeições para com a mãe, o pai, o irmão e a irmã, e nas ilhas Trobriand o tio materno, sistema que é típico de cada sociedade e que, com o fim de nos adaptarmos à terminologia psicanalítica, chamaremos "Complexo Familiar" ou "complexo nuclear".

Seja-me permitido repassar agora brevemente os principais aspectos desses dois "complexos". O complexo de Édipo, sistema de atitude típico de nossa sociedade patriarcal, forma-se na primeira infância, em parte durante a transição entre a primeira e a segunda fase da segunda infância, e em parte no curso desta última. Deste modo, ao chegar ao fim, quando o rapaz tem cerca de cinco ou seis anos, suas atitudes acham-se bem formadas, embora talvez não finalmente estabelecidas. E estas atitudes compreendem já um certo número de elementos de ódio e desejo recalcados. Neste ponto, penso, nossos resultados não diferem grandemente dos obtidos pela psicanálise.[a]

Na sociedade matrilinear, nesta fase, embora a criança tenha criado sentimentos bem definidos com relação ao pai e à mãe, nada é recalcado, nada é negativo, não há desejos frustrados formando parte desses sentimentos. De onde surge esta diferença? Como vimos os arranjos sociais da matrilinearidade de Trobriand estão em quase completa harmonia com o curso biológico do desenvolvimento, enquanto a instituição do direito paterno, encontrado em nossa sociedade, obsta e reprime um certo número de impulsos e inclinações naturais. Descendo a detalhes, diremos que há uma apaixonada afeição pela mãe, o desejo corpóreo de prender-se estreitamente a ela, que nas instituições patriarcais de um modo ou de outro é quebrada ou sofre interferências. A influência de nossa moralidade, que condena a sexualidade nas crianças, a brutalidade do pai, especialmente nas camadas inferiores, a atmosfera do direito exclusivo que ele possui com relação à mãe e ao filho agindo sutil mas fortemente nas camadas superiores, o medo que a esposa tem de desagradar o marido, todas essas influências separam pais dos filhos. Mesmo quando a rivalidade entre o pai e o filho na disputa da atenção pessoal da mãe é reduzida ao mínimo ou a zero, surge no segundo período um outro choque de interesses sociais entre o pai e o filho. Este último

[a] Depois que escrevi o que precede, cheguei a compreender que nenhum psicanalista ortodoxo ou semi-ortodoxo aceitaria minha exposição do "complexo" ou de qualquer aspecto da doutrina.

é um estorvo e um obstáculo à liberdade dos pais, lembra a idade e o declínio, e se é um filho, muitas vezes insinua a ameaça de uma futura rivalidade social. Assim, acima do choque da sensualidade, há um amplo espaço para o atrito social entre o pai e os filhos. Digo propositadamente "filhos" e não "rapaz", porque, de acordo com nossos resultados, a diferença de sexo entre os filhos não tem grande papel nesta fase nem apareceu ainda uma relação mais íntima entre o pai e a filha.

Todas estas forças e influências acham-se ausentes na sociedade matrilinear das Trobriand. Em primeiro lugar — e isto, *bien entendu,* nada tem a ver com a matrilinearidade — não há condenação do sexo ou da sensualidade como tal, principalmente não se conhece o horror moral à idéia da sexualidade infantil. O apego sensual da criança à mãe toma seu curso natural até terminar e ser dirigido para outros interesses corporais. A atitude do pai para com o filho durante estes dois primeiros períodos é a de um amigo e ajudante próximos. Na época em que nosso pai torna-se agradável principalmente por sua total ausência do quarto das crianças, o pai em Trobriand é primeiramente uma ama e em seguida um companheiro.

O desenvolvimento da vida pré-sexual nesta etapa difere também na Europa e na Melanésia. As repressões das amas entre nós, especialmente nas classes superiores, criam uma tendência para as investigações clandestinas das coisas indecentes, especialmente as funções e órgãos excretórios. Entre os selvagens não encontramos este período. Ora, esta indecência infantil pré-genital estabelece distinções entre o decente e o indecente, o puro e o impuro e o compartimento indecente, à prova dos pais, reforça e dá maior profundidade ao tabu que é subitamente lançado sobre certas relações com a mãe, isto é, o prematuro banimento do leito dela e de suas carícias corporais.

Assim, também aqui as complicações de nossa sociedade não são partilhadas pelas crianças nas ilhas Trobriand. Na etapa seguinte da sexualidade encontramos uma diferença não menos relevante. Na Europa, há um período de latência mais ou menos pronunciado, que implica a quebra da continuidade no desenvolvimento sexual e,

de acordo com Freud, serve para reforçar muitas de nossas repressões e a amnésia geral e para criar muitos perigos para o desenvolvimento normal do sexo. Por outro lado, representa também o triunfo de outros interesses culturais e sociais sobre a sexualidade. Entre os selvagens neste estágio, o sexo, em uma forma genital primitiva — forma quase desconhecida em nosso meio — estabelece-se no primeiro lugar entre os interesses da criança para nunca mais ser desalojado. Isto, apesar de ter um efeito cultural destruidor sob muitos aspectos, ajuda a processar-se a gradativa e harmoniosa separação da criança das influências da família.

Com isso, entramos já na segunda metade do desenvolvimento da criança, pois o período de latência sexual em nossa sociedade pertence a esta parte. Quando consideramos estas duas últimas fases, que formam a segunda metade do desenvolvimento, encontramos outra profunda diferença. Entre nós durante este período primitivo da puberdade o complexo de Édipo, as atitudes do menino com relação aos pais somente se solidificam e cristalizam. Na Melanésia, por outro lado, é principalmente durante esta segunda época, na realidade quase exclusivamente então, que qualquer complexo se forma. E isto acontece porque só neste período é a criança submetida ao sistema de repressões e tabus que começam a moldar sua natureza. Responde a essas forças em parte pela adaptação, em parte criando antagonismos e desejos mais ou menos reprimidos, pois a natureza humana não é apenas maleável mas também elástica.

As forças repressivas e modeladoras na Melanésia são de duas espécies, a submissão à lei tribal matriarcal e as proibições da exogamia. A primeira é realizada pela influência do irmão da mãe, que, ao apelar para o sentido de honra, orgulho e ambição da criança, chega a ter com ela uma relação análoga em muitos aspectos à do pai entre nós. Por outro lado, os esforços que exige e a rivalidade entre sucessor e sucedido introduzem os elementos negativos do ciúme e do ressentimento. Forma-se assim uma atitude "ambivalente", na qual a veneração assume o lugar

dominante reconhecido, enquanto um ódio reprimido manifeste-se somente de modo indireto.

O segundo tabu, a proibição do incesto, envolve a irmã, e em grau menor outras parentas femininas do lado materno assim como as mulheres do clã, com um véu de mistério sexual. De toda esta classe de mulheres a irmã é a representante a quem o tabu se aplica com mais rigor. Já observamos que este tabu separador, entrando na vida do menino na infância, elimina a incipiente ternura para com sua irmã que é um impulso natural de uma criança. Este tabu também, uma vez que torna mesmo um contato acidental em matéria sexual um crime, faz com que o pensamento da irmã esteja sempre presente assim como seja permanentemente reprimido.

Comparando resumidamente os dois sistemas de atitudes familiares, vemos que numa sociedade patriarcal as rivalidades infantis e as futuras funções sociais introduzem na atitude do pai para com o filho, ao lado de uma afeição mútua, também um certo grau de ressentimento e desagrado. Entre a mãe e o filho, por outro lado, a prematura separação na infância deixa um profundo desejo insatisfeito, que mais tarde, quando surgirem interesses sexuais, mistura-se na memória com os novos anseios corpóreos e assume com freqüência um caráter erótico, que aparece nos sonhos e em outras fantasias. Nas ilhas Trobriand não há atrito entre pai e filho, deixando-se que todo o desejo infantil pela mãe se extinga gradualmente de maneira natural e espontânea. A atitude ambivalente de veneração e desagrado faz-se sentir entre o homem e o irmão de sua mãe, enquanto a atitude sexual reprimida de tentação incestuosa só se pode formar com relação a sua irmã. Aplicando a cada uma dessas sociedades uma fórmula concisa embora crua, podemos dizer que no complexo de Édipo há o desejo reprimido de matar o pai e casar-se com a mãe, enquanto na sociedade matrilinear das Trobriand o desejo consiste em casar-se com a irmã e matar o tio materno.

Com isto, resumimos os resultados de nossa detalhada pesquisa e damos uma resposta ao primeiro problema estabelecido de início, isto é, estudamos a variação do complexo nuclear com a constituição da família, mostrando de que maneira o complexo depende de alguns dos aspectos da vida e da moralidade sexual da família.

Devemos aos psicanalistas a descoberta da existência de uma configuração típica dos sentimentos em nossa sociedade e uma explicação parcial, principalmente naquilo que se refere ao sexo, das razões pelas quais este complexo deve existir. Nas páginas precedentes tivemos a oportunidade de esboçar o complexo nuclear de outra sociedade, uma sociedade matrilinear, onde nunca até então tinha sido estudado. Verificamos que este complexo difere essencialmente do patriarcal e mostramos o motivo pelo qual deve diferir, e bem assim as forças sociais que o produzem. Traçamos nossa comparação numa base muito ampla e, sem desprezar os fatores sexuais, incluímos também sistematicamente os outros elementos. O resultado é importante porque até agora nunca se tinha suspeitado que pudesse haver outro tipo de complexo nuclear. Com minha análise estabeleci que as teorias de Freud não somente correspondem aproximadamente à psicologia humana, mas acompanham de perto a modificação da natureza humana produzida por várias determinações constitutivas da sociedade. Em outras palavras, estabeleci uma profunda correlação entre o tipo de sociedade e o complexo nuclear que nela se encontra. Embora isto em certo sentido constitua uma confirmação do principal dogma da psicologia freudiana, pode compelir-nos a modificar alguns de seus aspectos, ou melhor, a tornar mais elásticas algumas de suas fórmulas. Em termos mais concretos, parece necessário traçar mais sistematicamente a correlação entre as influências biológicas e as sociais, não admitir a existência universal do complexo de Édipo mas, ao estudar cada tipo de civilização, estabelecer o complexo especial a ela pertencente.

# Parte II

---

# O ESPELHO DA TRADIÇÃO

# I

## Complexo e Mito no Direito Materno

RESTA AGORA CONTINUAR ESTUDANDO O SEGUNDO PROblema proposto na primeira parte deste volume, a saber, averiguar se o complexo matrilinear, tão inteiramente diferente em sua gênese e caráter do complexo de Édipo, exerce também uma diferente influência na tradição e na organização social. Em segundo lugar, mostrar que na vida social, assim como no folclore, desses nativos suas repressões específicas manifestam-se inequivocamente. Sempre que as paixões, conservadas normalmente dentro dos limites tradicionais por tabus rígidos, pelos costumes e penalidades legais, abrem caminho no crime, na perversão e na aberração ou em uma daquelas dramáticas ocorrências que abalam de vez em quando a monótona vida de uma comunidade selvagem, estas paixões revelam o ódio matriarcal para com o tio materno ou os desejos incestuosos relativos à irmã. O folclore desses melanésios espelha também o complexo matrilinear. O exame dos mitos, histórias de fadas, lendas, assim como da magia mostrará que o ódio reprimido do tio materno, ordinariamente mascarado pela reverência e solidariedade convencionais, abre caminho nessas narrativas construídas sobre o modelo do devaneio e ditadas por anseios reprimidos.

Especialmente interessante é a magia do amor desses nativos e a mitologia a ela ligada. Acredita-se que toda atração sexual, todo poder de sedução reside na magia

do amor. Ademais os nativos consideram que esta magia funda-se numa dramática ocorrência do passado, narrada em um estranho mito trágico de incesto entre irmão e irmã. Assim, a posição estabelecida pela descrição das relações sociais no interior da família e pela análise do parentesco pode também ser demonstrada independentemente pelo estudo da cultura desses nativos melanésios

# II

## Doença e Perversão

Os DADOS APRESENTADOS NESTA PARTE DO ENSAIO NÃO são inteiramente homogêneos. Enquanto no que se refere a alguns pontos consegui obter completa informação, tenho de confessar minha ignorância ou conhecimento apenas incompleto em outros, e neste caso terei de indicar o problema mais do que solucioná-lo. Isto se deve parcialmente à minha falta de conhecimento especializado das doenças mentais, e em parte por ter verificado ser impossível psicanalisar os nativos pela técnica ortodoxa. Em parte deve-se tabém à inevitável desigualdade do material, especialmente o que recolhi entre outras tribos, nas quais residi durante um tempo muito mais curto e trabalhei em condições menos favoráveis do que nas ilhas Trobriand.

Começarei com os pontos mais fracos do meu *répertoire*. Aparece aqui em primeiro lugar a questão da neurose e das doenças mentais. Vimos, pelo exame comparativo do desenvolvimento da criança em nosso meio e nas Trobriand, que o complexo matrilinear forma-se mais tarde na vida da criança, forma-se fora da intimidade do círculo familiar, acarreta menos choques, se é que produz algum, e além disso que é devido principalmente ao jogo das rivalidades, enquanto suas distorções eróticas não chegam às raízes da sexualidade infantil. Sendo assim, a teoria freudiana da neurose conduziria-nos a esperar a prevalência muito menor dessas

neuroses (*Übertragungsneurosen*) devidas aos traumatismos da infância. E' pena que um competente psiquiatra não tenha podido examinar os habitantes das Trobriand nas mesmas condições em que fiz, pois acredito que poderia lançar algumas interessantes luzes laterais sobre as suposições da psicanálise.

Ao estudar os habitantes das Trobriand, seria inútil que o etnógrafo os comparasse com os europeus, porque em nosso meio há inumeráveis outros fatores que complicam o quadro e contribuem para a formação da doença mental. Mas a cerca de trinta milhas ao sul das Trobriand encontram-se as ilhas Amphlett, habitadas por um povo essencialmente semelhante quanto à raça, costumes e linguagem, mas muito diferentes porém na organização social, tendo estrita moralidade sexual, isto é, considerando com desaprovação as relações sexuais pré-nupciais e não possuindo instituições que apóiem a licenciosidade sexual, enquanto sua vida familiar é muito mais estreitamente unida. Embora matrilineares, têm uma autoridade patriarcal muito mais desenvolvida, e isto, combinado com a repressão sexual, estabelece uma imagem da infância mais semelhante à nossa própria.[24]

Ora, mesmo com meu limitado conhecimento do assunto tive uma impressão diferente das disposições neuróticas desses nativos. Nas ilhas Trobriand, embora conhecesse um grande número de nativos intimamente e conhecesse apenas por cumprimento muitos outros mais, não posso indicar um único homem ou mulher que fosse histérico ou mesmo neurastênico. Não se encontravam tiques nervosos, ações impulsivas ou idéias obsessivas. No sistema de patologia nativa, baseada evidentemente na crença, na magia negra, mas razoavelmente verdadeira na descrição dos sintomas da doença, há duas categorias de perturbações mentais: *nagowa,* que corresponde ao cretinismo, à idiotia e que também é atribuído a pessoas com defeitos na fala; e *gwayluwa,* que corresponde aproximadamente à mania e compreende aqueles que de vez

[24] Para uma descrição de alguns costumes e aspectos da cultura dos nativos da ilha Amphlett, veja-se o livro do autor *Argonauts of the Western Pacific,* Capítulo XI.

em quando têm acessos, com atos de violência e comportamento desordenado. Os nativos de Trobriand sabem e reconhecem que nas ilhas próximas de Amphlett e d'Entrecasteaux há outros tipos de magia negra que podem produzir efeitos no espírito diferentes dos que êles conhecem, e cujos sintomas são, de acordo com sua descrição, ações impulsivas, tiques nervosos e várias formas de obsessão. Durante meus poucos meses de estadia nas ilhas Amphlett minha primeira e mais forte impressão foi a de que esta era uma comunidade de neurastênicos. Vindo do meio dos francos, alegres, cordiais e acessíveis habitantes de Trobriand, era surpreendente encontrar-me numa comunidade de gente desconfiada dos recém-chegados, impaciente no trabalho, arrogante em suas pretensões, embora facilmente intimidadas e extremamente nervosas quando apertada mais energicamente. As mulheres fugiram quando desembarquei em suas aldeias e mantiveram-se escondidas durante toda a minha estadia, exceto algumas poucas velhas megeras. Fora deste quadro geral encontrei imediatamente um certo número de pessoas sofrendo de nevorsismo, que não poderia usar como informantes porque ou poderiam mentir por motivo de alguma espécie de medo ou então ficarem excitadas e ofendidas com qualquer pergunta mais detalhada. E' característico que nas Trobriand mesmo os mediuns espíritas são mais *poseurs* do que pessoas anormais. E enquanto nas Trobriand a magia negra é praticada de maneira "científica" pelos homens, isto é, por métodos que apresentam pequena pretensão de ser sobrenaturais, nas ilhas do Sul há "bruxos voadores" que praticam a magia que em outras partes pertence somente aos feiticeiros semifabulosos e que logo à primeira vista dão uma impressão inteiramente anormal.

Em outra comunidade na qual fiz meu aprendizado etnográfico e que portanto não estudei com os mesmos métodos nem cheguei a conhecer tão intimamente quanto os habitantes de Trobriand, as condições são ainda mais repressivas do que nas ilhas Amphlett. Os Mailu, que habitam uma porção da costa sul da Nova Guiné, são patrilineares, têm uma acentuada autoridade paterna na

família e um código extremamente rigoroso de moralidade sexual repressiva.[a] Entre estes nativos observei um certo número de pessoas que classificaria como neurastênicos, sendo portanto imprestáveis como informantes etnográficos.

Mas todas estas observações experimentais, embora não sejam puros palpites, destinam-se somente a levantar o problema e indicar qual seria a solução mais provável. O problema consistiria portanto em estudar um certo número de comunidades matrilineares e patriarcais de mesmo nível de cultura, registrar a variação da repressão sexual e da constituição da família, e observar a correlação entre o grau de repressão sexual e familiar e a prevalência da histeria e das neuroses impulsivas. As condições na Melanésia, onde encontramos lado a lado comunidades vivendo em condições inteiramente diferentes, parecem uma experiência naturalmente preparada para este propósito.

Outro ponto que poderia ser interpretado em favor da solução freudiana desse problema é a correlação das perversões sexuais com a repressão sexual. Freud mostrou que existe uma profunda correlação entre o curso da sexualidade infantil e a ocorrência de perversões mais tarde na vida. Com base em sua teoria, uma comunidade inteiramente relaxada como a dos habitantes das Trobriand, que não intervém no livre desenvolvimento da sexualidade infantil, deveria apresentar o mínimo de perversões. Isto é completamente confirmado nas Trobriand. A homossexualidade é conhecida como existente em outras tribos, sendo considerada uma prática asquerosa e ridícula. Apareceu nas Trobriand somente com a influência dos brancos, mais especialmente da moralidade dos homens brancos. Os rapazes e moças de uma Estação de Missão, encerrados em casas separadas e estritamente isoladas, prenderam-se uns aos

[a] Veja-se a monografia do autor sobre *"The Natives of Mailu"* nos *Proceedings of the Royal Society of Australia*, vol. 39, 1915. Nela não existe nenhuma informação sobre doença mental. Esperava voltar à região e o ensaio foi publicado como exposição preliminar, na qual não incluí tudo quanto conhecia e tinha anotado, pensando publicá-lo novamente em forma mais completa.

outros, tiveram que valer-se a si mesmos da melhor maneira que puderam, uma vez que aquilo que qualquer habitante das ilhas considerava como sendo justo e natural lhes era negado. De acordo com inquéritos muito cuidadosos feitos entre os nativos não-missionários e os missionários, a homossexualidade é a regra entre aqueles sobre os quais a moralidade do homem branco foi imposta à força, desta maneira tão irracional e contrária à compreensão científica. De qualquer modo, houve alguns poucos casos em que "indivíduos que agiam mal", apanhados *in flagrante delicto,* foram ignominiosamente banidos da face de Deus, mandados de volta para as aldeias, onde um deles tentou continuar a prática, mas teve de abandoná-la sob a pressão da moral nativa expressa no desprezo e no escárnio. Tenho também razão para supor que as perversões são muito mais freqüentes no arquipélago Amphlett e d'Entrecasteaux no sul, porém ainda uma vez tenho de dizer que lamento não me ter sido possível estudar este importante assunto em detalhes.

# III

## Sonhos e Façanhas

Temos de estudar agora o modo pelo qual o sentimento integral da família matrilinear nas Trobriand expressa-se na cultura e na organização social dos nativos. Se aprofundarmos demasiadamente o problema seríamos na verdade conduzidos a um exame minucioso, deste ponto de vista, praticamente de todas as manifestações da vida tribal. Teremos de fazer uma seleção e recolher os mais importantes domínios de fatos. Estes podem ser divididos em duas categorias: 1) as fantasias livres, e 2) os dados do folclore. Pertencem à primeira classe os produtos da imaginação individual tais como sonhos, devaneios, desejos e ideais pessoais que, provindo da própria vida do indivíduo, são configurados pelas forças endopsíquicas de sua personalidade. Nesta classe podem ser incluídas não somente as manifestações das fantasias no pensamento e nos sonhos mas também nas façanhas. Pois um crime, um pecado ou um ato que ofende a opinião pública e a decência é cometido quando as forças repressivas da lei e da moralidade são quebradas pelas paixões recalcadas. Nesses atos podemos medir tanto a força do ideal quanto a profundidade da paixão. Voltaremos agora a esta primeira classe de sonhos e façanhas nas quais o indivíduo sacode temporariamente os grilhões do costume e revela os elementos reprimidos e o conflito com as forças de repressão.

Não é fácil estudar os sonhos e os devaneios entre os melanésios das ilhas Trobriand. Um notável e carac-

terístico aspecto destes nativos, pelo qual parecem distinguir-se de outros selvagens, é o fato de aparentemente sonharem pouco, terem pequeno interesse por seus sonhos, raramente contá-los espontaneamente e não considerarem o sonho comum como tendo qualquer importância profética ou de outra natureza, nem terem um código qualquer de explicação simbólica. Quando entrei diretamente no assunto, conforme várias vezes fiz, e perguntei aos meus informantes se tinham sonhado e, em caso positivo, quais tinham sido seu sonhos, a resposta em geral era negativa, com raras exceções, às quais voltaremos. Será esta ausência de sonhos, ou melhor, de interesses pelos sonhos, devida ao fato de estarmos tratando com uma sociedade não reprimida, uma sociedade na qual o sexo enquanto tal não é de modo algum coagido? Será porque seus "complexos" são fracos, aparecem tarde e têm poucos elementos infantis? Esta raridade de sonhos livres e a ausência de fortes efeitos, de onde a ausência da lembrança, apontam para a mesma conclusão que a ausência da neurose, isto é, para a correção em linhas gerais da teoria freudiana. Esta teoria afirma que a principal causa dos sonhos é o apetite sexual insatisfeito e especialmente os impulsos sexuais ou quase sexuais violentamente reprimidos na infância. Só se poderia obter uma resposta satisfatória para esta questão reunindo um rico material comparativo entre duas comunidades de cultura e modo de vida semelhantes mas com diferentes repressões.

Usei até aqui a expressão "sonhos livres" porque existe um gênero de sonhos difícil de classificar, quer como fantasias livres, quer como fantasias fixas, uma vez que seguem linhas prescritas pela tradição e poderiam ser chamados "sonhos oficiais". Tais são, por exemplo, os sonhos em que um homem que dirige um empreendimento ou executa uma certa tarefa sonha, em certas circunstâncias, com o objeto de seu empreendimento. Os dirigentes das excursões de pesca sonham com o tempo, com o lugar onde os cardumes podem aparecer, com a melhor data para a expedição e dão suas ordens em instruções de acordo com os sonhos. Supõe-se em geral

que os indivíduos que têm a seu cargo expedições ultramarinas chamadas *Kula*, sonham com o sucesso de seu comércio cerimonial. Principalmente os feiticeiros têm sonhos relacionados com a execução de sua magia. Há também outra forma de sonho típico ou tradicional relacionado com a magia, aquele que ocorre como resultado direto de um feitiço ou de um rito. Assim, no comércio ultramarino cerimonial há um certo feitiço que atua diretamente no espírito do parceiro, induz neste um sonho que o faz desejar a troca. Supõe-se que a maior parte da magia amorosa produz um sonho que desperta o desejo do amor. Assim estes nativos de uma maneira notável, invertem a teoria freudiana do sonho, pois para eles o sonho é a causa do desejo.[*] Na realidade esta classe de sonhos tradicionais está muito de acordo com a teoria freudiana. Pois são construídos como projeção sobre a vítima do desejo do feiticeiro. A vítima da magia amorosa sente em seu sonho um desejo ardente que é semelhante ao estado de espírito do executor da magia. Supõe-se que o parceiro *Kula,* sob a influência da magia, sonha gloriosas cenas de troca que formam a própria visão que domina os desejos do executante.

Estes sonhos não são somente relatados, supondo-se que existam. Muito freqüentemente o feiticeiro vinha a mim e me dizia que sonhou com um bom resultado na pesca e desejava organizar uma expedição com base no sonho. Ou então um feiticeiro que se ocupa dos jardins falará de um sonho que teve a respeito de uma longa seca e portanto ordenará que sejam feitas certas coisas. Durante a festiva cerimônia anual em honra dos ancestrais mortos tive em duas ocasiões oportunidade de anotar os sonhos dos nativos. Em ambos os casos os sonhos referiam-se aos procedimentos e num deles a pessoa que sonhou pretendia ter tido em sonho uma conversa com os espíritos que não estavam satisfeitos com as coisas. Outra classe de sonhos típicos é a que se refere ao nascimento de bebês. Nestes, a futura mãe tem uma espécie de anún-

[*] Veja-se também meu livro *Argonauts of the Western Pacific,* Capítulo sobre a magia e detalhadas descrições dos ritos e feitiços no curso da narrativa.

cio que lhe é feito no sonho por uma de suas parentas mortas.[27]

Ora, um dos sonhos típicos ou oficiais é o sonho sexual, que aqui nos interessa mais especialmente. Um homem sonhará que uma mulher o visita de noite; em sonho terá relações sexuais com ela e ao acordar encontrará a descarga do sêmen na esteira. Esconderá isto da esposa, mas procurará prosseguir o sonho ativamente na vida real e iniciar uma relação amorosa com a mulher. Este sonho significa que a mulher que o visitou tinha praticado atos de magia amorosa e que o deseja.

Tive um grande número de confidências pessoais a respeito desses sonhos, seguidas pela história dos esforços subseqüentes do homem com o fim de estabelecer uma intriga amorosa com a mulher que o visitou em sonho.

Ora, naturalmente logo que os nativos me falaram de seus sonhos eróticos fiquei imediatamente muito interessado em seguir a pista dos sonhos incestuosos. A questão: "você já sonhou alguma vez deste modo com sua mãe?" recebia como resposta uma calma e tranqüila negação. "A mãe é proibida, somente um *tonagowa* (imbecil) sonharia uma coisa destas. Ela é uma velha. Uma coisa assim nunca aconteceria". Mas sempre que a pergunta fosse feita a respeito da irmã, a resposta seria muito diferente, com uma forte reação afetiva. Evidentemente sabia que nunca deveria fazer esta pergunta diretamente a um homem e nunca discuti-la em um grupo. Mas mesmo usando para perguntar a forma de me referir a "outras pessoas", indagando se tinham este tipo de sonhos, a reação seria de indignação e cólera. Às vezes não haveria nenhuma resposta; depois de uma pausa embaraçosa, o informante passava a outro assunto. Alguns, ainda, negavam seriamente, outros veementemente e com raiva. Mas, levando aos pouquinhos a questão com os meus melhores informantes a verdade aparecia afinal, e descobri que o estado de opinião real é diferente. Na verdade, sabe-se que "outras pessoas" têm estes sonhos:

[27] Veja-se "Baloma", artigo no *Journal of the R. Anthrop. Inst.*, 1916.

"um homem às vezes fica louco, envergonhado e de mau gênio. Por quê? Porque sonhou que tinha relações com sua irmã". "Isto me fez sentir envergonhado", diria esse homem. Vim a descobrir na verdade que este é um dos sonhos típicos sabidamente existentes que ocorrem com freqüência obsedando e perturbando o indivíduo que sonha. Veremos este fato confirmado por outros dados, especialmente nos mitos e nas lendas.

Ainda mais, o incesto entre irmão e irmã é a forma mais reprovável de quebra das regras da exogamia, instituição que torna ilícitas as relações com qualquer mulher do mesmo clã. Mas apesar do incesto entre irmão e irmã ser considerado com o máximo horror, a quebra da exogamia do clã é uma coisa ao mesmo tempo astuta e desejável, devido às picantes dificuldades de realizá-la. De acordo com isto, os sonhos sobre o incesto do clã são muito freqüentes. Assim, comparando os diferentes tipos de sonhos incestuosos, há fortes motivos para acreditar que a mãe quase nunca aparece neles e quando isto acontece tais sonhos não deixam uma impressão profunda. Com muito mais freqüência sonha-se com os parentes femininos distantes, e a impressão que deixam é agradável, enquanto os sonhos incestuosos com relação à irmã ocorrem e deixam uma profunda e penosa lembrança. Isto é o que se poderia esperar, porque, conforme vimos quando estudamos o desenvolvimento da sexualidade dos nativos, não há tentação no caso da mãe, há uma tentação violenta e fortemente reprimida com relação à irmã e uma proibição picante, não muito reprimida, no que respeita às mulheres do clã.

O incesto entre irmão e irmã é considerado com tal horror pelos nativos que à primeira vista um observador, mesmo bem familiarizado com a vida deles, afirmaria com plena confiança que jamais poderia ocorrer, embora um freudiano pudesse ter suas suspeitas. A um exame mais cuidadoso, estas seriam completamente justificadas. O incesto entre irmão e irmã existia mesmo outrora, e há certos escândalos familiares que são relatados especialmente a respeito do clã dominante dos Malasi. Hoje em dia, quando a moralidade e as insti-

tuições antigas desmoronam sob a influência da espúria moralidade cristã, sendo introduzida a chamada lei e ordem do homem branco, as paixões reprimidas pela tradição tribal irrompem ainda mais violenta e abertamente. Tenho dois ou três casos registrados nos quais a opinião pública de maneira definida, embora à boca pequena, acusou um irmão de relações incestuosas com a irmã. Há um caso, porém, que se destacou, porque foi uma duradoura intriga amorosa, famosa pela desfaçatez, pelo caráter notório do herói e da heroína e pelas escandalosas histórias tecidas em torno dela.

Mokadayu, de Okopukopu, era um famoso cantor. Como todos os indivíduos de sua profissão não era menos famoso pelo sucesso junto das mulheres. "Porque, dizem os nativos, a garganta é uma longa passagem tal como a *wila* (vagina), e as duas se atraem uma à outra". "Um homem que tem uma bela voz agradará muito às muheres e elas gostarão dele". Contam-se muitas histórias de que ele dormia com todas as viúvas do chefe em Olivilevi, e seduzia esta ou aquela mulher casada. Durante um certo tempo Mokadayu teve uma brilhante e muito lucrativa carreira como médium espírita, uma vez que aconteciam extraordinários fenômenos em sua cabana, especialmente desmaterializações de vários objetos valiosos, que eram desta maneira transportados para o país dos espíritos. Mas foi desmascarado e ficou provado que os objetos desmaterializados eram aqueles de que ele tinha simplesmente se apoderado.

Aconteceu, então, o dramático incidente de seu amor incestuoso com a irmã. Esta era uma moça muito bonita e, sendo de Trobriand, tinha naturalmente muitos amantes. De repente ela retirou todos os seus favores e tornou-se casta. Os jovens da aldeia, que contavam uns aos outros terem sido banidos dos favores que ela lhes concedia, decidiram descobrir o que estava acontecendo. Tornou-se logo claro que, fosse quem fosse o rival privilegiado, a cena devia passar na casa dos pais dela. Uma noite, quando ambos os pais estavam ausentes, fizeram um buraco no telhado de palha e através dele os amantes repelidos viram uma cena que os cho-

cou profundamente; irmão e irmã foram apanhados *in flagrante delicto*. Um terrível escândalo estourou na aldeia que, se fosse no tempo antigo, teria certamente terminado com o suicídio do par culpado. Nas atuais condições os amantes enfrentaram com bravura o caso, viveram incestuosamente durante vários meses até que a moça se casou e deixou a aldeia.

Além do incesto real entre irmão e irmã, existe, conforme disse, a quebra das regras exogâmicas, que é chamada *suvasova*. Uma mulher do mesmo clã é proibida para um homem, sob pena de vergonha e de uma erupção de furúnculos em todo o corpo. Contra esta segunda doença existe um feitiço que, segundo disseram meus informantes com um sorriso afetado, é absolutamente eficaz. A vergonha moral desses incidentes é na realidade pequena e, como acontece com tantas outras regras da moralidade oficial, quem as viola é um sujeito astuto. Um jovem que é um real Dom-Juan e que tem um alto conceito de si mesmo desprezará as moças solteiras e procurará sempre ter uma intriga com uma mulher casada, especialmente esposa de um chefe, ou então comete atos de *suvasova*. A expressão "*suvasova yoku*", "ó, seu violador da exogamia!" tem o mesmo valor que "ó, seu patife imoral!", sendo considerada um cumprimento brincalhão.

Para completar o quadro é preciso fazer a declaração negativa de que nunca se poderia verificar um único caso de incesto entre mãe e filho, nem mesmo a suspeita dele, embora o clamor e a rigidez do tabu não seja de modo algum tão grande como no incesto irmão-irmã. No resumo acima exposto dos sentimentos familiares típicos entre os habitantes das Trobriand, declarei que as relações entre pai e filha são as únicas constituídas segundo o mesmo padrão da sociedade patriarcal. Como seria portanto de esperar, o incesto entre pai e filha é uma ocorrência não de todo rara. Há o registro de dois ou três casos em que parece não haver dúvida alguma. Um desses casos refere-se a uma moça que, além das relações que tinha com o pai, era namorada de um rapaz local, nessa época meu empregado.

O rapaz queria casar-se com ela e apelou para mim para conseguir apoio financeiro e moral ao seu projeto. Tive, portanto, plenos detalhes do incesto, que não me deixaram dúvida alguma a respeito da relação e de sua longa duração.

Até aqui temos falado a respeito do tabu sexual e do desejo reprimido de rompê-lo, que encontra expressão nos sonhos, em atos de crime e de paixão. Há contudo outra relação sujeita a desejos criminais reprimidos, a saber, a de um homem para com seu matriarca, o irmão de sua mãe. Relativamente aos sonhos, há um fato interessante a ser notado, a saber, a crença de que nos sonhos proféticos de morte será sempre um *veyola* (parente real), em geral o filho da irmã, que sonhará com a morte de seu tio. Outro importante fato pertencente à esfera da ação e não dos sonhos é o que se liga à bruxaria. Um homem que adquiriu a magia negra da doença deve escolher sua primeira vítima entre seus parentes maternos próximos. Diz-se muitas vezes que o homem escolheu sua própria mãe. Por isso, quando se sabe que alguém está aprendendo feitiçaria, seus parentes reais, isto é, seus parentes do lado materno, ficam sempre assustados e na expectativa de um perigo pessoal.

Nas crônicas do verdadeiro crime, há também vários casos a serem registrados, que dizem respeito ao nosso problema. Um deles aconteceu na aldeia de Osapola, a meia hora de distância do lugar em que eu morava naquela época e conheci bem os atores. Eram três irmãos, o mais velho cego. O mais moço costumava sempre apanhar nozes de betel antes de estarem adequadamente maduras, privando o cego da sua parte. O cego um dia teve um acesso de fúria terrível e, segurando um machado, procurou de certo modo ferir o irmão mais moço. O outro irmão, o do meio, tomou então uma espada e matou o cego. Foi sentenciado a doze meses de prisão pelo magistrado branco residente. Os nativos consideravam isso uma injustiça ultrajante. O assassínio de um irmão por outro é uma questão puramente interna, certamente um crime terrível e uma horrorosa tragédia, é um drama com o qual o mundo exterior nada tem a

ver, devendo somente assistir e mostrar horror e piedade. Há outros casos de violentas brigas, lutas e um ou dois assassínios mais na família matrilinear, dos quais tive conhecimento.

Não se pode, por outro lado, citar um único caso de parricídio. Contudo, para os nativos, conforme disse, o parricídio não seria uma tragédia especial, seria simplesmente uma questão a ser tratada com o próprio clã do pai.

Fora desses acontecimentos dramáticos, crimes e tragédias que abalam a ordem tribal até seus fundamentos, há os pequenos acontecimentos que indicam meramente o fervilhar das paixões por baixo da superfície aparentemente firme e quieta. Porque, como vimos, a sociedade constrói suas normas e ideais tradicionais e estabelece entraves e barreiras para salvaguardá-los. Porém estes mesmos entraves provocam certas reações emocionais.

Nada me surpreendeu tanto no curso de minhas pesquisas sociológicas quanto a observação gradativa de uma corrente subterrânea de desejos e inclinações que toma o rumo contrário às tendências das convenções, da lei e da moralidade. O direito materno, o princípio segundo o qual a unidade de parentesco só existe na linha materna, devendo esta unidade de parentesco exigir toda a atenção assim como todos os deveres e lealdade, é o comando da tradição. Mas na realidade a amizade e a afeição para com o pai, a comunidade de interesses e desejos pessoais com ele, combinadas com a vontade de sacudir os entraves exogâmicos do clã, estas são as forças vivas que decorrem da inclinação pessoal e das experiências da vida individual. E estas forças contribuem muito para atiçar as fagulhas sempre presentes da inimizade entre irmãos, e entre o irmão da mãe e o sobrinho. Deste modo, nos sentimentos reais do indivíduo temos por assim dizer a negação sociológica do princípio tradicional da matrilinearidade.[28]

[28] Este ponto foi desenvolvido pelo autor em *Crime and Custom*, 1926.

# IV

## Obscenidade e Mito

PASSAMOS AGORA AO ESTUDO DO FOLCLORE EM RELAÇÃO com os sentimentos típicos da família matrilinear e com isso entramos no terreno melhor cultivado da fronteira entre a psicanálise e a antropologia. De há muito tinha sido reconhecido que, por esta ou aquela razão, as histórias seriamente contadas a respeito dos tempos antigos e as narrativas de divertimento correspendem aos desejos das pessoas em cujo meio são correntes. A escola de Freud afirma além disso que o folclore relaciona-se especialmente com a satisfação de desejos reprimidos, mediante histórias de fadas e lendas, e que isto é também o que acontece com os provérbios, as piadas e máximas bem assim os modos estereotipados de insultos.

Comecemos por estes últimos. Sua relação com o inconsciente não deve ser erroneamente interpretada no sentido de que satisfazem os desejos recalcados da pessoa ou mesmo do insultador. Por exemplo, a expressão amplamente usual entre as raças orientais e muitos selvagens, "vá a merda", assim como em forma ligeiramente modificada entre os latinos, não satisfaz diretamente o desejo de nenhum dos dois. Indiretamente, tem apenas o sentido de vilipendiar e desagradar a pessoa que recebe a ofensa. Toda forma de insultos ou de palavrões contém certas proposições sujeitas a fortes possibilidades emocionais. Alguns despertam emoções de desgrado e vergonha, outros ainda chamam a atenção para certas

ações, ou fazem acusações que são consideradas abomináveis numa dada sociedade, ferindo assim o sentimento do ouvinte. Pertence a este grupo de expressões a blasfêmia, que na cultura européia atinge o zênite da perfeição e da complexidade nas inumeráveis variações da frase "*Me cago en Dios!*", que pululam por toda a parte onde se fala o sonoro espanhol. Encontra-se aqui também todos os vários insultos referentes à posição social, ocupações desprezadas ou degradadas, hábitos criminais e coisas semelhantes, todos muito interessantes sociologicamente, porquanto indicam aquilo que é considerado o grau mais profundo de degradação naquela cultura.

O tipo incestuoso de palavrão, no qual a pessoa ofendida é convidada a ter relações com um parente proibido, em geral a mãe, é na Europa uma especialidade das nações eslavas, entre as quais os russos estão facilmente na dianteira, com as numerosas combinações do "Yob twayu mat" ("vá ter relações com tua mãe"). Este tipo de insulto interessa-nos muito por causa de seu assunto e porque desempenha importante papel nas ilhas Trobriand. Lá os nativos têm três expressões incestuosas: "*Kwoy inam*", — "vá ter relações com tua mãe"; "*Kwoy lumuta*" — "vá ter relações com tua irmã"; e "*Kwoy um'kwava*" — "vá ter relações com tua mulher". A combinação dessas expressões é em si mesmo curiosa, porque vemos lado a lado o mais legal e o mais ilícito dos tipos de relações sexuais usados com o mesmo propósito de ofender e maltratar. A gradação da intensidade é ainda mais notável. Enquanto o convite ao incesto materno é apenas um termo suave em tom de troça ou como brincadeira, assim como dizemos "Vá para o inferno", a menção do incesto com a irmã no insulto é uma ofensa muito séria, só usada quando o indivíduo é tomado de uma cólera real. Mas o pior insulto, aquele que soube ser seriamente usado no máximo duas vezes, e numa das vezes de fato foi uma das causas do incidente fratricida acima descrito, é a ordem de ter relações com a mulher. Esta expressão é tão exasperada que só soube de sua existência depois de uma longa

estadia nas Trobriand e nenhum nativo seria capaz de pronunciá-la a não ser murmurando, nem consentiria fazer qualquer pilhéria a respeito desse inconveniente modo de ofensa.

Qual é a psicologia desta gradação? E' evidente que não tem uma relação precisa com a enormidade ou o desagrado do ato. O incesto materno está absoluta e completamente fora de questão, no entanto é a ofensa mais suave. Também a criminalidade da ação não pode ser a razão das várias intensidades da ofensa, pois a menos criminosa, na realidade a relação legal, é a mais ofensiva quando imputada a outrem. A causa real é a plausibilidade e a realidade do ato e o sentimento de vergonha, cólera e degradação social pela derrubada das barreiras da etiqueta, mostrando a realidade nua. A intimidade sexual entre marido e mulher é mascarada por uma etiqueta muito rígida, não porém tão estrita quanto a que existe entre irmão e irmã, mas visando diretamente a eliminar qualquer modo sugestivo de comportamento. Os gracejos e indecências sociais não devem ser pronunciados na companhia de dois esposos. E introduzir fora de propósito na conversa a sexualidade pessoal direta da relação em linguagem grosseira é uma ofensa mortal à sensibilidade dos habitantes das Trobriands. Esta psicologia é extremamente interessante porque revela que uma das principais forças do insulto consiste na relação entre a realidade e a plausibilidade de um desejo ou ação e suas repressões convencionais.

A relação entre a ofensa mediante a referência ao incesto com a mãe ou com a irmã torna-se esclarecida pela mesma psicologia. Sua intensidade é medida principalmente pela probabilidade da realidade corresponder à imputação. A idéia do incesto materno é tão repugnante para o nativo quanto a do incesto com a irmã, provavelmente ainda mais. Mas, justamente porque, conforme vimos, o desenvolvimento inteiro da relação e da vida sexual torna quase inexistente as tentações incestuosas da mãe, enquanto o tabu contra a irmã é imposto com grande brutalidade e conserva uma força rígida, a in-

clinação real a quebrar o forte tabu é muito mais positiva. Por isso esta ofensa fere até o âmago.

Nada há que dizer a respeito dos provérbios nas Trobriand, porque não existem. Assim como se dá com as máximas típicas e outros usos lingüísticos, mencionarei aqui o importante fato de que a palavra *luguta*, minha irmã, é usada na magia como uma palavra que significa incompatibilidade e mútua repulsão.

Passamos agora ao mito e à lenda, isto é, às histórias contadas com a séria finalidade de dar uma explicação das coisas, instituições e costumes. Para tornar a análise deste material muito extenso e rico clara e no entanto rápida, classificarei estas histórias em três categorias: 1) mitos sobre a origem do homem e a ordem geral da sociedade, especialmente as divisões totêmicas e as categorias sociais; 2) mitos de modificações e realizações culturais, que contêm histórias a respeito de façanhas heróicas, referem-se ao estabelecimento dos costumes, aspectos culturais e instituições sociais; 3) mitos associados com formas explícitas de magia.[29]

O caráter matrilinear da cultura vem à tona imediatamente na primeira classe, isto é, nos mitos relativos à origem do homem, da ordem social, especialmente a chefia e as divisões totêmicas, e dos vários clãs e subclãs. Estes mitos, que são numerosos, porque cada localidade tem suas próprias lendas ou variantes, formam uma espécie de ciclo coligado. Todos eles estão de acordo em que os seres humanos emergiram do fundo da terra através de buracos na superfície. Cada subclã tem seu próprio lugar de emergência e os acontecimentos que tiveram lugar nesta decisiva ocasião determinaram muitas vezes privilégios e incapacidades do subclã. O que mais nos interessa neles é que os primeiros grupos ancestrais, cujo aparecimento é mencionado no mito, consistem sempre em uma mulher, às vezes acompanhada de seu irmão, outras vezes acompanhada pelo animal totêmico, mas nunca por um marido. Em alguns dos mitos o modo de propagação dos primeiros ancestrais é expli-

[29] Veja-se o Capítulo sobre Mitologia em *Argonauts of the Western Pacific*, especialmente as páginas 304ss.

citamente descrito. A mulher inicia a linha de seus descendentes pela imprudente exposição à chuva ou, estando deitada numa gruta, é atravessada pelo gotejar das estalactites; ou então ao tomar banho ela é mordida por um peixe. Deste modo ela é "aberta" e o espírito de uma criança entra no útero fazendo-a ficar grávida.[*] Assim, em vez da força criadora do pai, os mitos revelam os poderes procriadores espontâneos da mãe ancestral.

Não existe qualquer outro papel em que o pai apareça. Na verdade o pai nunca é mencionado e não existe em qualquer parte do mundo mitológico. A maioria destes mitos locais apareceram em forma muito rudimentar, alguns contendo somente um acidente ou uma afirmação de direito e privilégio. Aqueles que contêm um conflito ou um incidente dramático, elementos essenciais num mito não deturpado, retratam invariavelmente uma família matrilinear e o drama que nela se passa. Há uma briga entre dois irmãos, que os faz separarem-se, cada qual tomando sua irmã. Ou ainda em outro mito surgem duas irmãs, que se desarmonizam, separam-se e fundam duas comunidades diferentes.

Em um mito que talvez possa ser classificado nesse grupo e que explica a perda da imortalidade ou, falando mais corretamente, da juventude perpétua pelos seres humanos, é a contenda entre avó e neta que produz a catástrofe. A matrilinearidade, pelo fato da descendência ser contada pelo lado feminino, o direito materno, na grande importância do papel desempenhado pelas mulheres, a configuração matriarcal do parentesco, nas dissenções dos irmãos, em suma, o padrão de família matrilinear é evidente na estrutura dos mitos desta categoria. Não há um único mito relativo às origens no qual um marido ou um pai desempenhe qualquer papel

[*] Os freudianos deverão estar interessados na psicologia do simbolismo subjacente a estes mitos. E' preciso notar que os nativos não têm idéia alguma da influência fecundante do sêmen masculino, mas sabem que uma virgem não pode conceber e que para tornar-se mãe uma mulher tem de ser "aberta", conforme dizem. Isto na vida diária da aldeia é feito em idade precoce pelo órgão adequado. No mito da ancestral primeva, no qual o marido ou algum outro companheiro macho sexualmente elegível está excluído, escolhe-se um objeto natural, tal como um peixe ou uma estalactite. Veja-se, para novos materiais sobre este assunto, meu artigo em *Psyche*, outubro, 1923, reimpresso sob o título *The Father in Primitive Psychology*, 1927.

ou sequer apareça. Não seria preciso qualquer outro argumento para convencer um psicanalista de que a natureza matrilinear do drama mitológico está estreitamente associada com as repressões matrilineares no seio da família.

Vejamos agora a segunda classe de mitos, os que se referem a grandes realizações culturais promovidas por façanhas heróicas e importantes aventuras. Esta classe de mitos é menos rudimentar, consiste em longos ciclos e desenvolve incidentes dramáticos de maneira muito acentuada. O ciclo mais importante desta categoria é o mito de Tudava, um herói nascido de uma virgem que foi trespassada pela ação da água de estalactites. As façanhas deste herói são celebradas em um grande número de mitos, que variam ligeiramente de acordo com a região em que são encontrados e que atribuem ao herói a introdução da agricultura e a instituição de um certo número de regras morais e costumes, apesar de seu próprio caráter moral ser muito fracamente desenvolvido. A principal proeza deste herói, porém, a que é conhecida em toda a região e forma os alicerces de todos os mitos, é a morte de um ogro. A história é a seguinte:

A humanidade vivia uma existência feliz no arquipélago de Trobriand. De repente um terrível ogro chamado Dokonikan apareceu na parte oriental das ilhas. Alimentava-se de carne humana e aos poucos consumiu uma comunidade depois da outra. Na extremidade noroeste da ilha, na aldeia de Laba'i, vivia nessa época uma família que consistia em uma irmã e seus irmãos. Quando Dokonikan se aproximou cada vez mais de Laba'i, a família decidiu fugir. No entanto, nesse momento a irmã feriu o pé e ficou incapaz de andar. Foi por conseguinte abandonada pelos irmãos que a deixaram com seu filhinho em uma gruta na praia de Laba'i e fugiram numa canoa para o sudoeste. O menino foi educado pela mãe, que lhe ensinou primeiramente a escolher a maneira adequada para fazer uma forte espada, e em seguida o instruiu na magia *Kwoygapani*, que priva o homem do entendimento. O herói pôs-se a caminho e após ter enfeitiçado Dokonikan com a magia

*Kwoygapani* matou-o e cortou-lhe a cabeça. Depois disso, ele e sua mãe prepararam um bolo de inhame no qual esconderam e cozinharam a cabeça do ogro. Com essa horrenda iguaria Tudava partiu por mar à procura do irmão de sua mãe. Quando o encontrou deu-lhe o bolo, no qual o tio com horror e terror encontrou a cabeça de Dokonikan. Tomado de medo e remorso, o irmão da mãe ofereceu ao sobrinho todas as espécies de presentes como expiação por tê-lo abandonado e à sua mãe, deixando-os entregues ao ogro. O herói recusou tudo e só foi aplacado depois que recebeu em casamento a filha de seu tio. Depois disso ele continuou e executou um grande número de façanhas culturais que não nos interessam mais neste contexto.

Neste mito há dois conflitos que põem em movimento o drama. Primeiramente, o apetite canibal do ogro e em segundo lugar o abandono da mãe e do filho pelo tio materno. O segundo é um típico drama matrilinear e corresponde claramente à tendência natural, reprimida pela moralidade e pelos costumes tribais, conforme verificamos em nossa análise da família matrilinear nas ilhas Trobriand, pois que o irmão da mãe é o guardião designado dela e de sua família. No entanto, este é um dever que não só pesa muito sobre ele mas não é sempre recebido com agrado e satisfação por seus protegidos. Assim, é característico que a abertura do mais importante drama heróico da mitologia esteja ligada ao pecado mortal da negligência de seu dever por parte do matriarca.

Mas este segundo conflito matriarcal não é inteiramente independente do primeiro. Quando Dokonikan é morto, sua cabeça é apresentada em um prato de madeira ao tio materno. Se fosse apenas para amedrontá-lo pela visão do monstro, não haveria razão para esconder a cabeça no bolo de inhame. Além disso, sendo Dokonikan o inimigo geral da humanidade, ao ver a cabeça dele o tio deveria ter ficado alegre. Todo o enredo deste incidente e a emoção subjacente a ele só recebem um significado se admitirmos que existe alguma espécie

de associação ou conivência entre o ogro e o tio. Neste caso dar a um canibal a cabeça de outro canibal para ser comida é justamente o tipo correto de punição, e a história contém portanto na realidade um vilão e um conflito distribuídos em dois atos e divididos em duas pessoas. Vemos assim que a lenda de Tudava contém como núcleo um típico drama matrilinear que é levado a uma conclusão lógica. Ficarei portanto satisfeito em ter indicado estes aspectos que são indiscutíveis e claramente contidos nos próprios fatos, e não entrarei em detalhes sobre ulteriores interpretações deste mito, que exigiriam certas hipóteses históricas e mitológicas. Mas desejo sugerir que a figura de Dokonikan não é de modo algum explicada por sua associação com o matriarca, porque pode ser uma figura transmitida de uma cultura patriarcal a outra, matriarcal, caso em que podia representar o pai e marido. Se assim for, esta lenda seria extremamente interessante por mostrar como a tendência dominante de uma cultura modela e transforma as pessoas e as situações para ajustá-las ao seu próprio contexto sociológico.

Outro incidente deste mito que apenas indicarei aqui é o casamento, no final da história, do herói com sua prima materna. Isto, no atual sistema de parentesco dos nativos, é considerado claramente uma coisa indevida, embora não realmente incestuosa.

Passando a outro ciclo lendário, temos a história de dois irmãos que brigaram por um lote de jardim — como tantas vezes acontece na vida real — e nesta briga o mais velho matou o mais moço. O mito não relata qualquer arrependimento por este ato. Descreve, ao contrário, em detalhes o anticlímax culinário do drama; o irmão mais velho cava um buraco no chão, apanha pedras, folhas e lenha e, assim como se estivesse simplesmente morto um porco ou pescado um grande peixe, põe-se a assar o irmão em um forno feito na terra. Em seguida sai mascateando a carne assada de aldeia em aldeia, cozinhando-a novamente de vez em quando se seu sentido olfativo indica a necessidade desse procedi-

mento. As comunidades que recusam a oferta permanecem não-canibais e aquelas que aceitam tornam-se para sempre comedoras de carne humana. Assim, o canibalismo é aqui referido a um ato fratricida e à preferência ou ao desagrado por um alimento obtido deste modo criminoso e pecaminoso. Não é preciso dizer que este mito só existe nas tribos que não são canibais. A mesma diferença entre canibalismo e sua ausência é explicada pelos naturais antropófagos de Dobu e outros distritos canibais das ilhas d'Entrecasteaux por uma história na qual o canibalismo certamente não é marcado como algo desprezível. Esta história, porém, consiste também em uma diferença, embora não de uma briga real, entre dois irmãos e duas irmãs.[21] O que principalmente nos interessa nesses mitos é o traço matrilinear que possuem, representado pela briga entre o irmão mais velho e o mais moço.

O mito relativo às origens do fogo, que também contém uma breve menção sobre as origens do sol e da lua, descreve a discórdia entre duas irmãs. Convém acrescentar que neste mito o fogo é descrito como tendo origem nos órgãos sexuais da mulher.

O leitor acostumado a interpretações psicanalistas do mito e aos estudos psicológicos e antropológicos sobre este assunto em geral achará todas as minhas observações singularmente simples e sem complicação. Tudo quanto aqui foi dito refere-se à superfície do mito e não tentei qualquer interpretação complicada ou simbólica. Foi propositadamente que me refreei ao proceder assim. Acho que a tese aqui desenvolvida, segundo a qual na sociedade matriarcal o mito terá de conter conflitos de natureza especificamente matrilinear, estará melhor assegurada se for apoiada somente em argumentos indubitáveis. Além disso, se tenho razão, e se nosso ponto de vista sociológico nos permite realmente dar um passo à frente no sentido da correta interpretação do mito, é claro que não precisamos confiar tanto em reinterpretações indiretas ou simbólicas dos fatos, mas podemos com

[21] Estes mitos foram já apresentados em *Argonauts of the Western Pacific*, Capítulo sobre "Mitologia", pp. 321-331-332.

plena confiança deixar os fatos falarem por si mesmos. E' evidente para qualquer leitor atento que muitas das situações compreendidas como resultado direto do complexo matrilinear, poderiam, mediante uma reacomodação artificial e simbólica, ser levadas a um estado em que correspondessem a uma perspectiva patriarcal. O conflito entre o irmão da mãe e o sobrinho, que deveriam ser protetores naturais e estarem sempre de acordo numa causa comum, mas que freqüentemente na realidade consideram-se um ao outro como um ogro, poderia sofrer outro retoque, a luta e a violência canibal entre dois irmãos, que pela lei tribal formam um único corpo, tudo isto corresponde aproximadamente a conflitos análogos no âmbito de uma família patriarcal. E é apenas a diferença de atores no enredo da peça que distingue o mito matriarcal do patriarcal. O que difere é o ponto de vista sociológico da tragédia. Não abalamos de modo algum os fundamentos das explicações psicanalíticas do mito. Simplesmente corrigimos a sociologia desta interpretação. Creio que ficou suficientemente claro que esta correção, contudo, é de extrema importância e mesmo afeta problemas psicológicos fundamentais.

Passemos agora à terceira classe de mitos, a que encontramos na base das realizações culturais e da magia. A magia desempenha um papel extremamente importante em tudo que os nativos fazem. Sempre que tratam de um assunto de importância vital para eles e para o qual não podem confiar somente em suas próprias forças, chamam a magia em seu auxílio. Para dominar o vento e o tempo, para precaver-se contra os perigos da navegação, para obter sucesso no amor, no comércio cerimonial ou na dança, os nativos executam atos mágicos. A magia negra e a magia da saúde desempenham enorme papel em sua vida social e por isso nas atividades e empresas econômicas importantes, tais como a horticultura, a pesca e a construção de canoas, a magia entra como elemento intrínseco e importante. Ora, existe uma íntima conexão entre magia e mito. A maioria dos poderes supernormais demonstrados pelos heróis no mito devem-se ao seu conhecimento da magia. A humanidade

atual diferencia-se dos grandes heróis míticos do passado pelo fato de que hoje em dia os tipos de magia mais eficazes se perderam. Se os fortes feitiços e os poderosos ritos fossem recuperados os homens poderiam voar pelo ar, rejuvenescer e conservar a vida para sempre, matar pessoas e trazê-las de volta à vida, ser sempre belos, bem sucedidos, amados e louvados.

Mas não é somente o mito que tira da magia os poderes que possui. A magia depende também do mito. Quase todos os tipos de feitiços e ritos têm seu fundamento mitológico. Os nativos contam uma história do passado que explica como esta magia veio a se tornar uma posse do homem, o que serve de garantia de sua eficiência. Nisto consiste talvez a principal influência sociológica do mito. Porque o mito vive na magia e como a magia configura e mantém muitas instituições sociais, o mito exerce sua influência sobre estas.

Passemos agora a alguns poucos exemplos concretos desses mitos de magia. Será melhor discutir primeiro a questão num caso detalhado e para esse fim escolherei o mito da canoa voadora, já publicado *in extenso.*[a] Este mito é narrado em conexão com a magia da construção de navios usados pelos nativos. Conta-se uma longa história a respeito de um tempo em que existia uma mágica que, sendo executada durante a construção de uma canoa, poderia fazê-la voar pelo ar. O herói desta história, o homem que foi o último — e ao que parece também o primeiro — a executá-la, é retratado em seu papel de construtor de navios e de mágico. Contam-nos que sob sua direção uma canoa foi construída e que, numa expedição marítima ao sul, ela ultrapassou todas as outras voando pelo ar, enquanto as demais tinham de navegar. Dizem-nos também que seu proprietário conquistou um extraordinário sucesso na expedição. Este é o começo feliz da história. Agora vem a tragédia. Todos os homens da comunidade sentem inveja e são tomados de ódio contra o herói. Outro incidente ocorre. O herói possuía também uma mágica apropriada ao cultivo das

[a] *Op. cit.*, pp. 421ss.

hortas, e outra pela qual podia também causar dano aos vizinhos. Há uma seca geral e só sua plantação sobrevive. Então todos os homens da comunidade decidem que ele deve morrer. O irmão mais moço do herói recebera dele a mágica da canoa e a mágica da horta. Assim ninguém pensou que matando o irmão mais velho viessem também a perder a mágica. O ato criminoso foi executado não por estranhos mas pelo irmão mais moço do herói. Em uma das versões este e o sobrinho materno do herói matam-no num ataque conjunto. Em outra versão, porém, a história continua contando como, depois de ter morto seu irmão mais velho, prossegue organizando as festividades mortuárias dirigidas a ele. O ponto culminante da história consiste no fato de que, após ter praticado o ato, o irmão mais moço tentou aplicar a mágica a uma canoa e verificou consternado que não possuía a mágica inteira mas somente a parte mais fraca do feitiço. Assim, a humanidade perdeu para sempre a mágica do vôo.

Neste mito o complexo matrilinear aparece poderosamente no primeiro plano. O herói, cujo dever, de acordo com a lei tribal, é partilhar a mágica com seu irmão mais moço e o sobrinho materno, ludibriou-os, para dizer as coisas em termos claros, pretendendo ter-lhes transmitido todos os feitiços e ritos quando na realidade só lhes tinha entregue uma fração insignificante. O homem mais moço, por outro lado, cujo dever seria proteger seu irmão, vingar a morte dele, participar de todos os seus interesses, é quem vemos à frente da conspiração, tendo as mãos manchadas de sangue de um fratricídio.

Se compararmos esta situação mítica com a realidade sociológica encontraremos uma estranha correspondência. E' dever de todo indivíduo transmitir a seu sobrinho materno ou ao irmão mais moço as posses hereditárias da família, tais como o mito familiar, a magia familiar e os cantos familiares, assim como os títulos a certas posses materiais e ritos econômicos. A transmissão da magia tem evidentemente de ser feita durante a vida do homem mais velho. A cessão dos direitos e privilégios

de propriedade é também freqüentemente feita antes da morte. E' interessante que esta aquisição legal por um homem dos bens que lhe são devidos por herança de seu tio materno ou irmão velho tem sempre de ser feita contra um tipo de pagamento chamado *pokala,* que freqüentemente é na verdade muito substancial. E' ainda mais importante notar que quando um pai dá certas propriedades a seu filho o faz gratuitamente, por pura afeição. Na vida real, a trapaça mitológica do irmão mais moço pelo mais velho é também muito freqüentemente copiada. Há sempre um sentimento de incerteza, de suspeita mútua entre as duas pessoas que pela lei tribal deveriam estar unidas por interesses comuns e deveres recíprocos, assim como pela afeição. Todas as vezes que obtinha uma mágica de um homem, eu ficava sabendo que ele próprio duvidava se não teria sido roubado de uma parte dela ao recebê-la de seu tio ou irmão mais velho. Esta dúvida nunca existia no espírito de um homem que recebera a mágica como presente dado pelo pai. Vigiando os indivíduos que estavam de posse de importantes sistemas de magia, descobri também que mais da metade dos proeminentes mágicos jovens tinham obtido seus poderes por doação paterna e não por herança materna.

Vemos assim que na vida real, tal como no mito, a situação corresponde a um complexo, a um sentimento recalcado e está em discordância com a lei tribal e os ideais convencionais da tribo. De acordo com a lei e a moral, dois irmãos ou um tio materno e seu sobrinho são amigos, aliados e têm em comum todos os sentimentos e interesses. Na vida real até certo ponto, e no mito de forma franca são inimigos, enganam um ao outro, matam um ao outro, e prevalece a suspeita e a hostilidade em lugar do amor e da união.

Outro aspecto ainda do mito da canoa merece nossa atenção. No epílogo do mito conta-se que as três irmãs do herói são tomadas de cólera contra o irmão mais moço porque matou o mais velho sem aprender a mágica. Elas, porém, já a tinham aprendido mas, sendo mulhe-

res, não podiam construir canoas voadoras ou navegar nelas, e eram capazes de voar pelo ar como bruxas voadoras. Depois do crime ter sido cometido elas fugiram voando, indo cada uma estabelecer-se numa região diferente. Vemos neste episódio a característica posição matrilinear da mulher, que aprende a mágica em primeiro lugar, antes que o homem a tenha adquirido. As irmãs aparecem também como guardiãs morais do clã, mas sua cólera não se dirige contra o crime e sim contra a mutilação da propriedade do clã. Se o irmão mais moço conhecesse a mágica antes de matar o mais velho, as três irmãs teriam vivido de maneira feliz com ele para sempre.

Outro mito fragmentário já publicado merece nossa atenção[■], o mito relativo à origem da magia selvagem em casos de naufrágio. Havia dois irmãos, sendo o mais velho um homem e o mais moço um cachorro. Um dia o mais velho parte para uma expedição de pesca, mas recusa-se a levar consigo o mais moço. O cachorro, que tinha adquirido a mágica da natação segura com a mãe, segue o mais velho, mergulhado debaixo da água. Na pescaria o cachorro tem maior sucesso. Como retaliação pelo mau tratamento recebido do irmão mais velho, o cachorro muda de clã e lega a mágica aos seus parentes adotivos. O drama desse mito consiste primeiramente no favor concedido pela mãe ao segundo filho, traço tipicamente matrilinear, pelo fato de que nesse caso a mãe distribui seus favores diretamente e não precisa enganar o pai com sua colega melhor conhecida na Bíblia, a mãe de Esaú e Jacó. Há também a típica querela matrilinear, o prejuízo do irmão mais moço pelo mais velho e a retaliação.

Outra história mais importante precisa ser contada aqui, a saber, a lenda sobre a origem da magia amorosa que forma a mais eloqüente prova da influência do complexo matrilinear. Entre esta gente amorosa as artes de sedução, de agrado, de impressão do outro sexo, conduzem à exibição da beleza, da bravura e das habili-

■ *Op. cit.*, pp. 262-264.

dades artísticas. A fama de um bom dançarino, de um bom cantor, de um guerreiro tem seu lado sexual, e embora a ambição tenha uma poderosa influência por si mesma uma parte dela é sempre sacrificada no altar do amor. Mas acima de todos os outros meios de sedução a prosaica rude arte da magia é extensamente usada e comanda o supremo respeito dos nativos. O dom-jan tribal ufana-se de sua magia mais do que de qualquer qualidade pessoal. O namorado rústico não bem sucedido anseia pela magia: "Se eu conhecesse o real *Kayroiwo*", é o refrão do coração partido. Os nativos apontam homens velhos, feios e alejados que apesar disso foram sempre bem sucedidos no amor por meio da magia que possuíam.

Esta magia não é simples. Há uma série de atos, cada qual consistindo em uma fórmula especial e seu rito, que devem ser executados um depois do outro em determinada ordem para exercerem um crescente encantamento sobre o amante desejado. E' preciso acrescentar imediatamente que o feitiço é executado por moças, quando se trata de capturar um admirador, assim como pelos rapazes para dominar uma namorada.

A fórmula inicial associa-se ao banho ritual no mar. Pronuncia-se uma fórmula sobre as folhas esponjosas usadas pelos nativos como toalha de banho para secar e friccionar a pele. O banhista fricciona a pele com as folhas enfeitiçadas e em seguida lança-as às ondas. Assim como as folhas balançam para cima e para baixo, assim também o íntimo da pessoa amada será agitado pela paixão. Às vezes esta fórmula é suficiente, mas quando não é o amante repelido recorrerá à outra, mais forte. A segunda fórmula é entoada sobre a noz de betel, que a amante em seguida masca e cospe na direção de seu amado. Caso este procedimento também se revele insuficiente, uma terceira fórmula, mais forte do que as duas precedentes, é recitada sobre alguma iguaria, tal como a noz de betel ou o tabaco, e o petisco é dado à pessoa desejada para comer, mascar ou fumar. Uma medida ainda mais drástica consiste em proferir a magia na

palma da mão aberta e tentar apertá-la de encontro ao peito do amado.

O último e mais poderoso método poderia, sem levar demasiado longe a semelhança, ser descrito como psicanalítico. De fato, muito antes de Freud ter descoberto a natureza predominantemente erótica dos sonhos, teorias do mesmo gênero já estavam em voga entre os selvagens de pele escura do noroeste da Melanésia. De acordo com seu modo de pensar, certas fórmulas mágicas podem produzir sonhos. O desejo engendrado nestes sonhos penetra na vida desperta e assim o desejo sonhado torna-se realizável. Isto é o freudismo de cabeça para baixo, mas qual das duas teorias é correta e qual a errônea é coisa que não tentarei esclarecer de modo definido. No que respeita à magia amorosa, há um método de preparar certas ervas aromáticas em óleo de coco, pronunciando uma fórmula sobre elas, que lhes dá poderosa propriedade de provocar sonhos. Se o feiticeiro tiver sucesso em fazer o cheiro desta infusão entrar nas narinas de sua amada ela terá certeza de sonhar com ele. Neste sonho pode ter visões e experiências que inevitavelmente tentará traduzir em atos na vida real.

Entre as várias fórmulas de magia amorosa, a da *sulumwoya* é de longe a mais importante. Atribui-se-lhe grande eficácia e custa um preço considerável se um nativo deseja comprar a fórmula e o rito ou se quer que estes sejam executados a favor dele. Esta mágica localiza-se em dois centros. Um deles está situado na praia oriental da ilha principal. Uma bela praia de limpa areia coralínea dá para o alto mar na direção do oeste, onde, além da arrebentação branca sobre o recife que margeia a praia, podem ser vistos num dia claro silhuetas de distantes rochedos de coral. Entre estes encontra-se a ilha de Iwa, o segundo centro da mágica amorosa. O lugar na ilha principal, que é a praia de banho e de embarque da aldeia de Kumilabwaga, é para os nativos uma espécie de santuário sagrado do amor. Aí, no calcáreo branco, além da orla de luxuriante vegetação acha-se a gruta onde foi consumada a tragédia primeva; de ambos os lados da gruta acham-se as duas fontes que

ainda possuem o poder de inspirar amor por meio dos ritos.

Um belo mito de magia e amor correlaciona estes dois lugares em face um do outro através do mar. Um dos aspectos mais interessantes deste mito é explicar a existência da magia amorosa por aquilo que para os nativos é um horrível e trágico acontecimento, um ato de incesto entre irmão e irmã. Por este aspecto a história revela certa afinidade com as lendas de Tristão e Isolda, Lancelote e Guinerva, Sigmund e Sigelinde, assim como com um grande número de contos semelhantes nas comunidades selvagens.

Vivia na aldeia de Kumilabwaga uma mulher do clã Malasi que tinha um filho e uma filha. Um dia, enquanto a mãe estava cortando sua saia de fibras, o filho fez certa mágica sobre as ervas. Fez isso para ganhar o amor de certa mulher. Colocou folhas cáusticas de *kwayawaga* e algumas outras de *sulumwoya* cheirosas (hortelã) em óleo de coco transparente e pôs a mistura a ferver, recitando o feitiço sobre ela. Em seguida derramou-a num recipiente feito de folhas de bananeira resistentes e colocou no telhado de palha. Depois disso foi para o mar onde se banhou. A irmã enquanto isto preparava-se para ir ao poço a fim de encher de água as cuias de coco. Ao passar por baixo do lugar onde tinha sido colocado o óleo mágico roçou no recipiente com o cabelo e um pouco do óleo respingou nela. Limpou-o com os dedos e então cheirou-o. Quando voltou com a água perguntou à mãe: "Onde está o homem, onde está meu irmão?" De acordo com as idéias morais dos nativos isto foi uma coisa terrível, porque nenhuma moça deveria perguntar pelo irmão nem falar dele como homem. A mãe adivinhou o que tinha acontecido. Disse para si mesma: "Ai de mim, meus filhos perderam seus espíritos".

A irmã correu atrás do irmão. Encontrou-o na praia onde estava tomando banho. Ele tinha tirado a folha que cobria o pubis. Ela desamarrou a saia de fibra e, nua, procurou aproximar-se dele. Horrorizado por esta espantosa visão, o homem fugiu ao longo da praia até

ser barrado pelo escarpado rochedo que corta ao norte a praia de Bokaraywata. Voltou e correu para o outro rochedo que está situado, íngreme e inacessível, na extremidade sul. Assim eles correram três vezes ao longo da praia, debaixo da sombra das grandes árvores até que o homem, exausto e derrotado, deixou que a irmã o apanhasse e os dois caíram abraçados na água rasa das ondas acariciantes. Em seguida, envergonhados e cheios de remorsos mas sem terem extinto o fogo de seu amor, foram para a gruta de Bokaraywata, onde ficaram sem comida, sem bebida e sem dormir. Aí também morreram, agarrados nos braços um do outro e através de seus corpos ligados cresceu a planta de cheiro doce da hortelã nativa (*sulumwoya*).

Um homem na ilha de Iwa sonhou o *kirisala,* o sonho mágico deste trágico acontecimento, viu-o diante de si. Acordou e disse: "Os dois morreram na gruta de Bokaraywata e a *sulumwoya* está nascendo de seus corpos. Devo ir". Tomou a canoa e navegou atravessando o mar entre sua ilha e a de Kitava. Em seguida, partindo de Kitava foi para a ilha principal, até desembarcar na trágica praia. Aí viu a garça dos recifes pairando sobre a gruta. Entrou e viu a planta *sulumwoya* brotando do peito dos amante. Foi então até à aldeia. A mãe confessou a vergonha que tinha caído sobre sua família. Deu-lhe a fórmula mágica, e ele aprendeu de cor. Levou uma parte do feitiço para Iva e deixou outra parte dele em Kumilabwaga. Na gruta, colheu um pouco da hortelã e levou-a consigo. Voltou a Iwa, sua ilha. Disse: "Trouxe aqui a ponta da mágica, as raízes ficaram em Kumilabwaga. Ficarão lá ligadas com a passagem para a praia de banho de Kadiusawasa e com a água de Bokaraywata. Numa primavera os homens devem tomar banho e na outra as mulheres". O homem de Iwa impôs então os tabus da mágica, prescreveu exatamente o ritual e estipulou que um considerável pagamento deveria ser feito à gente de Iwa e Kumilabwaga, quando permitissem a outros usarem sua mágica ou seus lugares sagrados. Existe também um milagre tradicio-

nal ou pelo menos um augúrio para aqueles que realizarem a mágica na praia. No mito isto é representado como tendo sido estabelecido pelo homem de Iwa; quando a mágica é executada e podem ser previstos bons resultados serão observados dois peixinhos brincando juntos na água rasa da praia.

Resumi aqui somente esta última parte do mito, pois sua forma literal contém afirmações sociológicas que são enfadonhas e degeneram em fanfarronadas. A narrativa do elemento miraculoso em geral conduz a reminiscências do passado imediato. Os detalhes rituais desenvolvem-se em minúcias e a lista dos tabus em homílias precritivas. Mas para o narrador nativo esta última parte de interesse prático, pragmático e freqüentemente pessoal, é talvez mais importante que o resto, podendo o antropólogo aprender mais com ela do que com a história dramática precedente. As afirmações sociológicas estão contidas no mito, uma vez que a mágica a que se refere é propriedade pessoal. Deve ser transmitida de um possuidor plenamente capacitado a alguém que legalmente possa adquiri-la dele. Toda a força da mágica consiste na tradição correta. O fato da filiação direta, pelo qual o presente oficiante está ligado à fonte original, é de suprema importância. Em certas fórmulas mágicas os nomes de todos os que exerceram estes poderes são enumerados. E' essencial em todos os ritos e feitiços a convicção de que estão absolutamente em conformidade com o modelo original. E o mito figura como a fonte última e o padrão final desta série regressiva. E' também o diploma da sucessão mágica, o ponto de partida do *pedigree*.

Relativamente a esta questão convém dizer algumas palavras sobre o ambiente social da magia e do mito. Algumas formas de magia não são localizadas. Pertencem a estas a feitiçaria, a magia do amor, os feitiços de beleza e a mágica do *Kula*. Nestas formas, nem por isso a filiação deixa de ser importante, embora não se trate da filiação por parentesco. Outras formas de magia achamse associadas a um determinado território, às indústrias

locais de uma comunidade, a certas supremas e exclusivas pretensões de que um chefe e sua aldeia capital são revestidos. Pertencem a este grupo também a magia da horticultura, a magia que deve nascer do solo pois só assim pode ser eficaz. Pertencem a esta classe também a magia do tubarão e outras formas de pesca de caráter local. Pertencem a este grupo certas formas de mágicas da canoa, a da concha vermelha, usada como ornamento e sobretudo a *waygigi*, o feitiço supremo da chuva e do sol claro, privilégio exclusivo dos principais chefes de Omarakana.

Nestes tipos de magia local o poder esotérico das palavras está tão acorrentado à localidade quanto o grupo que habita a aldeia e exerce a mágica. Esta não é assim meramente local mas exclusiva e hereditária em um grupo de parentesco matrilinear. Nesses casos o mito da mágica deve ser colocado lado a lado com o mito da origem local como uma força essencialmente sociológica soldando o grupo, fornecendo sua quota ao sentimento de unidade, dotando o grupo de um valor cultural comum.

O outro elemento notável no final da história acima e presente também em muitos outros mitos relativos à magia é a enumeração de portentos, augúrios e milagres. Poder-se-ia dizer que assim como o mito local estabelece as pretensões do grupo pelo precedente, o mito mágico justifica-as pelo milagre. A magia baseia-se na crença em um poder específico que reside sempre no homem, e sempre derivado da tradição.[34] A eficiência desse poder é garantida pelo mito, mas tem de ser também confirmada pela única coisa que o homem sempre aceita como prova final, a saber os resultados práticos. "Por seus frutos as conhecereis". O homem primitivo não é menos ansioso do que o moderno homem de ciência em confirmar suas convicções pelo fato empírico. O empirismo da fé, selvagem ou civilizada, consiste nos milagres. E a fé viva há de sempre gerar milagres. Não existe religião civilizada sem seus santos e demônios, sem iluminações e símbolos,

[34] *Op. cit.*, capítulos sobre "Magia" e "Poder das Palavras na Magia", veja-se também Ogden e Richard, *The Meaning of Meaning*, capítulo II.

sem o espírito de Deus descendo sobre a comunidade dos fiéis. Não existe nenhuma fé que esteja na moda, nenhuma religião, seja ela uma forma de espiritismo, a teosofia ou a Ciência Cristã, que não possa provar sua legitimidade pelo sólido fato da manifestação sobrenatural. O selvagem também tem sua taumatologia, e nas ilhas Trobriand, onde a magia domina todo o sobrenatural, é uma taumatologia da magia. Ao redor de cada forma de magia há um contínuo fio de água de pequenos milagres, que às vezes crescem até se tornarem provas maiores e mais notavelmente sobrenaturais e depois deslizando numa corrente menor, mas nunca ausente.

Na magia do amor, por exemplo, desde a contínua jactância sobre seu sucesso, passando por certos casos notáveis em que homens muito feios despertaram a paixão de famosas belezas, chegou ao clímax de seu poder miraculoso no recente caso notório de incesto acima mencionado. Este crime é freqüentemente explicado por um acidente semelhante àquele que acometeu os amantes míticos, o irmão e a irmã de Kumilabwaga. Os mitos formam assim o pano de fundo de todos os milagres atuais, sendo o modelo e o padrão destes. Poderia citar, tomando-a de outras histórias, uma relação semelhante entre o milagre original narrado pelo mito e sua repetição nos milagres correntes da fé viva. Os leitores de meu livro *The Argonauts of the Western Pacific* lembrar-se-ão da maneira pela qual a mitologia do comércio cerimonial lança sua sombra sobre os costumes e práticas modernas. Na magia da chuva e do tempo, da horticultura e da pesca, existe uma forte tendência a ver o milagre original repetido em forma atenuada nas notáveis confirmações miraculosas do poder mágico.

Finalmente, o elemento de injunção prescritiva, o estabelecimento de regulamentos rituais, sociais e tabus brota no fim da maior parte das narrativas míticas. Quando o mito de uma certa magia é narrado por um detentor da mágica este naturalmente contará suas próprias funções como resultado da história. Acredita estar unido como o fundador original da magia. No mito do amor, conforme

vimos, a localidade em que aconteceu a tragédia primeva, com sua gruta, sua praia, suas fontes, torna-se um importante santuário imbuído do poder da mágica. Para a população local, que não tem mais o monopólio exclusivo da magia, certas prerrogativas ainda associadas com o lugar têm o maior valor. A parte do ritual que ainda permanece ligada à localidade ocupa naturalmente a atenção dela. Na magia da chuva e do brilho do sol de Omarakana, que é uma das pedras angulares do poder do chefe, o mito se desenvolve em redor de um ou dois aspectos locais, que figuram também no ritual atual.

Acredita-se que toda atração sexual, todo poder de sedução reside na magia do amor.

Na pesca do tubarão e do *kalala* figuram também elementos específicos da localidade. Mas mesmo nessas histórias que não aliam a magia com a localidade, longas prescrições rituais são contadas como parte integral da narrativa ou então figuram na boca de uma das *dramatis personae*. O caráter prescritivo do mito revela sua função essencialmente pragmática, sua estreita associação com o ritual, a fé, a cultura viva. O mito tem sido freqüentemente descrito por escritores psicanalistas como "o sonho secular da raça". Esta fórmula, mesmo como tosca aproximação, é incorreta tendo-se em vista a natureza prática e pragmática do mito, conforme acabamos de estabelecer. Foi necessário tocar apenas de passagem sobre este assunto aqui, pois já o tratamos mais completamente em outro lugar. *

Neste livro traço a influência de um complexo matrilinear sobre uma única cultura, estudada por mim em primeira mão num intensivo trabalho de campo. Mas os resultados obtidos têm uma aplicação muito mais ampla. Os mitos de incesto entre irmão e irmã ocorrem freqüentemente nos povos matrilineares, especialmente no Pacífico, e o ódio e rivalidade entre o irmão mais velho e o mais moço ou entre sobrinho e tio materno é um aspecto característico do folclore mundial.

* "Myth in Primitive Psychology", *Psyche Miniatures*, 1926.

# Parte III

---

# PSICANÁLISE E ANTROPOLOGIA

# I

## A Brecha entre a Psicanálise e a Ciência Social

A TEORIA PSICANALÍTICA DO COMPLEXO DE ÉDIPO FOI inicialmente formada sem qualquer referência ao âmbito sociológico ou cultural. Era natural que assim fosse, porque a psicanálise começou sendo uma técnica de tratamento baseada na observação clínica. Posteriormente expandiu-se até chegar a ser uma explicação geral das neuroses, mais tarde tornou-se uma teoria dos processos psicológicos em geral e finalmente chegou a ser um sistema pelo qual devia ser explicada a maior parte dos fenômenos do corpo e do espírito, da sociedade e da cultura. Estas pretensões são evidentemente demasiado ambiciosas, mas mesmo assim sua realização parcial só poderia ter sido possível mediante a inteligente e sincera cooperação entre peritos em psicanálise e vários outros especialistas. Estes últimos deviam tomar conhecimento dos princípios psicanalíticos e serem levados por estes a novas avenidas de pesquisa. Por outro lado, poderiam colocar seu conhecimento especial e seus métodos à disposição dos psicanalistas.

Infelizmente a nova doutrina não encontrou benevolente e inteligente acolhimento. Pelo contrário, a maior parte dos especialistas ou ignoraram ou combateram a psicanálise. A conseqüência é encontrarmos uma reclusão rígida e esotérica do lado psicanalítico, e do outro lado ignorância daquilo que é sem dúvida uma importante contribuição para a psicologia.

Este livro é uma tentativa de colaboração entre a antropologia e a psicanálise. Muitas tentativas semelhantes tinham também sido feitas do lado psicanalítico e poderei citar como exemplo delas um interessante artigo do Dr. Ernest Jones.[26] Este artigo tem especial importância porque é uma crítica da primeira parte deste livro, que apareceu em forma de dois artigos preliminares em 1924.[27] O ensaio do Dr. Jones poderá servir de típica ilustração de certas diferenças no método de abordagem dos antropólogos e dos psicanalistas aplicada aos problemas da sociedade primitiva. E' especialmente adequado a este fim, visto que o autor, em sua interpretação do direito materno entre os melanésios, sua compreensão da complexidade do sistema legal e da organização do parentesco daqueles nativos, revela sua capacidade de apreensão de difíceis questões antropológicas.

Será conveniente apresentar aqui um breve resumo das opiniões expressas pelo Dr. Jones. O propósito de seu ensaio é dar uma explicação psicanalítica da instituição do direito materno e da ignorância da paternidade que prevalece entre certos povos primitivos. De acordo com os psicanalistas estes dois fenômenos não podem ser aceitos simplesmente em seu significado visível. Assim, os selvagens, quando expõem suas idéias sobre a procriação, revelam um simbolismo de espécie tão exata "que indica pelo menos um conhecimento inconsciente da verdade". E este conhecimento reprimido dos fatos da paternidade acha-se em íntima relação com os aspectos do direito materno, uma vez que uns e outros são determinados pelo mesmo motivo, a saber, o desejo de desviar o ódio sentido pelo adolescente com relação ao pai.

Em apoio desta hipótese o Dr. Jones utiliza em grande extensão material recolhido nas ilhas Trobriand, mas chega a conclusões diferentes das minhas, principalmente no que se refere ao tema central, a determinação da forma do complexo familiar nuclear pela estrutura social da particular cultura observada. O Dr. Jones adere à teoria de

[26] "Mother-Right and the Sexual Ignorance of Savages" *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. VI, parte 2, 1925, pp. 109-30.
[27] "Psycho-Analysis and Anthropology", *Psyche*, vol. IV.

Freud do complexo de Édipo como fenômeno fundamental, na verdade primordial. E' de opinião que dos dois elementos que o compõem, o amor pela mãe e o ódio ao pai, este último é de longe o mais importante na execução da repressão. Partindo daí, procura-se uma avenida de fuga negando simplesmente o ato do nascimento com a participação do pai, "o repúdio da parte do pai no coito e na procriação, e conseqüentemente amenizando e desviando o ódio contra ele" (p. 122). Mas o pai não está ainda afastado. As "atitudes de admiração, temor, respeito e hostilidade recalcada que são inseparáveis da idéia da imagem do pai", originando-se da "ambivalência obsessiva dos selvagens", têm ainda de ser levadas em conta, e por isso o tio materno é escolhido, por assim dizer, como bode expiatório sobre o qual podem ser amontoados todos os pecados do macho mais velho com autoridade, enquanto o pai continua tendo uma existência cordial e agradável no interior da família. Temos assim uma "decomposição do pai primitivo em um pai real amável e clemente, de um lado, e um tio severo e moral, de outro" (p. 125). Em outras palavras, a combinação do direito materno com a ignorância protege o pai e o filho contra sua rivalidade e hostilidade materna. Por conseguinte, para o Dr. Jones o complexo de Édipo é fundamental e "o sistema matrilinear, com seu complexo de avunculato, surge... como um modo de defesa contra as tendências edipianas primordiais" (p. 128).

Todas estas idéias não parecerão de todo estranhas aos leitores das duas primeiras partes deste livro, sendo sólidas no essencial.

Não estou predisposto a endossar incondicionalmente a principal afirmação do Dr. Jones, a de que tanto o direito materno quanto a ignorância da paternidade surgiram "para desviar o ódio com relação ao pai sentido pelo adolescente em crescimento" (p. 120). Penso que esta afirmação requer uma comprovação mais completa nos vários domínios antropológicos. Mas esta idéia parece harmonizar-se perfeitamente bem com todos os fatos que descobri na Melanésia e com quaisquer outros sistemas

de parentesco que conheci por meio da literatura. Se a hipótese do Dr. Jones vier a ser estabelecida pela pesquisa subseqüente, conforme penso e espero que acontecerá, o valor de minhas próprias contribuições será evidentemente muito aumentado. Porque em vez de ter chamado a atenção para uma simples constelação acidental, eu teria tido a boa sorte de descobrir fenômenos de importância evolutiva e genética universal. De certo modo parece-me que a hipótese do Dr. Jones é uma ousada e original extensão de minhas próprias conclusões, a saber, que no direito materno o complexo familiar tem de ser diferente do complexo de Édipo, que em condições matrilineares o ódio é deslocado do pai e colocado sobre o tio materno, que quaisquer tentações incestuosas dirigem-se à irmã e não à mãe.

O Dr. Jones tem contudo um ponto de vista não somente mais amplo, no qual estou disposto a segui-lo, mas além disso coloca um certo acento causal ou metafísico, pelo fato de considerar o complexo como a *causa* e a estrutura sociológica inteira como o *efeito*. No ensaio do Dr. Jones, assim como na maioria das interpretações psicanalistas do folclore, dos costumes e instituições é admitida a ocorrência universal do complexo de Édipo, como se este existisse independentemente do tipo de cultura, da organização social e das idéias concomitantes. Sempre que encontramos no folclore o ódio entre dois indivíduos do sexo masculino, um deles é interpretado como simbolização do pai e o outro como representando o filho, sem se indagar se nessa sociedade há oportunidade de conflito entre pai e filho. Ainda mais, toda paixão recalcada ou ilícita que encontramos tantas vezes nas tragédias mitológicas é devida ao amor incestuoso entre mãe e filho, mesmo se este tipo de tentações tiver sido eliminado pela forma de organização que prevalece nessa comunidade. Conseqüentemente, o Dr. Jones, no artigo acima citado, afirma que, embora meus resultados possam ser corretos "no plano puramente descritivo", a correlação entre sociologia e psicologia, na qual insisto, é "extremamente duvidosa" (p. 127). E diz ainda que "se for con-

centrada a atenção nos aspectos sociológicos dos dados" minha concepção poderia "parecer uma sugestão muito engenhosa e talvez mesmo plausível", mas que foi somente minha "imperfeita atenção dada aos aspectos genéticos do problema" que "conduziu a uma falta de... perspectiva dimensional, isto é, do sentido dos valores, baseada na íntimo conhecimento do inconsciente" (p. 128). O Dr. Jones chega à conclusão, de certo modo esmagadora para mim, "que o oposto da concepção de Malinowski está mais perto da verdade" (*ibid*).

Não me parece que exista a discrepância radical entre a doutrina psicanalítica e a antropologia ou a sociologia empíricas implicadas nestas citações. Não gostaria de ver a psicanálise divorciada da ciência empírica da cultura, nem o trabalho descritivo em antropologia privado da assistência da teoria psicanalítica. Não posso também alegar minha culpa por ter acentuado demasiado os elementos sociológicos. Esforcei-me por introduzir estes fatores na fórmula do complexo nuclear, mas de modo algum minimizei a importância dos fatores biológicos, psicológicos ou inconscientes.

# II

## Um "Complexo Reprimido"

MINHA PRINCIPAL AFIMAÇÃO É CONCISA E ADEQUADAMENTE resumida pelo próprio Dr. Jones como "a concepção segundo a qual o complexo nuclear varia de acordo com a particular estrutura da família existente em uma comunidade. Conforme seu modo de ver (isto é, de Malinowski) surge um sistema familiar matrilinear, por motivos sociais e econômicos desconhecidos, e então o complexo nuclear reprimido consiste na atração entre irmão e irmã, com o ódio do sobrinho ao tio; quando este sistema é substituído por um sistema patrilinear, o complexo nuclear torna-se o habitual complexo de Édipo" (pp. 127 e 128). Tudo isto é uma interpretação perfeitamente correta de minhas opiniões, embora o Dr. Jones tenha ido além do alcance de minhas conclusões anteriormente publicadas. Sendo um trabalhador de campo, permaneci em todo o meu ensaio no "plano puramente descritivo", mas nesta Parte terei em breve oportunidade de expor minhas concepções genéticas.

Conforme já foi mencionado, o essencial da dificuldade consiste no fato de que para o Dr. Jones e outros psicanalistas o complexo de Édipo é algo absoluto, a fonte primordial, em suas próprias palavras, a *fons et origo* de tudo. Para mim, por outro lado, o complexo familiar nuclear é uma formação funcional, que depende da estrutura e da cultura de uma sociedade. E' necessariamente determinado pela maneira em que as restrições

sexuais são moldadas numa comunidade e pela maneira em que a autoridade é distribuída. Não posso conceber o complexo como causa primeira de tudo, como a única fonte da cultura, da organização e da crença, como uma entidade metafísica, criadora mas não criada, anterior a todas as coisas e não causada por algum motivo.

Seja-me permitido citar algumas passagens mais significativas do artigo do Dr. Jones, a fim de indicar as obscuridades e contradições a que aludi, e que ilustram o tipo de argumento que encontramos nas discussões psicanalíticas ortodoxas dos costumes selvagens.

Mesmo quando temos de admitir não poder encontrá-las na existência real, como nas sociedades matrilineares da Melanésia, as "tendências edipianas primordiais" estão ainda à espreita por trás: "A irmã proibida e inconscientemente amada é apenas uma substituta da mãe, assim como o tio tem a mesma função com relação ao pai" (p. 128). Em outras palavras, o complexo de Édipo é simplesmente encoberto por outro, que aparece pintado sobre ele em cores ligeiramente diferentes. Na verdade o Dr. Jones usa uma terminologia ainda mais forte e fala de "repressão do complexo" e "dos vários e complicados dispositivos pelos quais se realiza e mantém esta repressão" (p. 120). E aqui encontramos a primeira obscuridade. Sempre compreendi que um complexo é uma configuração real de atitudes e sentimentos parcialmente patentes, parcialmente reprimidos, mas realmente existindo no inconsciente. Este complexo pode sempre ser empiricamente atingido pelos métodos práticos da psicanálise, pelo estudo da mitologia, do folclore e de outras manifestações culturais do inconsciente. Se, porém, conforme o Dr. Jones parece plenamente admitir, as típicas atitudes do complexo de Édipo não podem ser encontradas nem no consciente nem no inconsciente, se, como foi provado, não há traço de um nem de outro no folclore, nos sonhos e visões nas ilhas Trobriand ou em quaisquer outros sintomas, se em todas estas manifestações encontramos em vez dele o outro complexo, onde se irá encontrar então o complexo de Édipo repri-

mido? haverá um subinconsciente, por baixo do inconsciente real, e que significa o conceito de uma repressão reprimida? Seguramente tudo isto vai além da doutrina psicanalítica comum e leva-nos a certos campos ignorados. Suspeito ainda mais que são os campos da metafísica!

Vejamos os dispositivos pelos quais se realiza a repressão do complexo. Segundo o Dr. Jones consistem na tendência a divorciar as relações e o parentesco social nas várias negações habituais do nascimento real, na decretação de um nascimento ritual, no fingimento da ignorância da paternidade, etc. Gostaria de declarar aqui desde logo que neste ponto estou inteiramente de acordo com o modo de ver do Dr. Jones, embora discorde de certos detalhes. Assim, não estou seguro da "tendenciosa negação da paternidade física", pois estou firmemente convencido que a ignorância destes complicados processos fisiológicos é tão natural e direta quanto a ignorância dos processos da digestão, da secreção, do gradativo enfraquecimento corporal, em suma, de tudo aquilo que acontece no corpo humano. Não compreendo por que teríamos de admitir que indivíduos de um nível extremamente baixo de cultura tenham recebido uma revelação inicial sobre certos aspectos da embriologia, enquanto em todos os outros aspectos da ciência natural ignoram praticamente tudo que se refere às conexões causais dos fenômenos. Procurarei demonstrar dentro em pouco com alguma extensão que o divórcio, ou pelo menos a parcial autonomia das relações biológicas e sociais numa cultura, é da máxima importância na sociedade primitiva.

Na questão da ignorância da paternidade, porém, tenho uma ligeira discrepância quanto às idéias do Dr. Jones. Em um certo lugar diz ele: "Há o mais estreito correlacionamento colateral entre a ignorância da procriação paterna, de um lado, e a instituição do direito materno, de outro. Minha opinião é que estes dois fenômenos são causados pelo mesmo motivo. Saber em que relação cronológica se acham um com o outro é uma questão inteiramente diferente, que será considerada mais

tarde. O motivo, de acordo com esta concepção, nos dois casos é *desviar o ódio para com o pai sentido pelo rapaz em crescimento*" (p. 120). Este ponto é crucial e no entanto o Dr. Jones não parece sentir-se muito seguro a respeito dele. Pois em outro lugar declara que "não há razão para supor que a ignorância do selvagem, ou antes a repressão dos fatos da procriação paterna, seja um acompanhamento necessário do direito materno, embora seja evidente que deve constituir um valioso apoio para os motivos acima discutidos, que conduziram à instituição do direito materno" (p. 130). A relação entre as duas frases citadas não é absolutamente clara, e enquanto a última é inteiramente incorreta, a primeira seria mais lúcida se o autor nos dissesse o que entende por "mais estreito correlacionamento colateral". Significará isto que a ignorância e o direito materno são efeitos *necessários* da causa principal, isto é, do complexo de Édipo, ou estão ambos frouxamente ligados com ele? Neste caso quais são as condições pelas quais a necessidade de mascarar o complexo de Édipo conduz ao direito materno e à ignorância, e quais são as condições em que não conduz a estes efeitos? Sem estes dados concretos a teoria do Dr. Jones não passa de uma vaga sugestão.

Depois de examinar os dispositivos, examinemos a "causa primordial". Esta, como sabemos, é o complexo de Édipo, concebido de maneira absoluta e geneticamente transcendental. Indo além do ensaio do Dr. Jones, estudando as contribuições antropológicas dos psicanalistas em geral, ficamos sabendo de que modo se supõe que o complexo de Édipo tenha originariamente surgido. Originou-se do famoso crime totêmico que teve lugar na horda primitiva.

# III

## "A Causa Primordial da Cultura"

A TEORIA DE FREUD RELATIVA AO DRAMÁTICO INÍCIO DO totemismo e do tabu, da exogamia e do sacrifício tem grande importância em todas as obras psicanalíticas sobre a antropologia. Não pode ser omitida em um ensaio como o presente, que procura harmonizar as idéias psicanalíticas com as descobertas antropológicas. Teremos portanto a oportunidade de entrar na detalhada análise crítica da teoria.

Em seu livro *Totem e Tabu* Freud mostra como o complexo de Édipo pode servir para explicar o totemismo e o ato de evitar a sogra, o culto dos antepassados e as proibições do incesto, a identificação do homem com seu animal totêmico e a idéia de Deus Pai.* De fato, o complexo de Édipo, como sabemos, tem de ser considerado pelos psicanalistas como a fonte da cultura, tendo ocorrido antes do começo da cultura, e em seu livro Freud nos dá precisamente a hipótese, descrevendo o modo em que aconteceu.

Neste particular, Freud inspira-se em dois ilustres predecessores, Darwin e Robertson Smith. De Darwin toma a idéia da "horda primitiva", ou, segundo foi rebatizada por Atkinson, "a família ciclópica". De acordo com esta concepção a mais antiga forma da família ou da vida social consistiu em pequenos grupos conduzi-

* S. Freud, *Totem and Taboo*, New York, 1918. As citações no texto referem-se à edição americana.

dos e dominados por um macho adulto, que mantinha em sujeição um certo número de fêmeas e crianças. De outro grande estudioso, Robertson Smith, Freud recebeu a sugestão relativa à importância do sacramento totêmico. Robertson Smith considera que o mais antigo ato da religião consistiu em uma refeição comum, na qual o animal totêmico era comido com caráter cerimonial pelos membros do clã. No desenvolvimento posterior o sacrifício, o ato religioso quase universal e certamente o mais importante de todos, derivou do repasto totêmico. O tabu que proíbe comer a espécie totêmica em ocasiões ordinárias constitui o lado negativo da comunhão ritual. A estas duas hipóteses Freud acrescentou mais uma de sua autoria: a identificação do homem com o totem é um traço da mentalidade comum às crianças, aos primitivos e aos neuróticos, baseado na tendência a identificar o pai com algum animal desagradável.

Neste contexto estamos principalmente interessados no lodo sociológico da teoria e por isto citarei por inteiro a passagem de Darwin sobre a qual foi construída a teoria de Freud. Diz Darwin: "Podemos na verdade concluir, do que sabemos sobre o ciúme de todos os quadrúpedes machos, armados, como muitos deles são, com armas especiais para lutar contra seus rivais, que as relações sexuais promíscuas no estudo de natureza são extremamente improváveis. ... Se portanto olharmos para trás bastante longe na corrente do tempo e julgarmos pelos hábitos sociais do homem tal como existe agora, a concepção mais provável é que o homem vivia originariamente em pequenas comunidades, cada um com uma única mulher ou, quando era poderoso, com muitas mulheres, que defendia ciosamente contra todos os outros homens. Ou ele pode não ter sido um animal social e no entanto ter vivido com várias mulheres, como o gorila; pois todos os nativos estão de acordo em que somente o macho adulto é visto em um bando. Quando o macho jovem cresce tem lugar uma luta pelo domínio, e o mais forte, matando e expulsando os outros, estabelece-se como chefe da comunidade (Dr. Savage no *Boston Journal of*

*Natural History,* col, V, 1845-47). Os machos mais jovens sendo assim expulsos e vagueando, quando por fim conseguem encontrar companheira, evitam o acasalamento demasiado estreito nos limites da mesma família".[39]

Posso indicar imediatamente que nesta passagem Darwin fala indiscriminadamente do homem e dos gorilas. Não há qualquer razão pela qual nós, antropólogos, devamos censurá-lo por esta confusão. O mínimo que nossa ciência pode fazer é privar-nos de quaisquer vaidades com relação a nossos irmãos antropóides! Mas, se filosoficamente a diferença entre um homem e um macaco é insignificante, a distinção entre a *família* tal como a encontramos entre os macacos antropóides e a família humana organizada tem extrema importância para o sociólogo. Este tem de diferenciar claramente a vida animal no estado de natureza e a vida humana no estado de cultura. Para Darwin, que estava desenvolvendo um argumento biológico contra a hipótese da promiscuidade, a distinção não tinha importância. Se, porém, estivesse tratando das origens da cultura, se procurasse definir o momento em que esta nasce, a linha divisória entre a natureza e cultura teria a máxima importância. Freud, como veremos, tenta realmente apreender e descrever o "grande acontecimento com o qual começa a cultura", malogra completamente em seu trabalho, pelo fato de perder de vista esta linha divisória e colocar a cultura em condições nas quais, *ex hypothesi,* não pode existir. Darwin, além disso, fala somente das *esposas* do chefe da horda, e não de quaisquer outras fêmeas. Declara, também, que os jovens machos excomungados conseguem finalmente encontrar uma companheira e não se preocupam mais com sua família paterna. Em ambos estes pontos Freud modifica substancialmente a hipótese darwinista.

Seja-me permitido citar as palavras do mestre da psicanálise por extenso, a fim de poder fundamentar minha crítica. Diz Freud: "A concepção darwinista da horda primitiva não leva em conta evidentemente o começo do totemismo. Há somente um pai violento e ciumento que

[39] S. Freud, *Totem and Taboo,* 1918, pp. 207-208, citado de Darwin, "The Descent of Man", vol. II, capítulo 20, pp. 603-604.

guarda para si todas as fêmeas e expulsa os filhos que vão crescendo" (p. 233). Como vemos, o velho macho é apresentado como conservando *todas as fêmeas* para ele, enquanto os filhos expulsos permanecem em algum lugar nas vizinhanças, formam um grupo, a fim de estarem prontos para o hipotético acontecimento. E de fato trava-se diante de nossos olhos uma conjuração para a prática de um crime tão horrendo quanto hipotético, e no entanto da máxima importância para a história da Psicologia, se não quisermos dizer da Humanidade! Com efeito, segundo Freud, este crime está destinado a dar origem a toda a civilização futura. E' "o grande acontecimento com o qual a cultura começa e que desde então nunca mais deixou tranqüila a humanidade"; é "a façanha que se deu no começo"; é o "ato criminoso memorável com o qual... começaram a organização social, as restrições morais e a religião" (p. 234, 239, 265). Ouçamos a história desta causa primordial de toda cultura.

"Um dia os irmãos expulsos reuniram forças, mataram e comeram o pai e assim acabaram com a horda paterna. Juntos, tiveram coragem para realizar o que teria sido impossível para eles isoladamente. Talvez algum progresso na cultura, como o uso de uma nova arma, tenha lhes dado o sentimento de superioridade. Como era natural, estes selvagens canibais comeram sua vítima. Este violento pai primitivo tinha sido sem dúvida o modelo invejado e temido por cada um dos irmãos. Agora, realizaram sua identificação com o pai devorando-o, tendo cada qual adquirido uma parcela de sua força. A festa do totem, que é talvez a primeira celebração da humanidade seria a repetição e a comemoração deste ... ato ... memorável" (p. 234).

Este é o ato original da cultura humana e no entanto no meio da descrição o autor fala de "algum progresso na cultura", refere-se ao "uso de uma nova arma", e assim equipa seus animais pré-culturais com um considerável acervo de bens e implementos culturais. Nenhuma cultura material é imaginável sem a concomitante existên-

cia de organização, moralidade e religião. Conforme mostrarei dentro em breve, isto não é um mero argumento capcioso mas vai direto ao próprio âmago da questão. Veremos que a teoria de Freud e Jones procura explicar as origens da cultura por um processo que implica a prévia existência da cultura e portanto envolve um raciocínio circular. A crítica desta posição naturalmente nos levará de fato diretamente à análise do processo cultural e de seus fundamentos na biologia.

# IV

## As Conseqüências do Parricídio

ANTES, PORÉM, DE PASSAR À CRÍTICA DETALHADA DESTA teoria, ouçamos pacientemente tudo quanto Freud tem a dizer-nos sobre esta questão, pois sempre vale à pena ouvi-lo. "... o grupo de irmãos reunidos em um bando era dominado pelos mesmos sentimentos contraditórios com relação ao pai que podemos demonstrar serem o conteúdo de ambivalência do complexo paterno em todas as nossas crianças e nos neuróticos. Odeiam o pai que se coloca tão poderosamente no caminho de suas exigências sexuais e de seu desejo de poder, mas também o amam e admiram. Depois de terem satisfeito seu ódio eliminando-o e de terem realizado seu desejo de identificação com ele, os afetuosos impulsos suprimidos tinham de afirmar-se. Isto ocorreu em forma de remorso, formou-se um sentimento de culpa que coincidiu aqui com o remorso sentido por todos. O morto tornou-se agora mais forte do que tinha sido o vivo, mesmo quando o observamos hoje no destino dos homens. Aquilo que a presença do pai tinha primitivamente impedido, eles agora proíbem a si mesmos na situação psíquica de "obediência subseqüente", que conhecemos tão bem pela psicanálise. Desfizeram sua façanha declarando que a morte do substituto do pai, o totem, não era permitida, e renunciaram aos frutos de sua façanha recusando a si próprios as mulheres libertadas. Assim, criaram os dois tabus fundamentais do totemismo partindo deste sentimento de culpa do filho, e por esta mesma razão esses

tabus tinham de corresponder aos dois desejos recalcados do complexo de Édipo. Todo aquele indivíduo que desobedecesse tornava-se culpado dos dois únicos crimes que perturbavam a sociedade primitiva" (pp. 235-236).

Vemos assim que os filhos parricidas, imediatamente depois do ato do assassínio, se empenham em estabelecer leis e tabus religiosos, em instituir formas de organização social, em resumo, modelar formas culturais que serão transmitidas ao longo de toda a história da humanidade. Ainda uma vez defrontamos aqui com o dilema: a matéria-prima da cultura já existia — caso em que o "grande acontecimento" não poderia ter criado a cultura, tal como Freud supôs que foi feita — ou a cultura não existia ainda na época da façanha, — e nesse caso os filhos não poderiam ter instituído sacramentos, estabelecido leis e transmitido costumes.

Freud não ignora completamente este ponto, embora pareça não ter reconhecido sua importância crucial. Previne-se contra a questão relativa às possibilidades de uma influência duradoura do crime primordial e de sua permanente ação através das sucessivas gerações do homem. Para fazer frente a possíveis objeções, Freud chama em seu auxílio outra hipótese: "... dificilmente terá escapado a alguém que baseamos tudo na suposição de uma psique da massa, na qual ocorrem processos psíquicos tal como na vida psíquica do indivíduo" (p. 259). Mas esta suposição de uma alma coletiva não é suficiente. Temos de dotar esta envolvente entidade de uma memória quase ilimitada. "... fazemos o sentimento de culpa por uma ação sobreviver durante milhares de anos, conservando-se eficiente em gerações que não poderiam ter sabido nada dessa façanha. Permitimos a um processo emocional, tal como poderia ter surgido entre gerações de filhos que foram maltratados por seus pais, continuar em novas gerações que escaparam a este tratamento pela própria eliminação do pai" (p. 259).

Freud demonstra um certo mal-estar quanto à validade dessa suposição, mas tem à mão um *argumentum ad hominem*. Freud assegura-nos que, embora sua hi-

pótese seja ousada, "... nós próprios não temos de carregar toda a responsabilidade por essa ousadia" (p. 260). Mas não é só isso. O autor estabelece uma regra universal para os antropólogos e sociólogos. "Sem a suposição de uma psique da massa ou da continuidade da vida emocional da humanidade que nos permita desprezar as interrupções dos atos psíquicos pela transgressão dos indivíduos, a psicologia social não poderia de modo algum existir. Se os processos psíquicos de uma geração não continuassem na seguinte, se cada uma tivesse de adquirir de novo sua atitude em face da vida, não haveria progresso nesse campo e quase nenhum desenvolvimento" (p. 260). Tocamos aqui em um ponto muito importante, a necessidade metodológica da ficção de uma alma coletiva. Na verdade, nenhum antropólogo competente faz agora qualquer suposição a respeito de uma "psique de massa", da herança de "disposições psíquicas" adquiridas ou de qualquer "continuidade psíquica" transcendendo os limites da alma individual.[40] Por outro lado, os antropólogos podem indicar claramente qual é o meio em que se depositam as experiências de cada geração, armazenando-se para as gerações sucessivas. Este meio é aquele corpo de objetos materiais, tradições e processos mentais estereotipados que chamamos cultura. E' supra-individual mas não é psicológico. E' moldado pelo homem e molda-o por sua vez. E' o único meio em que o homem pode exprimir qualquer impulso criador e ajuntar assim sua participação ao acervo comum dos valores humanos. E' o único reservatório do qual o indivíduo pode retirar aquilo que deseja utilizar das experiências dos outros para seu benefício pessoal. Uma análise mais completa da cultura, a

[40] Todas as autoridades antropológicas, por exemplo, sobre as quais Freud baseia sua obra, Lang, Crawley, Marett, nem uma só vez em suas análises dos costumes, crenças e instituições empregaram este conceito ou outro semelhante. Frazer sobretudo, consciente e metodicamente, exclui esta concepção de sua obra (comunicação pessoal). Durkheim, que tende para esta falácia metafísica, foi criticado neste ponto pela maioria dos modernos antropólogos. Eminentes sociólogos, tais como Hobhouse, Westermarck, Dewey, e antropólogos sociais, como Lowie, Kroeber, Boas, evitaram coerentemente a introdução do "sensorium coletivo". Para uma penetrante e destruidora crítica de certas tentativas de uso sociológico da "psique de masse", veja-se M. Ginsberg, "The Psychology of Society", (1921).

que passaremos dentro em pouco, irá revelar-nos o mecanismo pelo qual ela é criada, mantida e transmitida. Esta análise mostrará também que o *complexo* é um subproduto natural do surgimento da cultura.

Qualquer leitor do artigo do Dr. Jones compreenderá evidentemente que ele adota inteiramente a hipótese de Freud relativa às origens da civilização humana. Pelas passagens anteriormente citadas fica claro que para ele o complexo de Édipo é a origem de tudo. Por conseguinte deve ser uma formação pré-cultural. O Dr. Jones entrega-se ainda mais explicitamente à teoria de Freud nas seguintes passagens: "Longe de ter sido levado pelo exame do assunto, como Malinowski foi, a abandonar ou rever a concepção freudiana da "horda primitiva" (a "família ciclópica" de Atkinson), parece-me pelo contrário que essa concepção fornece a explicação mais satisfatória dos complicados problemas que temos discutido" (p. 130). O Dr. Jones concorda também plenamente com a memória racional do crime original, pois fala da "herança de impulsos que datam da horda primitiva" (p. 121).

# V

## Análise do Parricídio Original

EXAMINEMOS AGORA PONTO POR PONTO AS HIPÓTESES de Freud e Jones. A hipótese da "horda primitiva" nada tem em si mesma que a torne merecedora de objeções por parte do antropólogo. Sabemos que a mais antiga forma de parentesco humano e pré-humano foi a família baseada no casamento com uma ou mais mulheres. Ao aceitar a concepção darwinista do parentesco, a psicanálise rejeitou as hipóteses da promiscuidade primitiva, o casamento por grupos e o comunismo sexual, tendo neste particular o pleno apoio de competentes antropólogos. Mas, conforme vimos, Darwin não fez uma explícita diferenciação entre o status animal e o humano, e Freud, ao reconstruir o argumento de Darwin, eliminou qualquer distinção implicada na explicação do grande naturalista. Temos, portanto, que investigar a constituição da família na extremidade antropóide do nível humano de desenvolvimento. Temos de perguntar: Quais os laços de união no interior da família *antes* que esta se tenha tornado humana e *depois?* Qual é a diferença entre o parentesco animal e o humano, entre a família antropóide no estado de natureza e o tipo mais antigo de família humana em condições de cultura?

A família antropóide pré-humana estava unida por laços instintivos ou inatos, modificados pela experiência individual mas não influenciados pela tradição, pois os animais não possuem linguagem, leis ou instituições. No

estado de natureza o macho e a fêmea se acasalam, conduzidos pelo impulso sexual seletivo que opera na época do cio e somente nesta época. Depois da fecundação da fêmea um novo impulso conduz ao estabelecimento da vida comum, atuando o macho como protetor e guardião durante o processo da gravidez. Com o ato do nascimento, os impulsos maternos da amamentação, do cuidado e da atenção pelo rebento aparecem na fêmea, enquanto o macho responde à nova situação fornecendo o alimento, mantendo-se livre e, caso haja necessidade, travando perigosos combates em defesa da família. Considerando o demorado crescimento e o lento amadurecimento do indivíduo entre os macacos antropóides, é indispensável para o bem da espécie que o amor dos pais surja tanto no macho quanto na fêmea e dure por algum tempo depois do nascimento, até que o novo indivíduo seja capaz de cuidar de si mesmo. Logo que está maduro, não há necessidade biológica da família manter-se unida. Conforme veremos, esta necessidade surge na cultura, onde, por exigência de cooperação, os membros da família precisam conservar-se unidos, enquanto para efeito da transmissão da tradição a nova geração precisa manter-se em contato com a anterior. Mas na família ciclópica pré-humana, logo que os filhos, masculinos ou femininos, se tornam independentes terão naturalmente de abandonar a horda.

Isto é o que verificamos empiricamente em todas as espécies de símios. Favorece os interesses da espécie e tem por conseguinte de ser admitido como princípio geral. Também concorda com tudo aquilo que podemos inferir de nosso conhecimento geral dos instintos animais. Verificamos também em grande parte dos mamíferos superiores que o velho macho abandona a horda logo assim que perdeu seu pleno vigor, deixando o lugar para o guardião mais jovem. E isto é útil para a espécie, porque, tal como acontece com o homem, o temperamento nos animais não melhora com a idade e o velho dirigente é menos útil e mais sujeito a criar conflitos. Vemos em tudo isto que a ação dos instintos na condição

de natureza não dá lugar a especiais complicações, conflitos internos, emoções indeterminadas ou acontecimentos trágicos.

Deste modo a vida da família nas espécies animais superiores é alicerçada em atitudes emocionais inatas e governada por estas disposições. Sempre que surge uma necessidade biológica aparecem também as respostas mentais apropriadas. Quando a necessidade cessa, desaparece a atitude emocional. Se definirmos o instinto como um padrão de comportamento que é a resposta direta a uma situação, resposta acompanhada de sentimentos agradáveis, podemos dizer que a vida de família do animal é determinada por uma cadeia de instintos concatenados, a saber, a corte, o acasalamento, a vida comum, a ternura para com os filhotes e a ajuda mútua dos pais. Cada um desses elos segue-se ao outro libertando-o completamente, pois é característico dessas concatenações de respostas instintivas que cada nova situação exige um novo tipo de comportamento e uma nova atitude emocional. Psicologicamente, é muito mais importante compreender que cada nova resposta substitui e suprime a velha atitude emocional, não deixando que restos da emoção anterior sejam transportados para a nova. Sendo governado por um novo instinto, o animal não está mais sujeito às angústias do instinto anterior. Remorso, conflito mental, emoção ambivalente são respostas culturais, isto é, humanas e não animais. A ação dos instintos, o desenrolar das seqüências instintivas pode ser mais ou menos bem sucedido, acompanhado de um atrito maior ou menor, mas não deixa lugar para "tragédias endopsíquicas".

Qual é a importância de todas estas considerações no que se refere à hipótese do crime primevo? Tenho repetidamente indicado que Freud colocou a Grande Tragédia no limiar da cultura, como seu atos inaugural. Deixando de lado as várias citações diretas de Freud e Jones — e estas poderiam ser facilmente multiplicadas — é importante compreender que esta é uma suposição indispensável para suas teorias. Todas as suas hipóteses

desmoronariam se não fizermos a cultura começar com o Parricídio Totêmico. Para o psicanalista o complexo de Édipo, como sabemos, é o fundamento de toda cultura. Isto significa para ele não somente que o complexo governa todos os fenômenos culturais, mas também que os precede no tempo. O complexo é a *fons et origo*, da qual brotam a ordem totêmica, os primeiros elementos da lei, o início do ritual, a instituição do direito materno, enfim tudo quanto é considerado pelo antropólogo geral e pelo psicanalista como os primeiros elementos da cultura. O Dr. Jones opõe-se além disso à minha tentativa de traçar qualquer causa cultural do complexo de Édipo justamente porque este complexo antecede a cultura inteira. Mas é evidente que se o complexo precedeu todos os fenômenos culturais, então *a fortiori* o crime totêmico, que é a causa do complexo, tem de ser colocado ainda mais para trás.

Depois de ter estabelecido deste modo que o acontecimento deve ter ocorrido antes da cultura, encontramo-nos em face da outra alternativa de nosso dilema, isto é, poderia aquele crime totêmico ter sido cometido num estado de natureza? Poderia ter deixado marca na tradição e na cultura, que por hipótese ainda não existiam nesse tempo? Conforme indicamos acima, teríamos de admitir que, por um ato de parricídio coletivo, o Macaco alcançou a cultura e tornou-se Homem. Ou então, pelo mesmo ato, adquiriram a chamada memória racial, novo dote superanimal.

Examinemos agora este ponto com mais detalhes. Na vida da família de uma espécie antropóide pré-humana cada elo na cadeia de instintos é abandonado logo que deixa de ser útil. As atitudes instintivas passadas não deixam vestígios ativos, nem são possíveis conflitos ou atitudes complexas. Admito que estas afirmativas devam ser além disso comprovadas pelos estudiosos da psicologia animal, mas incorporam tudo quanto sabemos sobre o assunto. Se é assim, porém, temos de impugnar as premissas das hipóteses ciclópicas de Freud. Por que teria o pai de expulsar os filhos se estes, natural e

instintivamente, já têm a inclinação a deixar a família logo que não precisam mais da proteção dos pais? Por que lhes faltariam fêmeas se de outros grupos, assim como do seu próprio, filhos adultos do outro sexo também têm de sair? Por que os jovens machos permaneceriam rondando a horda paterna, por que teriam de odiar o pai e desejar-lhe a morte? Como sabemos, estão contentes em se sentirem livres e não desejam retornar à horda paterna. Por que, finalmente, tentariam ou realizariam o embaraçoso e desagradável ato de assassínio do velho macho, quando, se esperassem simplesmente sua retirada, poderiam ter livre acesso à horda, se assim desejassem?

Cada uma destas questões impugna uma das afirmativas injustificadas implicadas na hipótese de Freud. Na verdade Freud sobrecarrega sua família ciclópica com um certo número de tendências, hábitos e atitudes mentais que constituiriam uma doação letal para qualquer espécie animal. E' claro que esta concepção é insustentável em bases biológicas. Não podemos admitir a existência no estado de natureza de uma espécie antropóide na qual a questão mais importante da propagação é regulada por um sistema de instintos hostis a todos os interesses da espécie. E' fácil perceber que a horda primitiva foi equipada com todas as tendências, desajustamentos e maus temperamentos de uma família européia de classe média, e depois foi solta numa floresta pré-histórica para desenfrear-se, em uma hipótese muito atraente mas fantástica.

Cedamos, porém, à tentação das inspiradoras especulações de Freud e admitamos, apenas para argumentar, que o crime primordial tivesse sido cometido. Mesmo assim teríamos de enfrentar insuperáveis dificuldades para aceitar as conseqüências. Como vimos, pedem-nos para acreditar que o crime totêmico produz remorsos que se exprimem no sacramento da festa totêmica endocanibal e na instituição do tabu sexual. Isto implica que os filhos parricidas tinham consciência. Mas a consciência é um traço mental muito antinatural, imposto ao homem

pela cultura. Implica também que tinham a possibilidade de legislar, estabelecer valores morais, cerimônias religiosas e laços sociais. Ora, tudo isto, ainda uma vez, é impossível de se admitir ou imaginar, pela simples razão de que *ex hypothesi* estes acontecimentos se passariam em um meio pré-cultural, e a cultura, devemos lembrar, não pode ser criada em um só momento e por um único ato.

A transição real do estado de natureza para o de cultura não se processou por um salto, não foi um processo rápido, não foi certamente uma transição abrupta. Temos de imaginar os mais antigos desenvolvimentos dos primeiros elementos da cultura — linguagem, tradição, invenções materiais, pensamento conceitual — como um processo muito laborioso e muito lento, realizado de maneira cumulativa por um número infinitamente grande de passos infinitamente pequenos, integrados durante enormes extensões de tempo. Não podemos tentar reconstruir em detalhe este processo, mas podemos enunciar os fatores relevantes desta modificação, podemos analisar a situação da primitiva cultura humana e indicar, dentro de certos limites, o mecanismo pelo qual se gerou.

Resumindo nossa análise crítica diremos o seguinte: verificamos que o crime totêmico deve ter sido colocado nas próprias origens da cultura; deve ser considerado a causa primeira da cultura, se é que tem algum sentido. Isto significa que devemos admitir ter sido o crime, e suas conseqüências, cometido ainda no estado de natureza, mas esta suposição envolve-nos em um grande número de contradições. Verificamos na realidade a completa ausência de motivos para o crime parricida, uma vez que a ação dos instintos em condições animais é bem ajustada à situação; conduz a conflitos mas não a estados mentais recalcados; concretamente os filhos não têm razão para odiar o pai depois de terem abandonado a horda. Em segundo lugar, vimos que no estado de natureza há também completa ausência de meios pelos quais as conseqüências do crime totêmico pudessem se fixar em instituições culturais. Há completa

ausência de qualquer ambiente cultural ao qual pudessem ter sido incorporados rituais, leis e formas de moralidade.

As duas objeções poderiam ser resumidas no veredito que declara ser impossível admitir a origem da cultura em um único ato criador, pelo qual a cultura, completamente armada, surgiria de um crime, cataclisma ou rebelião.

Em nossa crítica concentramos a atenção naquilo que parece ser a mais fundamental objeção à hipótese de Freud, objeção relacionada com a própria natureza da cultura e do processo cultural. Várias outras objeções de detalhes poderiam ser registradas contra esta hipótese, mas já foram externadas em um excelente artigo do prof. Kroeber, no qual de modo lúcido e convincente é feita a lista das inconsistências antropológicas e psicanalíticas da hipótese.[41]

Há, porém, uma dificuldade ainda mais capital em que a psicanálise se envolve por suas especulações sobre as origens totêmicas. Se a causa real do complexo de Édipo e da cultura, ainda por cima, tem de ser procurada naquele ato traumático do nascimento por parricídio, se o complexo simplesmente sobrevive na "memória racial da humanidade", o complexo teria evidentemente de debilitar-se com o tempo. Pela teoria de Freud o complexo de Édipo deveria ter sido de início uma terrível realidade, mais tarde uma lembrança obsedante, mas na cultura superior tenderia a desaparecer.

Parece impossível escapar deste corolário, mas não há necessidade de insistir dialeticamente, pois o dr. Jones dá uma completa e lúcida expressão dele em seu artigo. De acordo com este autor, o patriarcado, organização social das culturas superiores, marca na verdade a feliz solução de todas as dificuldades devidas ao crime primordial.

"O sistema patriarcal, tal como o conhecemos, significa o reconhecimento da autoridade do pai e ainda a capacidade de aceitá-la com afeto, sem recorrer ao sis-

[41] "Totem and Taboo, an Ethnologic Psychoanalysis", *American Anthropologist*, 1920, pp. 48ss.

tema do direito materno ou a complicados tabus. Significa a domesticação do homem, a gradativa assimilação do complexo de Édipo. Afinal o homem poderá encarar seu verdadeiro pai e viver com ele. Freud poderia bem ter dito que o reconhecimento do lugar do pai na família representa o mais importante progresso no desenvolvimento cultural".[43]

Assim, o Dr. Jones, fundando-se na autoridade do próprio Freud, tirou a inevitável conseqüência. Admitem que em seu esquema a cultura patriarcal — a mais distante do curso original do complexo — é também aquela na qual se realizou a progressiva assimilação do "Complexo de Édipo". Isto ajusta-se perfeitamente no esquema de *Totem e Tabu*. Mas, como se ajusta no esquema geral da psicanálise e como suporta a luz da antropologia?

Quanto à primeira questão, a existência do complexo de Édipo não foi descoberto em uma de nossas sociedades patriarcais modernas? Este complexo não é redescoberto dia a dia nas incontáveis psicanálises individuais? realizadas em todo o mundo moderno patriarcal? Sem dúvida o psicanalista seria a última pessoa a responder negativamente a estas perguntas. Afinal de contas, o complexo de Édipo não parece ter sido tão bem "assimilado". Mesmo admitindo haver muito exagero nas descobertas psicanalíticas, temos a observação sociológica comum para justificar as pretensões da psicanálise neste ponto. Mas o psicanalista não pode ter as duas coisas ao mesmo tempo. Não pode procurar curar a maioria dos males do espírito individual e da sociedade arrancando seus desajustes familiares do inconsciente, enquanto simultaneamente nos assegura alegremente que "a supremacia do pai é plenamente reconhecida em nossa sociedade", sendo aceita "mesmo com afeição". Com efeito, as instituições patriarcais extremas, nas quais a *patria potestas* é levada até seu amargo término, são o verdadeiro solo dos típicos desajustes familiares. Os psicanalistas tiveram muito trabalho em provar-nos isso, partindo de Shakespeare e da Bíblia, da história romana

[43] Jones, *loc. cit.*, p. 130.

e da mitologia grega. O verdadeiro herói epônimo do complexo — se nos permitem tal extensão do termo — não viveu em uma sociedade acentuadamente patriarcal? E sua tragédia não se baseou no ciúme do pai e no medo supersticioso, motivos que, a propósito, são tipicamente sociológicos? Poderiam o mito ou a tragédia terem se desenrolado diante de nós com o mesmo poderoso e fatal efeito se não nos sentíssemos como bonecos movidos por um destino patriarcal?

A maior parte das neuroses modernas, os sonhos dos doentes, os mitos dos povos indo-germânicos, nossas literaturas e nossas crenças patriarcais foram interpretadas em termos do complexo de Édipo, isto é, supondo-se que no declarado direito paterno o filho nunca reconhece "o lugar do pai na família", não gosta de "encarar seu pai real", que é incapaz de "viver com ele" em paz. Sem dúvida a psicanálise, como teoria e como prática, mantém-se, e concorda com a verdade da afirmação segundo a qual nossa cultura moderna sofre dos desajustes encobertos pelo termo complexo de Édipo.

Que tem a antropologia a dizer sobre a concepção otimista expressa na passagem há pouco citada? Se o regime patriarcal significa a solução feliz do complexo de Édipo, a etapa em que o homem pode encarar o pai, e assim por diante, então onde na terra existe o complexo em forma não assimilada? Nas primeiras duas partes deste livro foi provado que o complexo é "desviado" em condições de direito materno, o que foi independentemente sustentado pelo próprio Dr. Jones. E' uma questão ociosa saber se o complexo de Édipo, em seu pleno esplendor, existe em uma cultura que nunca tenha sido estudada empiricamente deste ponto de vista. O objetivo do presente trabalho foi parcialmente estimular os trabalhadores de campo a prosseguirem na pesquisa. Não posso predizer pessoalmente o que este estudo empírico poderá ou não revelar. Mas parece que negar o problema, cobri-lo com uma afirmação evidentemente inadequada e eliminar tudo aquilo que já foi feito no sentido de solucioná-lo não é prestar um serviço nem à antropologia nem à psicanálise.

Indiquei uma série de contradições e obscuridades na abordagem psicanalítica desta questão, tomando como texto principal a interessante contribuição do Dr. Jones. Essas incoerências são: a idéia de um "complexo recalcado"; a afirmação de que o direito materno e a ignorância da paternidade correlacionam-se e no entanto são independentes; a noção de que o patriarcado é uma feliz solução do complexo de Édipo, mas ao mesmo tempo é a causa dele. Todas estas discrepâncias centralizam-se, em minha opinião, na doutrina de que o complexo de Édipo é a *vera causa* dos fenômenos sociais e culturais, em vez de ser o resultado; que se origina do crime primevo; que continua na memória racial, como um sistema de tendências coletivas herdadas.

Gostaria de indicar apenas mais um único ponto. Tomado como fato histórico real, isto é, que ocorreu no espaço, no tempo e em circunstâncias concretas, como se tem de imaginar o parricídio primitivo? Temos de admitir que um dia, em uma super-horda, em certo lugar, foi cometido um crime? Que este crime criou então a cultura e que esta cultura se espalhou por todo o mundo pela difusão primordial, transformando os macacos em homens em todos os lugares onde chegava? Esta afirmação cai por si, bastando formulá-la. A alternativa é igualmente difícil de imaginar: é uma espécie de epidemia de pequenos parricídios ocorrendo em todo o mundo, continuando cada horda com sua tirania ciclópica e em seguida irrompendo no crime e assim na cultura. Quanto mais examinamos concretamente a hipótese, quanto mais procuramos elaborá-la, tanto menos nos sentimos inclinados a tratá-la como algo que não seja senão um "e assim acabou-se a história", conforme a denominou o prof. Kroeber, designação com a qual o próprio Freud não se indignou.[43]

[43] Veja-se a obra de Freud *Group Psychology and the Analysis of the Ego*, Sigm. Freud, 1922, p. 90. O nome do Prof. Kroeber é erroneamente escrito "Kroeger" em todas as edições sucessivas. Caberia investigar qual a causa psicanalítica deste lapso com base no princípio, exposto na *The Psychopathology of Everyday Life*, de que nenhum engano deixa de ter motivo. E' quase imperdoável que este erro de impressão do nome de um eminente erudito americano tenha se introduzido na tradução americana do livro de Freud!

# VI

## Complexo ou Sentimento?

USEI ATÉ AGORA A PALAVRA "COMPLEXO" PARA DESIGNAR as atitudes típicas com relação aos membros da família. Cheguei mesmo a reajustá-la em uma nova expressão, o Complexo Familiar Nuclear, destinada a ser uma generalização, aplicável a várias culturas do termo complexo de Édipo, cuja aplicabilidade, continuo afirmando, restringe-se à sociedade patriarcal ariana. Mas, no interesse da nomenclatura científica, tenho de sacrificar este novo composto, o Complexo Familiar Nuclear, pois não somente é aconselhável nunca introduzir termos novos, mas é sempre um ato louvável expurgar a ciência de qualquer intruso terminológico, se for possível provar que está se apossando das pretensões de um vocábulo já estabelecido. Creio que a palavra "complexo" transporta certas implicações que a tornam inteiramente inconveniente, exceto como coloquialismo científico, aquilo que os alemães chamam Schlagwort. Pelo menos devemos tornar claro o que queremos dizer com esta palavra.

A palavra "complexo" data de uma certa fase da psicanálise, quando esta se encontrava ainda em íntima associação com a terapêutica, quando na verdade pouco mais era do que um método de tratamento das neuroses. "Complexo" significava a atitude patológica, emocional e reprimida do paciente. Mas tornou-se agora duvidoso saber se na psicologia geral é possível separar e isolar a parte reprimida da atitude de um homem com relação

a uma pessoa e tratá-la separadamente dos elementos não-reprimidos. Em nosso estudo verificamos que as várias emoções constitutivas da atitude com relação a uma pessoa acham-se tão intimamente ligadas e entrelaçadas que formam um sistema orgânico indissolúvel estreitamente ligado. Assim, com relação ao pai, os sentimentos que constituem a veneração e a idealização estão essencialmente unidos ao desagrado, ódio e desprezo, que são seus reflexos. Estes sentimentos negativos são de fato em parte reações a uma excessiva exaltação do pai, sombras no inconsciente pela idealização excessivamente luminosa do pai não ideal. E' impossível separar a sombra da parte que está no "pré-consciente" e daquela que está no inconsciente. Estão indissoluvelmente ligadas. O psicanalista em seu consultório pode talvez desprezar os elementos abertos, evidentes da atitude que não traz nenhuma nova contribuição à doença. Pode isolar os elementos reprimidos e fazer com eles uma entidade, chamando-a complexo. Mas logo assim que deixa seus doentes neuróticos e entra na sala de conferências com uma teoria psicológica geral, poderia igualmente compreender que os complexos não existem, que certamente não têm existência independente no inconsciente e são somente parte de um todo orgânico, cujos componentes essenciais não são de modo algum recalcados.

Como sociólogo, não me ocupo aqui dos resultados patológicos, mas de seus fundamentos normais, comuns. E, embora fosse melhor deixar esta análise teórica, até quando a pudermos comprovar com fatos, contudo ao longo de toda nossa explicação das influências familiares indiquei claramente os elementos "pré-conscientes" assim como os inconscientes. A psicanálise tem o grande mérito de haver mostrado que os sentimentos típicos com relação ao pai e à mãe incluem elementos negativos assim como positivos, e que têm uma parte recalcada, assim como outra parte situada acima da superfície da consciência. Mas isto não nos deve levar a esquecer que ambas as partes são igualmente importantes.

Ao verificar que a concepção de uma atitude recalcada isolada não tem valor em sociologia, devemos procurar obter uma clara noção do modo como podemos generalizá-la e com que doutrinas psicológicas devemos ligar nossa concepção daquilo que até aqui chamamos "complexo familiar nuclear", que inclui, ao lado de elementos "inconscientes", também outros patentes. Indiquei claramente que certas tendências recentes da moderna psicologia têm especial afinidade com a psicanálise. Quero referir-me, naturalmente, ao progresso, muito importante, do conhecimento de nossa vida emocional, inaugurado pelo Sr. A. F. Shand em sua teoria dos sentimentos e mais tarde desenvolvido por Stout, Westermarck, McDougall e mais alguns outros. O Sr. Shand foi o primeiro a ter compreendido que as emoções não podem ser tratadas como elementos soltos, desligados e desorganizados, flutuando em nosso meio mental e aparecendo de vez em quando acidental e isoladamente. Sua teoria, assim como todos os trabalhos mais recentes sobre as emoções, baseia-se no princípio por ele enunciado pela primeira vez, a saber, que nossa vida emocional está claramente coordenada com o ambiente e que um certo número de coisas e pessoas exigem de nós respostas emocionais. Ao redor de cada pessoa ou objeto as emoções organizam-se em um sistema definido, o amor, o ódio ou a devoção que sentimos pelos pais, por um país ou uma finalidade na vida. O Sr. Shand chama este sistema de emoções organizadas um sentimento. Os laços que nos ligam aos vários membros de nossa família, o patriotismo, os ideais de verdade, justiça, devoção à ciência, tudo isto são sentimentos. E a vida de cada homem é dominada por um limitado número destes sentimentos. A teoria dos sentimentos foi pela primeira vez esboçada pelo Sr. Shand em um ou dois ensaios curtos que marcaram época e mais tarde foram ampliados em um grande volume.[44] Em seu livro o Sr. Shand admite uma predisposição inata para alguns sistemas, tais co-

[44] "Character and the Emotions", em *Mind*, nova série, vol. I, e *The Foundations of Character*, 1ª ed., 1917.

mo o amor e o ódio, em cada um dos quais entra um certo número de emoções. Toda emoção, ainda, é para o Sr. Shand um tipo complexo de resposta mental a um tipo definido de situação, de modo que toda emoção comanda um certo número de reações instintivas. A teoria dos sentimentos exposta pelo Sr. Shand permanecerá sempre de importância suprema para os sociólogos, pois os laços sociais assim como os valores culturais são sentimentos padronizados sob a influência da tradição da cultura. No estudo da vida familiar, tal como se desenvolve em duas diferentes civilizações, vemos uma aplicação concreta dos princípios do Sr. Shand, a teoria dos sentimentos referindo-se a um determinado problema social. Vimos como a atitude da criança com relação aos elementos mais importantes de seu ambiente vai sendo gradualmente formada, e examinamos as influências que contribuem para esta formação. A correção e o acréscimo que a psicanálise nos permitiu fazer à teoria do Sr. Shand consistem na consideração dos elementos reprimidos de um sentimento. Mas estes elementos reprimidos não podem ser isolados em compartimentos estanques e não podem ser considerados, enquanto "complexo", como algo diferente e distinguível do "sentimento". Vemos, por conseguinte, que a teoria à qual devemos prender nossos resultados, a fim de dar-lhes uma sólida base teórica, é a teoria dos sentimentos de Shand e que, em vez de falar de um "complexo nuclear", deveríamos falar dos sentimentos familiares, dos laços de parentesco, típicos de determinada sociedade.

As atitudes ou sentimentos com relação ao pai, mãe, irmã e irmão não crescem isolados, destacados uns dos outros. A unidade orgânica indissolúvel da família solda também os sentimentos psicológicos para com seus membros em um sistema unido. Isto é mostrado com toda clareza por nossos resultados. Assim, a expressão "complexo familiar nuclear" equivale à concepção de um sistema correlacionado de sentimentos, ou, abreviadamente, à configuração de sentimentos típicos em uma sociedade patriarcal ou em uma sociedade matriarcal.

# Parte IV

---

# INSTINTO E CULTURA

# I

## A Transição de Natureza a Cultura

NA PARTE PRECEDENTE DESTE LIVRO OCUPAMO-NOS principalmente com a discussão de certas noções psicanalíticas e nossos resultados foram principalmente críticos. Procuramos estabelecer o princípio segundo o qual em condições pré-culturais não há um ambiente em que possam ser moldadas instituições sociais, uma moral e uma religião, não existe mecanismo de memória pelo qual manter e transmitir as instituições, depois de terem sido estabelecidas. A posição alcançada é talvez inatacável para aqueles que realmente compreendem o fato crucial de que a cultura não pode ser criada por um único ato ou em um único momento, e que as instituições, a moral e a religião não poderiam surgir como por encanto, mesmo por força do maior cataclisma, entre animais que não emergiram ainda do estado de natureza. Mas naturalmente não estamos satisfeitos simplesmente com negar, e sim queremos também afirmar. Não desejamos unicamente indicar erros, mas queremos lançar luz sobre o processo real. Para este fim, temos de analisar a relação entre os processos cultural e natural.

O tipo de comportamento em cultura diferencia-se essencialmente do comportamento animal no estado de natureza. O homem, por mais simples que seja a sua cultura, dispõe de um equipamento material de implementos, armas, bens domésticos, move-se em um meio social

que o auxilia e o controla alternativamente, comunica-se pela fala e assim desenvolve conceitos de caráter racional, religioso e mágico. Assim, o homem dispõe de um corpo de posses materiais, vive em um tipo de organização social, comunica-se pela linguagem e é movido por sistemas espirituais. Estes são talvez os quatro principais títulos em que em geral classificamos o corpo das principais realizações culturais do homem. A cultura aparece-nos quando a encontramos já como fato realizado. Devemos reconhecer clara e explicitamente que nunca podemos observá-la *in statu nascendi*. Não traz proveito algum fabricar hipóteses sobre os "acontecimentos originais do nascimento da cultura". Que podemos então fazer quando nos esforçamos em refletir sobre o começo da cultura humana, isto é, se queremos fazê-lo sem recorrer a hipóteses extravagantes ou a suposições gratuitas? Há uma coisa importante que se pode fazer: é indicar o papel que os vários fatores do desenvolvimento cultural desempenharam no processo, o quanto implica de modificações psicológicas na dotação humana e em que maneira elementos não psicológicos podem influenciar esta dotação. Os fatores do desenvolvimento cultural são interligados e essencialmente dependentes uns dos outros, e embora não tenhamos conhecimento nem indicações das seqüências no desenvolvimento, embora em todas as especulações sobre as origens o elemento tempo escape inteiramente a nosso controle intelectual, podemos no entanto estudar as correlações e os fatores e conseguir assim uma grande quantidade de informações. Temos de estudar essas correlações no pleno desenvolvimento cultural, mas podemos assinalá-las remontando a formas cada vez mais primitivas. Se desta maneira chegarmos a um esquema fixo de dependência, se certas linhas de correlação aparecem em todos os fenômenos culturais, podemos dizer que qualquer hipótese que viole estas leis deve ser considerada vazia. E ainda mais do que isso: se as leis de todos os processos culturais revelam-nos a influência suprema de certos fatores, devemos admitir que estes controlaram também as origens da cultura. Neste sentido o conceito de origem

não implica prioridade no tempo ou eficiência causal, mas indica simplesmente a presença universal de certos fatores ativos em todos os estágios de desenvolvimento, por conseguinte também no início.

Comecemos pelo reconhecimento de que as principais categorias da cultura devem desde o início ter estado entrelaçadas, atuando simultaneamente. Não poderiam ter se originado uma depois da outra, nem podem ser colocadas em qualquer esquema de seqüência temporal. A cultura material, por exemplo, não poderia ter surgido antes do homem ser capaz de usar seus implementos na técnica tradicional que, conforme sabemos, implica a existência do conhecimento. Ainda mais, o conhecimento e a tradição não são possíveis sem o pensamento conceitual e a linguagem. Assim, linguagem, pensamento e cultura material estão correlacionados, devendo ter-se dado o mesmo em qualquer fase do desenvolvimento, por conseguinte também no começo da cultura. Os arranjos materiais da vida, por sua vez, tais como a habitação, os implementos caseiros, os meios de levar a vida diária, são correlatos essenciais e premissas da organização social. A lareira e a soleira da casa representam não só simbolicamente a vida da família mas são fatores sociais reais da formação dos laços de parentesco. A moralidade, também, constitui uma força sem a qual o homem não poderia batalhar contra seus impulsos ou mesmo ir além de sua dotação instintiva, e isto tem constantemente de fazer em regime de cultura, mesmo em suas mais simples atividades técnicas. O que mais nos interessa neste contexto são as transformações na dotação instintiva, porque tocamos aqui na questão dos ímpetos reprimidos, das tendências impulsivas modificadas, isto é, o domínio do "inconsciente". Procurarei mostrar que a negligência em estudar o que acontece com os instintos humanos numa situação cultural é responsável pelas hipóteses fantásticas propostas para explicar o complexo de Édipo. Minha finalidade será mostrar que o começo da cultura implica a repressão dos instintos e que todos os componentes essenciais do complexo de

Édipo ou de qualquer outro "complexo" são subprodutos necessários do processo de formação gradativa da cultura.

Com esta finalidade procurarei mostrar que entre os pais e os filhos humanos em condições de cultura têm de surgir tentações incestuosas, que não encontram probabilidade de acontecer em famílias animais governadas por verdadeiros instintos. Estabelecerei também que estas tentações têm de ser satisfeitas e impiedosamente reprimidas na humanidade, uma vez que o incesto e a vida familiar organizada são incompatíveis. Ainda mais, a cultura implica uma educação que não pode ser realizada sem uma autoridade coatora. Esta autoridade na sociedade humana é fornecida, no seio da família, pelo pai, e a atitude entre pai e filho dá origem ao ódio reprimido e aos outros elementos do complexo.

# II

# A Família, Berço da Cultura Nascente

A TRANSFORMAÇÃO FUNDAMENTAL NO MECANISMO DAS respostas instintivas tem de ser estudada naquilo que é o próprio assunto de nossa atual investigação, a saber, as formas primitivas da vida familiar e a transição entre a família animal e a humana. Todo interesse dos psicanalistas concentra-se na família humana e a família é, na opinião da escola antropológica a que o autor pertence, o mais importante grupo nas sociedades primitivas.* A comparação, a seguir feita, da corte, acasalamento, relações matrimoniais e cuidados paternos nas sociedades animal e humana respectivamente, mostrará em que sentido a família deve ser considerada a célula da sociedade, o ponto de partida de toda organização humana.

Há um ponto que precisa ser estabelecido antes de podermos prosseguir em nossa argumentação. Os antro-

* Está claro que nesta afirmação, assim como ao longo de todo o livro, admito que a forma típica da família humana baseia-se no casamento monogâmico. A larga predominância da monogamia em todas as sociedades humanas é também admitida pelo Dr. Lowie em sua obra *Primitive Society* (veja-se especialmente o Capítulo III). Uma contribuição muito interessante e importante para este problema encontra-se no livro do Capitão Pitt-Rivers, *Contact of Races and Clash of Culture*, 1927 (veja-se especialmente os capítulos VIII, secções 1, 2, 3, e XI, secção 1). O Capitão Pitt-Rivers insiste na importância biológica e sociológica da poliginia nos níveis inferiores de cultura. Sem aceitar inteiramente sua opinião, admito que o problema terá de ser objeto de uma nova discussão do ponto de vista proposto por ele. Sustento, ainda, contudo, que a importância da poliginia encontra-se no papel que desempenha na diferenciação das classes superiores com relação às classes inferiores em uma sociedade. A pluralidade de esposas permite a um chefe obter vantagens econômicas e políticas e oferece assim base para distinções de categoria.

pólogos admitem com freqüência que a humanidade desenvolveu-se a partir de uma espécie simiesca gregária e que o homem herdou de seus antepassados animais os chamados "instintos do rebanho". Ora, esta hipótese é inteiramente incompatível com a concepção aqui exposta, segundo a qual a sociabilidade comum desenvolveu-se por extensão dos laços familiares e não teve outras fontes. Até que se tenha mostrado que a suposição de um estado gregário pré-cultural é inteiramente infundada, até que se mostre haver uma radical diferença de natureza entre a sociabilidade humana, que é uma realização cultural, e a gregariedade animal, que é um dote inato, é inútil mostrar como a organização social se desenvolveu a partir dos primeiros grupos de parentesco. Em vez de ter de encontrar o "instinto do rebanho" a cada passo de nossa argumentação e mostrar todas as vezes o quanto é inadequado, é melhor tratar deste ponto de vista equivocado desde o começo de nossas considerações.

Creio ser ocioso considerar a questão, puramente zoológica, de saber se nossos ancestrais pré-humanos viveram em grandes rebanhos e eram dotados das necessárias tendências inatas que permitem aos animais cooperarem em rebanhos ou se viviam em famílias isoladas. A questão que temos de resolver é se quaisquer formas de organização humana podem derivar de quaisquer tipos de agrupamento animal, isto é, se o comportamento organizado pode ser acompanhado até suas origens em alguma forma de gregariedade ou "instinto de rebanho" animal.

Consideremos, em primeiro lugar, o gregarismo animal. E' fato que existe um certo número de espécies animais constituídas de tal maneira que têm de levar a vida em grupos mais ou menos numerosos, e que resolvem os principais problemas de sua existência por formas inatas de cooperação. Podemos dizer com relação a essas espécies animais que possuem um específico *instinto* de "rebanho" ou "gregário"? Todas as competentes definições do instinto concordam em que este sig-

nifica um *padrão fixo de comportamento,* associado a certos *mecanismos anatômicos* correlacionados com *necessidades orgânicas* e evidenciando uma *uniformidade geral em toda a espécie.* Os vários métodos específicos pelos quais os animais levam a efeito o processo de procura do alimento, da nutrição, a série de instintos que constituem o acasalamento, a criação e educação da prole, a elaboração dos vários dispositivos de locomoção, o funcionamento dos primitivos mecanismos defensivos e ofensivos, tudo isto constituem instintos. Em cada caso podemos correlacionar o instinto com um aparelho anatômico, com um mecanismo fisiológico e uma finalidade específica no vasto processo biológico da existência individual e racial. No conjunto da espécie cada indivíduo comportar-se-á de maneira idêntica, desde que se achem presentes as condições de seu organismo e as circunstâncias externas para desencadearem o instinto.

Que há no gregarismo? E' interessante notar que encontramos a divisão de funções, a coordenação de atividades e a integração geral da vida coletiva de maneira mais pronunciada entre formas relativamente baixas de vida animal, tais como os insetos e também, talvez, as colônias de corais. (Veja-se o artigo do autor sobre "Instintos e Cultura" em *Nature,* 19 de julho de 1924). Mas nem nos insetos sociais nem nos mamíferos gregários encontramos um equipamento anatômico específico servindo a qualquer ato específico de "formação de manada". O comportamento coletivo dos animais serve a todos os processos, envolve todos os instintos, mas não é um instinto específico. Poderia chamar-se um componente inato, uma modificação geral de todos os instintos, que faz os animais da espécie cooperarem nas questões mais vitais. E' importante observar que em todo comportamento coletivo dos animais a cooperação é governada por adaptações inatas e não por algo que possa ser chamado organização social, no sentido em que aplicamos esta palavra à humanidade. Estabeleci de maneira mais completa este ponto no artigo acima mencionado.

Assim, o homem não poderia ter herdado um *instinto* gregário que nenhum animal possui, só tendo uma "gre-

gariedade" difusa. Isto significaria evidentemente que o homem tem uma tendência geral a realizar certas adaptações por um comportamento coletivo e não individual, afirmação que não nos valeria muito no estudo de qualquer problema antropológico concreto. Contudo, mesmo a suposição de uma tendência no sentido da gregariedade pode ser demonstrada constituir uma afirmação completamente errônea. Existe no homem alguma tendência a realizar todos os atos importantes em comum ou mesmo algum tipo bem definido de atividade "gregariamente"? Na verdade é capaz de desenvolver indefinidamente sua capacidade de cooperação, de utilizar um número crescente de seus semelhantes para uma tarefa cultural. Mas seja qual for o tipo de atividade considerado, o homem é também capaz de executar seu trabalho isoladamente, se as condições e o tipo de cultura o exigirem. Nos processos ligados à nutrição e à satisfação das necessidades corporais, encontramos todas as atividades, a coleta do alimento, a pesca, a agricultura, executadas em grupo ou solitariamente, pelo trabalho coletivo tanto quanto pelo esforço individual. Na execução da propagação da raça o homem é capaz de desenvolver formas coletivas de competição sexual, de licenciosidade grupal lado a lado com formas estritamente individuais de corte. O cuidado coletivo da prole, encontrado pelo menos entre os insetos, não tem paralelo nas sociedades humanas, onde vemos a paternidade individual devotada ao cuidado de filhos individuais. Ainda mais, embora muitas cerimônias da religião e da magia sejam executadas em comum, os ritos de iniciação individual, as experiências solitárias e a revelação pessoal desempenham uma parte tão grande na religião quanto as formas coletivas de culto. Não há maior número de vestígios de tendências gregárias no domínio do *sagrado* do que em qualquer outro tipo de cultura humana.[4] Assim, o minucioso exame das atividades culturais não revelaria tendências gregárias de qualquer espécie. Na verdade, quanto mais retrocedemos

[4] Isto foi elaborado em detalhes por mim em outra publicação, "Magic, Religion and Science" em *Science, Religion and Reality*, Ensaios reunidos por vários autores, editado por J. Needham, 1925.

no passado mais predomina o caráter individual, ao menos no trabalho econômico. Contudo, nunca se torna solitário e o estágio da "procura individual do alimento", postulado por certos economistas, parece-me ser uma ficção, pois mesmo nos níveis mais baixos as atividades organizadas correm sempre lado a lado com o esforço individual. Mas não há dúvida que à medida que a cultura progride as atividades individuais gradativamente desaparecem do campo econômico, sendo substituídas pela produção coletiva em enorme escala. Teríamos, então, um caso de um "instinto" que cresceria com a cultura, o que, conforme facilmente se pode ver, é uma *reductio ad absurdum!*

Outro modo de abordar a questão do chamado "instinto de rebanho" seria examinar a natureza dos laços que unem os homens em grupos sociais. Estes laços, quer sejam políticos, legais ou lingüísticos, quer sejam consuetudinários são todos de caráter adquirido. De fato, é fácil ver que não existe neles nenhum elemento inato. Tomemos os laços da fala, que unem grupos de homens em todos os níveis da cultura e os distinguem nitidamente daqueles com os quais lhes é impossível se comunicarem pela palavra oral. A linguagem é um hábito corporal inteiramente adquirido. Não é baseada em qualquer aparelho inato, é completamente dependente da cultura e da tradição de uma tribo, isto é, de elementos que variam na mesma espécie e assim não podem ser especificamente inatos. Além disso, é claro que não poderiam ter herdado nenhum "instinto da linguagem" de nossos ancestrais animais, que nunca se comunicaram por um código convencional simbólico.

Qualquer que seja a forma de cooperação organizada que consideremos, vemos, depois de um breve exame, que se baseia em artefatos culturais, sendo governada por normas convencionais. Nas atividades econômicas, os homens usam instrumentos e procedem de acordo com métodos tradicionais. Os laços sociais que unem os grupos econômicos em cooperação são portanto baseados em uma estrutura completamente cultural. O mesmo

cabe dizer de uma organização com finalidades de guerra, de cerimônias religiosas ou de execução da justiça. A natureza não poderia ter dotado os seres humanos de respostas específicas concernentes a artefatos, códigos tradicionais, sons simbólicos, pela simples razão de que todos estes objetos acham-se situados fora do domínio da natureza. As formas e forças da organização social são impostas a uma comunidade humana pela cultura e não pela natureza. Não pode haver uma tendência inata a fazer correr uma locomotiva ou a usar uma metralhadora simplesmente porque estes implementos não podem ter sido previstos pelas condições naturais sob as quais a espécie humana foi biologicamente modelada.

Em todo seu comportamento organizado o homem é sempre governado por aqueles elementos que se acham fora de qualquer dotação natural. Psicologicamente, a organização humana baseia-se nos sentimentos, isto é, atitudes complexas construídas e não tendências inatas. Tecnicamente, a associação humana é sempre correlacionada com artefatos, instrumentos, implementos, armas, dispositivos materiais que, todos, estendem-se muito além do equipamento anatômico natural do homem. A sociabilidade humana é sempre uma combinação, um entrelaçamento de funções legais, políticas e culturais. Não é uma mera identidade do impulso emotivo, nem uma similaridade de respostas a estímulos idênticos, mas um hábito adquirido dependente da existência de um conjunto artificial de condições. Tudo isto ficará mais claro depois de termos discutido a formação dos laços sociais a partir das tendências inatas no interior da família.

Resumindo, podemos dizer que o homem evidentemente tem de se comportar em comum e que este comportamento organizado é uma das pedras angulares da cultura. Mas enquanto o comportamento coletivo nos animais é devido ao equipamento inato, no homem é sempre um hábito gradativamente construído. A *sociabilidade* humana aumenta com a cultura, enquanto se fosse mera *gregariedade* deveria diminuir ou pelo menos permanecer constante. O fato é que o fundamento essen-

cial da cultura repousa em uma profunda modificação da dotação inata, pela qual a maior parte dos instintos desaparecem, sendo substituídos por tendências plásticas, embora dirigidas, que podem ser moldadas em respostas culturais. A integração social dessas respostas é uma parte importante do processo, mas esta integração é possível mediante a plasticidade geral dos instintos e não por qualquer tendência gregária específica!

Podemos assim concluir que nenhum tipo de organização humana remonta a tendências gregárias, e ainda menos a um específico "instinto de horda". Podemos mostrar que o correlato necessário desse princípio é que a família é o único tipo de grupamento que o homem retirou do animal. No processo de transmissão porém esta unidade transforma-se fundamentalmente no que se refere à sua natureza e constituição, embora a forma se conserve notavelmente inalterada. O grupo de pais e filhos, a permanência da ligação materna, a relação do pai com sua prole, apresentam notáveis analogias em toda a cultura humana e no mundo dos animais superiores. Mas ao passar a família para o controle dos elementos culturais, os instintos que a regulavam exclusivamente entre os macacos pré-humanos transformam-se em algo que nunca existiu antes do homem, a saber os laços culturais da organização social. Temos agora de investigar esta transformação das respostas instintivas em comportamento cultural.

# III

## O Cio e o Acasalamento no Animal e no Homem

COMPAREMOS A CADEIA DE RESPOSTAS INSTINTIVAS LIGADAS que nos animais constituem a corte, o casamento e a família, com as correspondentes instituições humanas. Passemos em revista, ponto por ponto, cada elo na corte e na vida familiar dos macacos antropóides e verifiquemos o que corresponde a cada um deles nos seres humanos.

Entre os macacos superiores a corte começa com uma modificação no organismo da fêmea, determinada por fatores fisiológicos, que automaticamente desencadeiam a resposta sexual no macho.[41] O macho procede então à corte de acordo com o tipo seletivo de galanteio que prevalece em uma determinada espécie. Todos os indivíduos que se acham no âmbito da influência participam desta atitude, porque são irresistivelmente atraídos pela condição da fêmea. O cio oferece a oportunidade de exibição por parte dos machos e de seleção por parte da fêmea. Todos os fatores que definem o comportamento animal neste estágio são comuns a todos os indivíduos da espécie. Atuam com tal uniformidade que para cada

[41] Gostaria neste contexto de remeter o leitor aos *Studies in the Psychology of Sex* de Havelock Ellis (seis vols.). Nesta obra nunca é perdida de vista a natureza biológica da regulação do instinto sexual em condições de cultura e o paralelo entre as sociedades animais e humanas é usado como importante princípio de explicação. Para um interessante comentário da Teoria da Seleção Sexual de Darwin, veja-se volume III, pp. 22ss (1919 ed.). Neste volume o leitor encontrará também uma crítica geral das várias teorias do impulso sexual. No volume IV, é discutida a Seleção Sexual no homem. O volume VI trata do aspecto sociológico do problema.

espécie animal o zoólogo só precisa apresentar um único conjunto de dados, enquanto por outro lado, estes variam consideravelmente de uma espécie para outra, de modo que para cada espécie é necessário uma nova descrição. Mas no interior da espécie as variações, individuais ou de qualquer outra natureza, são tão pequenas e sem importância que o zoólogo as ignora tendo toda razão de proceder assim.

Poderia um antropólogo oferecer uma fórmula deste tipo para os mecanismos da corte e do acasalamento na espécie humana? Evidentemente não. Basta abrir qualquer livro referente à vida sexual da humanidade, quer sejam obras clássicas de Havelock Ellis, Westmarck e Frazer ou a excelente descrição na *Mystic Rose* de Crawley, para verificar que existem inumeráveis formas de corte e casamento, que as estações do namoro são diferentes, que os tipos de galanteio e conquista variam com cada cultura. Para o zoólogo a espécie é a unidade para o antropólogo a unidade é a cultura. Em outras palavras, o zoólogo trata de um comportamento instintivo específico, o antropólogo trata de uma resposta habitual culturalmente elaborada.

Examinemos isto com maiores detalhes. Vemos, em primeiro lugar, que no homem não há estação de cio, o que significa que o homem é capaz de ter relações sexuais em qualquer época e a mulher está pronta a responder a ele, condição que, como todos sabemos, não simplifica o convívio humano. Nada há no homem que atue com a mesma incisiva determinação que tem o início da ovulação em qualquer fêmea de mamíferos. Significa isso portanto que não existe coisa alguma que se aproxima do acasalamento indiscriminado em alguma sociedade humana? Sabemos que mesmo nas culturas mais licenciosas não existe nada que se assemelhe à "promiscuidade", nem poderia jamais ter existido. Em toda cultura humana encontramos, em primeiro lugar, sistemas de tabus bem definidos, que saparam rigidamente um certo número de pessoas de sexos opostos e excluem categorias inteiras de parceiros potenciais. O

mais importante destes tabus exclui completamente do acasalamento aquelas pessoas que estão normal e naturalmente em contato, isto é, os membros da mesma família, os pais dos filhos, os irmãos das irmãs. Como uma extensão deste fato, verificamos em um certo número de sociedades primitivas uma proibição mais ampla das relações sexuais, que excluem grupos inteiros de pessoas de quaisquer relações sexuais. Esta é a lei da exogamia. Logo após o tabu do incesto, o segundo em importância é a proibição do adultério. Enquanto o primeiro serve para defender a família o segundo serve para a proteção do casamento.

Mas a cultura não exerce uma influência meramente negativa sobre o impulso sexual. Em todas as comunidades encontramos também incentivos à corte e ao interesse amoroso, ao lado de proibições e exclusões. As várias épocas festivas, ocasiões de danças e exibições pessoais, períodos nos quais o alimento é prodigamente consumido e usados estimulantes, são em regra também sinais para atividades eróticas. Nessas ocasiões grande número de homens e mulheres se reúnem e os rapazes jovens entram em contato com as moças de fora do círculo da família e do grupo local. Com freqüência algumas das restrições habituais são suspensas, sendo permitido aos rapazes e moças encontrarem-se sem obstáculos nem controles. Realmente, estas ocasiões encorajam naturalmente a corte por meio de estimulantes, atividades artísticas e uma disposição de ânimo festiva.[48]

Assim, o sinal para o início da corte, a libertação do processo de acasalamento é dado não por uma mera modificação corporal mas por uma combinação de influências culturais. Em última instância estas influências evidentemente atuam sobre o corpo humano e estimulam reações inatas pelo fato de fornecerem a proximidade física, a atmosfera mental e as sugestões adequadas. Se o organismo não estivesse pronto a responder sexual-

[48] Havelock Ellis apresentou uma grande abundância de dados sobre o acasalamento estacional no animal e no homem, no ensaio sobre *Sexual Periodicity*, volume I (ed. 1910), veja-se especialmente pp. 122ss. Consulte-se também a *History of Human Marriage*, de Westermarck, vol. I, capítulo II.

mente nenhuma influência cultural poderia fazer o homem copular. Mas, em vez de um mecanismo fisiológico automático, temos um complicado arranjo no qual foram em grande parte introduzidos elementos artificiais. Deve-se observar por conseguinte dois pontos: não há no homem um mecanismo de desencadeamento puramente biológico, mas em vez disso há um processo conjunto psicológico e fisiológico, determinado em sua natureza temporal, espacial e formal pela tradição cultural; associado a este fato, e completando-o, há um sistema de tabus culturais que limitam consideravelmente a ação do impulso sexual.

Examinemos agora qual é o valor biológico do cio para uma espécie animal e quais são as conseqüências para o homem da ausência do cio. Em todas as espécies animais o acasalamento tem de ser seletivo, isto é, deve haver oportunidade para comparação e escolha num e noutro sexo. Tanto o macho quanto a fêmea devem ter uma possibilidade de exibir seus encantos, de exercer atrações, de competirem pelo parceiro escolhido. A escolha é determinada pela cor, voz, vigor físico, astúcia e agilidade no combate, sintomas de força corporal e perfeição orgânica. O acasalamento por escolha também é um complemento indispensável da seleção natural, pois sem haver algum dispositivo para o acasalamento seletivo a espécie degeneraria. Esta necessidade cresce à medida que subimos na escala da evolução orgânica. Nos mais inferiores animais não há nem mesmo necessidade de acasalamento. E' claro por conseguinte que no mais elevado dos animais, o homem, a necessidade da cópula seletiva não pode ter desaparecido. De fato, a suposição oposta, que é mais convincente, tem maiores probabilidades de ser verdadeira.

O cio, porém, não somente fornece ao animal as oportunidades de seleção mas também circunscreve e delimita de modo definido o interesse sexual. Fora da estação do cio o interesse sexual acha-se em estado latente e a competição e a luta, assim como a onipotente absorção pelo sexo, estão eliminadas da vida comum de uma es-

pécie animal. Considerando-se os grandes perigos provenientes dos inimigos externos e as forças de ruptura interiores, que estão ligadas à corte, a eliminação do interesse sexual nas épocas normais e sua concentração em um curto período definido tem grande importância para a sobrevivência da espécie animal.

À luz de tudo quanto acabamos de dizer, que significa realmente a ausência do cio no homem? O impulso sexual não está confinado a uma certa estação, não é condicionado por algum processo corporal, e, no que diz respeito às meras forças fisiológicas, está pronto para exercer efeitos em qualquer momento da vida do homem e da mulher. Está disposto para perturbar todos os outros interesses em qualquer momento, e deixado a si mesmo tende constantemente a atuar e afrouxar todos os laços existentes. Este impulso, absorvente e invasor como é, interferiria assim em todas as ocupações normais do homem, destruiria qualquer forma nascente de associação, criaria interiormente o caos e atrairia perigos de fora. Como sabemos, isto não é pura fantasia, pois o impulso sexual tem sido a fonte de muitas perturbações, de Adão e Eva em diante. E' a causa da maior parte das tragédias, quer o encontremos na realidade atual, na história passada, no mito ou na produção literária. No entanto, o próprio fato do conflito mostra que existem forças que controlam o impulso sexual, prova que o homem não se rende a seus insaciáveis apetites, que cria barreiras e impõe tabus que se tornam tão poderosos quanto as próprias forças do destino.

E' importante observar que estas barreiras e mecanismos reguladores do sexo no estado de cultura são diferentes da vigilância animal no estado de natureza. No animal, os dotes instintivos e as modificações fisiológicas lançam o macho e a fêmea em uma situação da qual têm de se livrar pelo simples jogo dos impulsos naturais. No homem aparece o controle, como sabemos, realizado pela cultura e pela tradição. Em cada sociedade encontramos regras que tornam impossível aos homens e mulheres entregarem-se livremente ao impulso. Veremos, dentro em pou-

co, como surgem estes tabus e por meio de que forças atuam. No momento basta compreender claramente que um tabu social não tem no instinto a origem de sua força, mas ao contrário tem sempre de agir contra algum impulso inato. Vemos neste ponto com toda clareza a diferença entre os dons naturais humanos e o instinto animal. Embora o homem esteja pronto a responder sexualmente a qualquer momento, submete-se também a uma restrição artificialmente imposta a esta reação. Ainda mais, embora não haja nenhum processo corporal natural que desencadeie claramente o interesse sexual ativo entre o macho e a fêmea, um certo número de incentivos à corte, guiam e despertam o impulso.

Podemos agora formular de modo mais preciso aquilo que entendemos por *plasticidade dos instintos*. Os modos de comportamento ligados ao interesse sexual são determinados no homem somente no que diz respeito a suas finalidades; o homem deve copular seletivamente, não podendo fazê-lo promiscuamente. Por outro lado, a liberação do impulso, o incentivo à corte, os motivos para uma determinada seleção são ditados por dispositivos culturais. Estes têm de seguir certas linhas paralelas às linhas dos dons naturais no animal. Tem de haver o elemento de seleção, vigilância na exclusividade, e acima de tudo tem de haver tabu que impeça o sexo de interferir constantemente na vida comum.

A plasticidade dos instintos no homem é definida pela ausência de modificações fisiológicas, do desencadeamento automático de uma causa de galanteio biologicamente determinada. Essa plasticidade está associada com a efetiva determinação do comportamento sexual por elementos culturais. O homem é dotado de tendências sexuais, mas estas têm de ser moldadas além disso por sistemas de regras culturais, que variam de uma sociedade para outra. Veremos com maior precisão no curso de nossa atual pesquisa até que ponto estas normas podem diferir umas das outras e divergir do padrão animal fundamental.

# IV

## Relações Maritais

PROSSIGAMOS NO EXAME DO ROMANCE UNIVERSAL DA vida e vejamos o estágio seguinte. Examinemos os laços do casamento a que conduzem os dois caminhos paralelos do homem e do animal, do habitante eolítico das cavernas e do macaco super-simiesco. Em que consiste realmente o casamento nos animais, especialmente nos macacos superiores? O acasalamento tem lugar como ato culminante da corte e em conseqüência dele a fêmea concebe. Com a fecundação o cio acaba e com isso cessa a atração sexual da fêmea para os outros machos. Mas não é isso o que acontece com o macho que a conquistou, que a escolheu e a quem ela se rendeu. E' difícil afirmar à vista dos dados disponíveis se no estado de natureza os macacos superiores ainda continuam a ter relações sexuais depois da fecundação. Contudo o fato da fêmea deixar de ser atraente para outros machos, enquanto seu companheiro permanece ligado a ela, constitui o laço do casamento animal. A resposta específica do macho e da fêmea à nova situação, sua mútua união, a tendência do macho a ficar junto da consorte, guardá-la, assisti-la, protegê-la e nutri-la, estes são os elementos inatos de que se compõe o casamento animal. A nova fase da vida consiste, portanto, em um novo tipo de comportamento, sendo dominada por um novo elo na cadeia dos instintos. Este novo elo poderia ser chamado adequadamente a resposta matrimonial, por ocasião ao impulso sexual.

A união animal não se baseia nem na paixão incontrolável do cio nem no ciúme sexual do macho, nem em quaisquer pretensões de apropriação geral por parte do macho. Baseia-se em uma especial tendência inata.

Quando passamos para a sociedade humana verificamos que a natureza dos laços matrimoniais é inteiramente diferente. O ato da união sexual, em primeiro lugar, não constitui o casamento. E' necessária uma forma especial de sanção cerimonial e este tipo de ato social difere dos tabus e incentivos de que falamos no Capítulo anterior. Temos aqui um especial e criador ato da cultura, uma sanção ou marca que estabelece nova relação entre dois indivíduos. Esta relação possui uma força que não deriva dos instintos mas da pressão sociológica. O novo laço é algo que se situa acima da ligação biológica. Enquanto este ato criador não é executado, enquanto o casamento não é concluído em suas formas culturais um homem e uma mulher podem ter relações sexuais e coabitar durante todo o tempo em que quiserem, com a freqüência que desejarem, mas sua relação permanece uma coisa essencialmente diferente de um casamento socialmente sancionado. Seu laço, uma vez que não existe uma disposição matrimonial inata no homem, não está biologicamente salvaguardado. Tampouco é reforçado pela sanção cultural, pois a sociedade não o estabeleceu. Na verdade, em toda sociedade humana um homem e uma mulher que tentam comportar-se como se fossem casados, sem obterem a adequada sanção social, têm de sofrer penalidades mais ou menos severas.

Uma nova força por conseguinte, um novo elemento entra em jogo, suplementando a simples regulação instintiva dos animais, a saber, a real interferência da sociedade. Não é preciso acrescentar que uma vez obtida esta sanção, uma vez casadas as duas pessoas, não somente podem mas devem cumprir as numerosas obrigações, fisiológicas, econômicas, religiosas e domésticas, que estão implicadas nesta relação humana. Como vimos, a conclusão de um casamento humano não é con-

seqüência de um mero impulso instintivo mas de complexos incentivos culturais. Mas depois que o matrimônio foi sociologicamente selado e marcado, impõe-se um grande número de deveres, laços e reciprocidades, escorados em sanções legais, religiosas e morais. Nas sociedades humanas esta relação em geral pode ser dissolvida, restabelecendo-se com outro parceiro, mas este processo nunca é fácil de executar e em algumas culturas o preço do divórcio torna-o quase proibitivo.

Vemos aqui claramente a diferença entre a regulação instintiva, de um lado, e o determinismo cultural, de outro. Enquanto nos animais o casamento é incentivado pelo galanteio seletivo, concluído pelo simples ato da fecundação e mantido pelas forças da união matrimonial inata, no homem é induzido por elementos culturais, concluído pela sanção sociológica e mantido pelos vários sistemas de pressão social. E contudo mesmo aqui não é difícil de perceber que o aparelho cultural atua grandemente na mesma direção dos instintos naturais e atinge os mesmos fins embora o mecanismo seja inteiramente diferente. Nos animais inferiores o casamento é necessário porque a gravidez é mais longa, a fêmea grávida é mais protegida e o lactante recém-nascido tem mais necessidade da proteção do macho. O laço da afeição matrimonial, inatamente determinado, pelo qual o macho responde à gravidez de sua companheira escolhida preenche esta necessidade da espécie, sendo na verdade indispensável para a continuidade desta.

No homem, esta necessidade de um protetor da gravidez afetuoso e interessado continua a existir. Sabemos que o mecanismo inato desapareceu pelo fato de na maior parte das sociedades, tanto de nível baixo como de nível alto de cultura, o macho recusar tomar qualquer responsabilidade por seu rebento, a não ser quando compelido a proceder assim pela sociedade, que reforça o contrato de casamento. Mas cada cultura cria certas forças e existem certos arranjos que desempenham o mesmo papel dos impulsos instintivos numa espécie animal. A instituição do casamento em seus aspectos

morais, legais e religiosos fundamentais deve assim ser considerada não como conseqüência direta da tendência matrimonial nos animais porém como o substituto cultural dessa tendência. Esta instituição impõe ao homem e à mulher um tipo de comportamento que corresponde tão estreitamente às necessidades da espécie humana quanto as tendências inatas dos animais correspondem às suas tendências.

Conforme veremos, o meio mais poderoso pelo qual a cultura liga o marido e a mulher um ao outro consiste na modelagem e organização de suas emoções e na configuração de suas atitudes pessoais. Teremos ocasião de estudar mais completamente este processo, e nele encontraremos as diferenças essenciais entre as ligações animais e humanas. Enquanto nos animais encontramos uma cadeia de instintos conectados, sucedendo-se uns aos outros e substituindo-se entre si, o comportamento humano é definido por uma atitude emocional completamente organizada, um *sentimento,* conforme é tecnicamente chamado em psicologia. Enquanto no animal temos uma série de fatores fisiológicos, acontecimentos que se processam no interior do organismo, cada um dos quais determina uma resposta inata, no homem temos um sistema de emoções em contínuo desenvolvimento. Desde o primeiro encontro de dois futuros amantes, através da progressiva paixão e do crescimento de interesses e afeições a ela associados, podemos acompanhar um sistema de emoções em desenvolvimento e cada vez mais rico, no qual a continuidade e a consistência são condições de uma relação feliz e harmoniosa. Nesta complexa atitude entram, além de respostas inatas, elementos sociais, tais como regras morais, expectativas econômicas e interesses espirituais. As etapas finais da afeição matrimonial são poderosamente determinadas pelo curso do namoro. Por outro lado, o namoro e o interesse pessoal dos dois futuros amantes é colorido pelas possibilidades do matrimônio em perspectiva e por suas vantagens. Nos elementos antecipadores, pelos quais as futuras respostas atuam sobre os arranjos

presentes, na influência das lembranças e experiências, no constante ajustamento do passado, presente e futuro, vemos a razão pela qual a relação humana apresenta um contínuo e homogêneo crescimento, em vez da série de estágios claramente diferenciados que encontramos no animal.

Em tudo isto, ainda uma vez, encontramos a mesma plasticidade dos instintos já indicada nas fases anteriores e vemos que, embora os mecanismos em estado de cultura se diferenciem consideravelmente das disposições fisiológicas, as formas gerais em que a sociedade molda as regras matrimoniais humanas seguem claramente as linhas ditadas pela seleção natural às espécies animais.

# V

## O Amor dos Pais

A CORTE, O ACASALAMENTO E A GRAVIDEZ CONDUZEM no animal e no homem ao mesmo fim, o nascimento do filho. Nas espécies pré-humanas, assim como na mulher e no homem em condições de cultura, há também uma resposta mental semelhante no que se refere a este acontecimento. De fato, à primeira vista o ato do nascimento poderia ser citado como o único acontecimento orgânico em que o homem não difere em nada do animal. A maternidade, com efeito, é em geral considerada como a única relação que é corporalmente transportada do estado simiesco ao estado humano, que é definida biologicamente e não culturalmente. Esta concepção, porém, não é correta. A maternidade humana é uma relação determinada em considerável grau por fatores culturais. A paternidade humana, por outro lado, que parece a princípio destituída quase completamente de fundamentos biológicos, está profundamente arraizada na dotação natural e nas necessidades orgânicas. Assim, somos forçados, também aqui, a comparar minuciosamente a família animal com a humana, a estabelecer as semelhanças tanto quanto as diferenças.

No animal, o nascimento modifica a relação entre os dois membros do casal. Chegou um novo membro para a família. A mãe responde a ele imediatamente. Lambe o filho, vigia-o constantemente, aquece-o com seu corpo e alimenta-o com seus seios. Os primeiros cui-

dados maternos implicam certos dispositivos anatômicos, tais como as bolsas nos marsupiais e as glândulas mamárias nos mamíferos. Surge na mãe uma resposta ao aparecimento do filho. Há também uma resposta no filhote, e esta é na verdade talvez o tipo mais indiscutível de atividade instintiva.

A mãe humana é dotada de um equipamento anatômico semelhante, e em seu corpo a concepção, a gravidez e o parto acarretam uma série de alterações análogas à gestação de qualquer outro mamífero. Quando o filho nasceu, o status corporal que constitui a maternidade animal encontra-se também na mãe humana. Seus seios intumescidos de leite convidam a criança a mamar com um impulso tão elementar e poderoso quanto a fome e a sede do lactente. As necessidades da criança ter um lugar quente, confortável e seguro harmonizam-se com o desejo extremamente forte e apaixonado da mãe de segurar o filho. Essas necessidades correlacionam-se com a ternura e solicitude maternas pelo bem-estar da criança.

Contudo, em nenhuma sociedade humana, por mais alta ou baixa que seja em sua cultura, a maternidade é simplesmente uma questão de dotação biológica ou de impulsos inatos. Entram em ação influências análogas àquelas que vimos determinarem as relações entre os namorados e imporem obrigações entre os cônjuges, mesmo na moldagem da relação da mãe com o filho. Desde o momento da concepção esta relação torna-se objeto de cuidado por parte da comunidade. A mãe tem de observar tabus, seguir certos costumes e submeter-se a procedimentos rituais. Nas sociedades superiores estes são em grande parte, mas não completamente, substituídos pelas regras higiênicas e morais. Nas sociedades inferiores pertencem ao domínio da magia e da religião. Mas todos estes costumes e preceitos visam ao bem-estar da criança que vai nascer. E' em favor dela que a mãe tem de submeter-se a um tratamento cerimonial, sofrer privações e desconfortos. Assim, é imposta uma obrigação à mãe em perspectiva, antecipando-se à sua resposta instintiva futura. Seus deveres superpõem-se

aos seus sentimentos, a cultura dita e prepara sua futura atitude.

Depois do nascimento, o esquema de relações tradicionais não é menos poderoso e ativo. As cerimônias de purificação, as regras que isolam a mãe e o filho do resto da comunidade, os ritos batismais e os ritos da recepção do recém-nascido na tribo criam todos um laço especial entre os dois. Estes costumes existem tanto nas sociedades patrilineares quanto nas matrilineares. Nestas últimas, em geral, há disposições mais complicadas e a mãe é levada a um contato ainda mais estreito com o filho, não somente no início mas também em um período ulterior.

Assim, pode dizer-se sem exagero que a cultura em sua ligação tradicional reproduz o impulso instintivo. Mais precisamente, antecipa suas determinações. Ao mesmo tempo, todas as influências culturais simplesmente endossam, ampliam e especializam as tendências naturais, as que ordenam à mãe amamentar ternamente, proteger e cuidar de seu rebento.

Se tentarmos traçar um paralelo entre a relação do pai com o filho nas sociedades animal e humana, verificamos que é fácil descobrir os elementos culturais na humanidade, mas é difícil encontrar quais poderiam ser os dons instintivos. Na verdade, pelo menos nas culturas superiores, a necessidade da imposição do laço do casamento é prática e teoricamente devida ao fato de ter de se constituir um pai para cuidar de seus filhos. Uma criança ilegítima, em regra, não tem a mesma probabilidade de receber tanto carinho de seu pai natural quanto uma criança legítima, que é cuidada em mais larga extensão porque tal é o dever do pai. Significa isto que não existam tendências paternas inatas no homem? Temos a possibilidade de mostrar que o pai humano ao contrário é dotado de impulsos definidos, não suficientes para estabelecer a paternidade natural mas suficientemente poderoso para servir de matéria-prima a partir da qual se modela o costume.

Vejamos, em primeiro lugar, a paternidade entre os mamíferos superiores. Sabemos que aí o macho é indis-

pensável, porque devido à longa gravidez, à lactação e educação do filhote, a fêmea e seu rebento precisam de um forte e interessado protetor. Correlacionada com esta necessidade encontramos aquilo que foi chamado no capítulo anterior a resposta matrimonial. Esta resposta que induz o macho a cuidar da fêmea grávida não se enfraquece com o ato do nascimento mas, pelo contrário, torna-se mais forte e transforma-se numa tendência por parte do macho a proteger a família inteira. A união matrimonial entre os dois parceiros tem de ser considerada biologicamente como o estágio intermediário que conduz à união paterna.

Voltando agora às sociedades humanas, vemos que a necessidade longe de descrever torna-se ainda mais forte. A mulher grávida e lactante não é menos desamparada mas ao contrário mais desamparada do que sua irmã símia. E este desamparo cresce com a cultura. Os filhos, ainda mais, não somente precisam dos cuidados ordinários na infância animal, não somente precisam de amamentação e ternura assim como de educação de certas tendências inatas, mas também exigem instrução na linguagem, na tradição e no artesanato, indispensáveis mesmo nas mais simples sociedades humanas.

Seria lícito portanto imaginar que a humanidade, à medida que vai passando do estado de natureza para o de cultura, a tendência fundamental no macho, que nas novas condições era ainda mais imperiosa, seria gradualmente reduzida ou tenderia a desaparecer? Esta condição colidia com todas as leis biológicas, sendo na verdade completamente negada por todos os fatos observados nas sociedades humanas. Pois, uma vez que um homem permanece junto com sua mulher para vigiar a gravidez, observar os vários deveres que em geral tem de cumprir no nascimento, não pode haver a menor dúvida de que sua resposta com relação ao filho será a de interesse impulsivo e terna ligação.

Vemos assim uma interessante diferença entre a ação da dotação cultural e da natural. A cultura — em forma de lei, moralidade e costumes — força o macho a tomar a posição em que tem de se submeter à situação

natural, isto é, proteger a mulher grávida. Força-o também, mediante vários meios, a participar antecipadamente do interesse da mãe pela criança. Mas uma vez forçado a esta posição, o macho responde invariavelmente com fortes interesses e sentimentos positivos para com o filho.

Isto nos leva a um ponto muito interessante. Em todas as sociedades humanas — por mais que sejam diferentes nos padrões de moralidade sexual, no conhecimento da embriologia e em seus tipos de namoro — verifica-se universalmente aquilo que pode ser chamado a regra da legitimidade. Quero dizer com isso que em todas as sociedades humanas a moça é pedida em casamento antes de ficar grávida. A gravidez e o parto de uma jovem mulher não-casada são invariavelmente consideradas como desgraças.[49] Tal é o caso nas comunidades muito livres da Melanésia, descritas nesse ensaio. Tal é o caso em todas as sociedades humanas a respeito das quais temos informação. Não conheço um único caso na literatura antropológica de uma comunidade em que os filhos ilegítimos, isto é, os filhos de jovens solteiras, gozem do mesmo tratamento social e tenham o mesmo status social que os legítimos.

O postulado universal da legitimidade tem uma grande significação sociológica, que não foi ainda suficientemente reconhecida. Significa que em todas as sociedades humanas a tradição e a lei moral decretam que o grupo constituído por uma mulher e seu filho não é

[49] Westermarck na *History of Human Marriage,* 1921, vol. I, pp. 138-157, cita aproximadamente 100 casos de povos primitivos que se caracterizam por sua castidade pré-nupcial. Mas, muitas das afirmações citadas não fornecem uma prova muito clara deste fato. Assim, dizer, referindo-se a certas tribos, que "a castidade é valorizada no homem ou na mulher" ou que "concede-se grande valor à virgindade da noiva" não significa dar prova de ausência de relações sexuais pré-maritais. O que porém tem extrema importância nesta enumeração de provas, de nosso ponto de vista, é que a única coisa que indica de maneira clara é a universalidade do *postulado da legitimidade.* Assim, vinte e cinco dos casos citados referem-se não à castidade mas à proibição de uma moça solteira estar grávida. Além disso, mais de uma vintena de outros casos indicam não a ausência de relações sexuais ilícitas mas o fato de que quando estas ocorrem, a descoberta é seguida de censura, punição, multa ou obrigação dos dois indivíduos se casarem, conforme a tribo. De fato, embora a prova total, no que se refere à castidade, não seja conclusiva demonstra que o postulado da legitimidade tem um predomínio extremamente amplo. Do ponto de vista de nossa argumentação os dois problemas deveriam ser mantidos distintos.

uma unidade sociologicamente completa. As determinações culturais seguem aqui ainda uma vez as mesmas linhas que a dotação natural, ao declarar que a família humana deve consistir no macho assim como na fêmea.

E neste ponto a cultura encontra pronta resposta nas atitudes emotivas do macho. O pai em todos os estágios da cultura interessa-se pelos filhos e este interesse, seja qual for a forma em que receba uma racionalização em certas sociedades patrilineares, é o mesmo nas sociedades matrilineares, onde o filho nem é herdeiro nem sucessor do pai, nem mesmo, em geral, é considerado como o rebento de seu corpo.[80] E mesmo quando, como acontece numa sociedade poliândrica, não há possibilidade alguma de qualquer conhecimento e interesse na questão de saber quem poderia ser o genitor, aquele que é escolhido para representar o papel de pai responde emocionalmente a este apelo.

Seria interessante indagar de que maneira poderíamos imaginar a ação da tendência instintiva da paternidade. Na mãe a resposta é claramente determinada pelos fatos corporais. E' a criança que ela criou em seu útero que tem de amar e pela qual deve interessar-se. No homem, não existe esta correlação entre a célula seminal que fertiliza o ovo feminino, de um lado, e a atitude sentimental, de outro. Parece-me que os únicos fatores que determinam a atitude sentimental do genitor masculino correlaciona-se com a vida levada em comum com a mãe durante a gravidez. Se esta idéia é correta, podemos ver como as imposições da cultura são necessárias a fim de estimular e organizar as atitudes emocionais no homem e como os dotes inatos são indispensáveis para a cultura. As forças sociais por si sós não poderiam impor tantos deveres ao macho, nem ele poderia, sem um forte dom biológico, executá-los com uma resposta emocional tão espontânea.

Os elementos culturais que entram na relação pai-filho são estreitamente paralelos aos que determinam a ma-

[80] Consulte-se o trabalho do autor *The Father in Primitive Psychology*, "Psyche Miniatures", 1927.

ternidade. O pai em geral participa dos tabus da mãe, ou pelo menos tem de manter alguns outros lado a lado com ela. Um tipo especial de proibição, que é claramente associada ao bem-estar do filho, é o tabu sobre as relações sexuais com a mulher grávida. No nascimento, o pai tem ainda deveres a realizar. O mais famoso destes é a *couvade*, costume de acordo com o qual o marido tem de tomar a si os sintomas da doença e da incapacidade pós-natal, enquanto a esposa leva o modo ordinário de vida. Mas, embora esta seja a forma mais extrema de afirmação da paternidade, algumas disposições análogas, pelas quais o homem participa de certas cargas pós-natais de sua esposa, ou pelo menos tem de executar ações em simpatia com ela, existem em todas as sociedades. Não é difícil colocar este tipo de costume em nosso esquema. Mesmo a idéia aparentemente absurda da *couvade* tem para nós profunda significação e função necessária. Se é de alto valor biológico que a família humana consista em pai e mãe, se os costumes e regras tradicionais existem para estabelecer uma situação social de íntima proximidade moral entre pai e filho, se todos estes costumes visam a atrair a atenção do homem para seu descendente, então a *couvade*, que leva o homem a simular as dores do parto e a doença da maternidade, tem grande valor e fornece o necessário estímulo e expressão para as tendências paternais. A *couvade* e todos os costumes do mesmo tipo servem para acentuar o princípio da legitimidade, a necessidade da criança ter um pai.

Em tudo isso temos ainda os dois lados da questão. Os instintos sozinhos nunca determinam o comportamento humano. Instintos rígidos, que impedissem a adaptação do homem a qualquer novo conjunto de condições, seriam inúteis para a espécie humana. A plasticidade das tendências instintivas é a condição do progresso cultural. Mas as tendências existem e não podem desenvolver-se arbitrariamente. Embora o caráter da relação materna seja determinado pela cultura, embora as obrigações sejam impostas de fora pela tradição, cor-

respondem todas à tendência natural, pois acentuam o caráter estreito do laço entre pai e filho, isolam-nos e os tornam dependentes um do outro. E' importante notar que muitas dessas relações sociais são antecipadoras. Preparam o pai para seus futuros sentimentos, ditam-lhe de antemão certas respostas que ele irá desenvolver mais tarde.

Vimos que a paternidade não pode ser considerada uma simples disposição social. Os elementos sociais simplesmente colocam o homem em uma situação na qual pode responder emocionalmente e ditam-lhe uma série de ações pelas quais as tendências paternas encontram expressão. Assim, enquanto verificamos que a maternidade é tanto social quanto biológica, devemos afirmar que a paternidade é também determinada por elementos biológicos, que, por conseguinte, em sua constituição é estreitamente análoga à relação materna. Em tudo isto a cultura acentua em vez de anular as tendências naturais. Recompõe, com outros elementos, a família no mesmo padrão que encontramos na natureza. A cultura recusa o desenfreamento.

# VI

## A Permanência dos Laços Familiares no Homem

A VIDA FAMILIAR DOS MAMÍFEROS ESTENDE-SE SEMPRE além do nascimento da prole, e quanto mais elevada a espécie maior é o tempo durante o qual ambos os pais têm de cuidar de seus descendentes. O amadurecimento gradativo da criança necessita de um cuidado mais demorado e do treinamento por parte do pai e da mãe, tendo estes de permanecerem unidos para tratar dos filhotes. Mas em nenhuma espécie animal a família dura a vida inteira. Logo que os filhos se tornam independentes abandonam os pais. Isto está de acordo com as necessidades essenciais da espécie, porque qualquer associação, com os laços correspondentes, torna-se um ônus para os animais a não ser que tenha alguma função específica a desempenhar.

No homem, entretanto, entram em ação novos elementos. Ao lado dos ternos cuidados ditados pela natureza e endossados pelos costumes e pela tradição, entram em jogo os fatores de educação cultural. Não há apenas neste caso a necessidade de exercitar os instintos até o pleno desenvolvimento, como na instrução animal para a coleta do alimento e os movimentos específicos, mas há também a necessidade de criar um certo número de hábitos culturais tão indispensáveis ao homem quanto os instintos para os animais. O homem tem de ensinar a seus filhos habilidades manuais e o conhecimento de artes e ofícios, a linguagem e as tradi-

ções da cultura moral, as maneiras e costumes que constituem a organização social.

Em tudo isto há a necessidade de uma especial cooperação entre as duas gerações, a mais velha que transmite a tradição e a mais moça que a recebe. Vemos aqui, ainda uma vez, a família formando a verdadeira oficina do desenvolvimento cultural, pois a continuidade da tradição, especialmente nos mais baixos níveis de desenvolvimento, é a condição mais vital da cultura humana e esta continuidade depende da organização da família. E' importante insistir no fato de que, com relação à família humana, esta função, a manutenção da continuidade da tradição, é tão importante quanto a propagação da raça. Pois o homem não poderia sobreviver se fosse privado da cultura, nem esta sobreviveria sem a raça humana para transportá-la. A psicologia mais recente ensina-nos, porém, que os mais antigos passos do treinamento humano, aqueles que se realizam no interior da família, têm uma importância educacional que foi completamente ignorada pelos antigos estudiosos. Mas se atualmente a influência da família é enorme, deveria ter sido ainda maior no começo da cultura, quando esta instituição era a única escola do homem e a educação recebida era simples mas tinha de ser dada com um vigor de contornos e uma força imperiosa não necessárias nos níveis superiores.

Neste processo de educação paterna, pelo qual se mantém a continuidade da cultura, vemos a forma mais importante de divisão das funções na sociedade humana, a que existe entre dar a liderança e recebê-la, entre a superioridade e a inferioridade culturais. O ensino — processo de fornecimento de informação técnica e valores morais — requer uma forma especial de cooperação. Não apenas os pais devem ter interesse em instruir o filho e este estar interessado em aprender, mas é também necessário um especial ambiente emocional. Tem de haver reverência, submissão e confiança, de um lado, e ternura, sentimento de autoridade e desejo de orientar, do outro. E' impossível executar a educação

sem alguma autoridade e prestígio. As verdades reveladas, os exemplos dados, as ordens impostas não alcançarão seu objetivo nem determinarão a obediência a não ser que se apóiem naquelas atitudes específicas de terna subordinação e amorosa autoridade que são características de todas as sãs relações entre pais e filhos. Estas atitudes correlacionadas são muito difíceis e muito importantes na relação entre o filho e o pai. Devido ao vigor e à iniciativa dos jovens e à autoridade conservadora do velho macho, há certa dificuldade no estabelecimento de uma permanente atitude de reverência. A mãe, sendo a guardiã mais próxima e a companheira mais afeiçoada, em geral não encontra dificuldade nas primeiras fases da relação com os filhos. Na relação entre filho e mãe, porém, que para continuar harmoniosa tem de conservar-se como relação de submissão, reverência e subordinação, entram outros elementos perturbadores numa fase ulterior da vida. Já os conhecemos pelo que foi dito nas partes anteriores deste livro, mas voltaremos a eles dentro em pouco uma vez mais.

O animal maduro afasta-se naturalmente de seus pais. No homem, a necessidade de laços mais duradouros é indiscutível. Em primeiro lugar, a educação dos filhos liga-os à família por um longo período que se estende além da maturidade. Mas mesmo o término da educação cultural não é o sinal final para a dissolução. Os contatos estabelecidos pela educação cultural duram mais tempo e servem para constituição da futura organização social.

Mesmo depois de um indivíduo adulto ter deixado os pais e estabelecido uma nova família, sua relação com os progenitores continua ativa. Em todas as sociedades primitivas, sem exceção, a comunidade local, o clã ou a tribo são organizadas pela gradativa extensão dos laços familiares. A natureza social das sociedades secretas, as unidades totêmicas e os grupos tribais baseiam-se invariavelmente em idéias de corte, associadas com a habitação local pelo princípio de autoridade e categoria,

mas apesar de tudo isso está ainda claramente ligada com o laço familiar original.[31]

E' nesta relação real e empírica entre todos os grupos sociais mais amplos, de um lado, e a família, de outro, que temos de registrar a importância fundamental da última. Nas sociedades primitivas o indivíduo constrói todos os seus laços sociais tendo por padrão suas relações com o pai e a mãe, o irmão e a irmã. Ainda neste ponto os antropólogos, os psicanalistas e os psicólogos estão inteiramente de acordo, deixando de lado as fantásticas teorias de Morgan e alguns de seus adeptos. Assim, a permanência dos laços familiares além da maturidade é o padrão de toda organização social e a condição da cooperação em todos os assuntos econômicos, religiosos e mágicos. Chegamos a esta conclusão em um Capítulo anterior, onde examinamos o suposto instinto gregário e verificamos que não existe nem instinto nem tendência para a "formação do rebanho". Mas se os laços sociais não podem ser reduzidos ao gregarismo pré-humano, devem ter derivado do desenvolvimento da única relação que o homem recebeu de seus ancestrais animais, a saber, a relação entre marido e mulher, entre pais e filhos, entre irmãos e irmãs, em sumo a relação da família indivisa.

Se assim é, vemos que a permanência dos laços familiares e a correspondente atitude biológica e cultural são indispensáveis não somente a bem da continuidade da tradição mas também para a cooperação cultural, e neste fato temos de registrar o que é talvez a mais profunda modificação na dotação instintiva do animal e do homem, pois na sociedade humana a extensão dos laços familiares além da maturidade não segue o padrão instintivo que será encontrado entre os animais. Não podemos mais falar de tendências inatas plásticas, porque, se os laços familiares que se estendem além da maturidade não existem nos animais, não podem ser inatos. Além disso, a utilidade e a função dos laços familiares

[31] Não posso documentar aqui mais extensamente este ponto de vista. Será desenvolvido em um trabalho sobre *The Psychology of Kinship* em preparação para a International Library of Psychology.

que duram a vida inteira são condicionadas pela cultura e não por necessidades biológicas. Paralelamente, vemos que nos animais não há a tendência a conservar a família além da etapa de utilidade biológica. No homem, a cultura cria uma nova necessidade, a necessidade de continuar as estreitas relações entre pais e filhos durante toda a vida. Por um lado, esta necessidade é condicionada pela transmissão da cultura de uma geração a outra, e de outro lado pela necessidade de conservação de laços duradouros que formam o padrão e o ponto de partida de toda organização social. A família é o grupamento biológico a que invariavelmente se refere todo parentesco e que determina, mediante regras de descendência e herança, o status social da prole. Como se pode ver, esta relação nunca perde importância para o homem, tendo de ser constantemente mantida viva. A cultura, portanto, cria um novo tipo de laço humano do qual não existe protótipo no reino animal. E, conforme veremos, por este mesmo ato criador pelo qual a cultura vai além dos dotes instintivos e dos precedentes naturais, cria também sérios perigos para o homem. Duas poderosas tentações, a tentação do sexo e a da rebelião, surgem no próprio momento da emancipação cultural com relação à natureza. No grupo que é responsável pelos primeiros passos no progresso humano nascem os dois principais perigos da humanidade, a tendência ao incesto e a revolta contra a autoridade.

# VII

## A Plasticidade dos Instintos Humanos

Continuaremos dentro em pouco a discutir com certa extensão os dois perigos, o do incesto e o da revolta, mas examinemos antes rapidamente o essencial do que foi dito nos últimos dois Capítulos, nos quais comparamos a família entre os homens e entre os animais. Verificamos que em ambos os casos, o curso geral do comportamento é paralelo em sua forma externa. Assim, existe um período de corte restrito, em geral limitado no tempo, e definido em sua forma tanto nas comunidades humanas quanto nas espécies animais. Além disso, o acasalamento seletivo conduz a uma vida matrimonial exclusiva, da qual o casamento monogâmico é o tipo dominante. Finalmente, no animal e no homem encontramos a paternidade, implicando os mesmos tipos de cuidados e obrigações. Em resumo, as formas de comportamento e suas funções são semelhantes. A preservação da espécie mediante o acasalamento seletivo, a exclusividade conjugal e o cuidado por parte dos pais é a principal finalidade das instituições humanas assim como das medidas animais instintivas.

Lado a lado com semelhanças encontramos notáveis diferenças. Estas não consistem nas finalidades mas nos meios pelos quais os fins são alcançados. O mecanismo pelo qual a seleção do acasalamento é feita, pelo qual são mantidas as relações matrimoniais e estabelecidos os cuidados paternos, é no animal inteiramente inato e

baseado em dispositivos anatômicos, modificações fisiológicas e respostas instintivas. A série inteira mostra o mesmo padrão para todos os animais da espécie. No homem o mecanismo é diferente. Embora exista uma tendência geral à corte, às relações sexuais e ao cuidado da prole e embora esta tendência seja tão forte no homem quanto no animal, não é mais claramente definida de uma vez por todas na espécie inteira. Os marcos delimitadores desapareceram, tendo sido substituídos por limitações culturais. O impulso sexual é permanentemente ativo, não há cio nem qualquer desaparecimento automático da atração da fêmea no período posterior. Não há paternidade natural e mesmo as relações maternas não são exclusivamente definidas pelas respostas inatas. Em vez dos determinantes instintivos exatos temos elementos culturais que modelam as tendências inatas. Tudo isto implica uma profunda modificação na redação entre instinto e processo fisiológico e a modificação de que são capazes. Denominamos esta alteração "plasticidade dos instintos". Esta expressão abrange o conjunto de fatos descritos acima em detalhes. Mostram todos que no homem os vários elementos fisiológicos que desencadeiam o instinto desapareceram, enquanto na mesma época aparece a educação tradicional das tendências inatas que passam a respostas culturais habituais. Estes mecanismos culturais foram analisados concretamente. São os tabus que proíbem o incesto e o adultério, são o desencadeamento cultural do instinto de cópula, são as normas morais e ideais assim como os incentivos práticos que mantêm juntos o marido e a mulher, a sanção legal do laço matrimonial, são os mandamentos que configuram e exprimem as tendências paternas. Como sabemos, todos estes codeterminantes culturais seguem estreitamente o curso geral imposto pela natureza ao comportamento animal. No detalhe, contudo, as formas concretas de corte, matrimônio e paternidade variam com a cultura e as forças pelas quais configuram o comportamento humano não são mais meros instintos mas hábitos nos quais o homem foi educado pela

tradição. A sanção social da lei, a pressão da opinião pública, a sanção psicológica da religião e os incentivos diretos de reciprocidade substituem os impulsos automáticos dos instintos.

Assim, a cultura não conduz o homem a uma direção que se diferencie do curso da natureza. O homem ainda tem de cortejar sua companheira em perspectiva e ela ainda tem de escolher e ceder a ele. Os dois ainda têm de se conservar unidos um ao outro, estando prontos para receber a prole e cuidar dela. A mulher ainda tem de dar à luz e o homem de permanecer junto a ela como seu guardião. Os pais ainda têm de cuidar dos filhos e educá-los e em condições de cultura são tão ligados a eles quanto em condições de natureza os animais se prendem aos seus filhotes. Mas em tudo isto uma enorme variedade de padrões substitui nas sociedades humanas o único tipo fixo imposto pela dotação instintiva a todos os indivíduos de uma única espécie animal. A resposta direta do instinto é substituída por normas tradicionais. Os costumes, a lei, a regra moral, os ritos, os valores religiosos fazem parte de todos os estágios do exercício do amor e da paternidade. Mas a linha principal de sua ação é invariavelmente paralela à dos instintos animais. A cadeia de respostas que regulam o acasalamento animal constitui o protótipo do gradativo desdobramento e amadurecimento da atitude cultural do homem. Devemos passar agora a uma comparação mais detalhada dos processos dos instintos animais e dos sentimentos humanos.

# VIII

## Do Instinto ao Sentimento

No último Capítulo resumimos os aspectos salientes de nossa comparação entre a constituição da família animal e a da humana. Mediante o desaparecimento dos limites fisiológicos definidos, mediante o crescente controle cultural, surge no homem uma complexidade nas respostas humanas, uma variedade que à primeira vista não parece introduzir senão o caos e a desordem. Isto, porém, não é verdade. Em primeiro lugar, podemos ver que os diversos ajustes emocionais do acasalamento na família humana são simplificados em uma única direção. Os laços humanos culminam pelo lado sexual no casamento, pelo lado dos pais numa família que perdura durante a vida toda. Em ambos os casos as emoções centralizam-se em torno de um objeto definido, seja ele o consorte, o filho, ou a mãe. Assim, a predominância exclusiva de um único indivíduo aparece como a primeira característica no desenvolvimento das atitudes emocionais humanas.

Na verdade, podemos ver esta tendência à medida que ascendemos no reino animal, das espécies inferiores para as superiores. Entre os animais inferiores o sêmen masculino é muitas vezes espalhado à larga e a fecundação do ovo feminino é entregue inteiramente aos agentes físicos. A equação pessoal, a seleção e o ajuste desenvolvem-se gradativamente e atingem sua máxima expansão entre os animais superiores.

No homem, porém, esta tendência é traduzida e reforçada por instituições definidas. As relações sexuais por exemplo são definidas por um certo número de fatores sociológicos, alguns dos quais excluem muitas mulheres enquanto outros indicam os parceiros convenientes ou estipulam as uniões definidas. Em certas formas do casamento o laço individual é completamente estabelecido por elementos sociais, tais como o noivado infantil ou os casamentos socialmente estabelecidos com antecedência. Em qualquer caso, através do namoro, das relações matrimoniais e do cuidado dos filhos os dois indivíduos estabelecem progressivamente um laço pessoal exclusivo. Um certo número de interesses de natureza econômica, sexual, legal e religiosa são dominados para cada membro do casal pela personalidade do outro. A sanção legal e religiosa do casamento estabelece, como sabemos, uma ligação entre os dois para toda a vida, socialmente reforçada. Assim, nas relações humanas os ajustes emotivos são dominados por um objeto e não pela situação do momento. Dentro da mesma relação as emoções e o tipo dos impulsos e interesses variam, sendo em geral unilaterais e desconexos no começo do namoro, depois amadurecem gradativamente até se tornarem uma afeição pessoal durante esse período, e são imensamente enriquecidos e complicados pela vida comum no casamento, e ainda mais pela chegada dos filhos. Contudo, através desta variedade de ajustes emotivos a permanência do objeto, sua profunda influência sobre a vida individual do outro aumenta constantemente. O laço não pode ser facilmente quebrado, havendo resistências em geral tanto psicológicas quanto sociais. O divórcio nas comunidades selvagens e civilizadas, por exemplo, ou a ruptura entre um genitor e um filho são uma tragédia pessoal e um infortúnio sociológico.

Mas embora as emoções que entram no vínculo familiar humano sejam constantemente variáveis — dependendo das circunstâncias — o amor matrimonial, por exemplo, acarretando amor e tristeza, assim como alegria, temor e inclinações apaixonadas, embora sejam

sempre complexas e nunca exclusivamente dominadas por um instinto, não são de modo algum caóticas ou desorganizadas, mas na verdade constituem sistemas definidos. A atitude geral de um cônjuge com relação ao outro, de um dos pais para com um filho, e vice-versa, não é em caso algum acidental. Todo tipo de relacionamento deve dispor de um certo número de atitudes emocionais que servem a certas finalidades sociológicas e cada atitude cresce progressivamente de acordo com um esquema definido em função do qual as emoções se organizam. Assim, nas relações entre os dois cônjuges o sentimento começa com o gradativo despertar da paixão sexual. Em estado de cultura, isto, como sabemos, nunca é um momento meramente instintivo. Vários fatores, tais como o interesse, a atração econômica, o adiantamento social modificam o encanto de uma moça para um homem, ou vice-versa, tanto nos níveis baixos de cultura quanto nas civilizações mais altamente desenvolvidas. Uma vez despertado este interesse, a atitude apaixonada tem de ser progressivamente construída pelo curso tradicional habitual do namoro que prevalece em uma dada sociedade. Mal esta ligação se constituiu e já a decisão de contrair matrimônio introduz um primeiro contrato, estabelece uma relação mais ou menos sociologicamente definida. Durante este período tem lugar a preparação para os laços matrimoniais. O laço legal do casamento em regra transforma a relação na qual os elementos sexuais são ainda predominantes em uma relação de vida comum e aqui as atitudes emocionais têm de ser reorganizadas. E' importante observar que a passagem do namoro ao casamento, que em todas as sociedades é objeto de provérbios e brincadeiras, acarreta um claro e difícil reajuste de atitudes. Embora na relação humana os elementos sexuais não sejam eliminados nem as lembranças do namoro apagadas, têm de ser incorporados interesses e emoções inteiramente novos. As novas atitudes são construídas sobre os alicerces das velhas e a tolerância e a paciência pessoais têm de ser formadas em situações penosas à custa da atração se-

xual. Os encantos iniciais e a gratidão pelo prazer erótico dos primeiros tempos da vida têm um claro valor psicológico e formam parte integral dos sentimentos ulteriores. Encontramos neste aspecto um importante elemento dos sentimentos humanos, a saber o transporte das lembranças antigas para as fases posteriores. Analisaremos dentro em pouco a relação da mãe com a criança, do pai com o filho, e mostraremos que ocorre aí o mesmo sistema de progressivo amadurecimento e organização das emoções. Existe sempre uma atitude emocional dominante, associada a uma relação corporal. Entre marido e mulher o desejo sexual é indispensável, assim como um laço de atração pessoal e compatibilidade de caráter. Os elementos sentimentais do namoro, os sentimentos apaixonados da primeira posse têm de incorporar-se a uma afeição mais calma, que permite ao marido e à mulher gozarem a companhia um do outro ao longo da melhor parte de seus dias. Estes elementos devem também harmonizar-se com a comunidade de trabalho e a comunidade de interesses, que unem os dois tornando-os os dirigentes conjuntos da família. E' um fato bem conhecido que cada transição entre namoro e coabitação sexual, entre este estágio e a plena vida comum do matrimônio posterior, entre a vida de casado e a vida de genitores constitui uma crise cheia de dificuldades, perigos e desajustes. Nesses pontos é que a atitude sofre uma fase especial de reorganização.

O mecanismo que vemos em ação neste processo baseia-se na reação entre impulsos inatos, emoções humanas e fatores sociais. Conforme vimos, a organização de uma sociedade tem ideais econômicos, sociais e religiosos a serem impressos na inclinação sexual de homens e mulheres. Estes ideais excluem certos casamentos devido a regras de exogamia, de divisão de castas ou de educação mental. Envolvem outros em um halo espúrio de atração econômica, de categoria alta ou de status social superior. Também na relação entre pais e filhos a tradição impõe certas atitudes que prevêm mesmo o aparecimento dos objetos que se referem a eles.

A ação dos mecanismos sociológicos é especialmente importante quando a vemos influir na mentalidade dos jovens em desenvolvimento. A educação, especialmente nas sociedades mais simples, não se realiza inculcando explicitamente princípios sociológicos, morais e intelectuais, mas antes pela influência do ambiente cultural sobre o espírito em amadurecimento. Assim, a criança aprende os princípios da casta, ordem ou divisão do clã pela evitação concreta, pelas preferências e submissões em que é educada mediante medidas práticas. Um certo ideal fica assim impresso no espírito e na ocasião em que o interesse sexual começa a agir os tabus e incitações, as formas de namoro correto, os ideais do matrimônio desejável estão constituídos em seu espírito. E' imperioso compreender que esta moldagem e a inculcação progressiva dos ideais não é feita por alguma atmosfera misteriosa mas por um certo número de influências concretas e bem definidas. Se nos reportarmos às idéias anteriores deste livro e seguirmos a vida de um indivíduo na Europa camponesa ou na selvagem Melanésia, podemos ver como a criança, no lar paterno, é educada pela repressão dos pais, pela opinião pública dos mais velhos, pelo sentimento de vergonha e desconforto despertados pelas reações a certos tipos de conduta. Assim, as categorias de decente e indecente são criadas, evitam-se as relações proibidas, encorajam-se certos outros grupos e os tons mais sutis de sentimento com relação à mãe, pai, tio materno, irmão e irmã. Como estrutura mais poderosa deste sistema de valores culturais, temos de observar os arranjos materiais da habitação, da instalação e dos bens familiares. Assim, na Melanésia a casa familiar individual, os alojamentos dos solteiros, os arranjos do casamento patrilocal e dos direitos matrilineares acham-se todos associados de um lado com a estrutura das aldeias, casas e a natureza das divisões territoriais, e de outro lado com induções, tabus, leis morais e várias tonalidades de sentimento. Todos estes fatos revelam-nos que o homem exprime progressivamente suas atitudes emocionais em arranjos legais, so-

ciais e materiais e que estes por sua vez reajem sobre a conduta dele, moldando o desenvolvimento de seu comportamento e de suas perspectivas. O homem configura seu ambiente de acordo com suas atitudes culturais e o seu ambiente secundário por sua vez produz os típicos sentimentos culturais.

Isto conduz-nos a um ponto muito importante, que nos permitirá ver por que na humanidade o instinto teve de tornar-se plástico e as respostas inatas foram obrigadas a se transformarem em atitudes ou sentimentos.

A cultura depende diretamente do grau em que as emoções humanas podem ser educadas, ajustadas e organizadas em sistemas complexos e plásticos. Em seu grau máximo de eficiência a cultura dá ao homem o domínio sobre seu meio pelo desenvolvimento de objetos mecânicos, armas, meios de transporte e medidas para proteção contra o tempo e o clima. Estas coisas, porém, só podem ser usadas se juntamente com a aparelhagem for também transmitido o conhecimento tradicional e a arte de usá-lo. O ajuste humano aos dispositivos materiais tem de ser aprendido de novo pelas gerações sucessivas. Ora, esta aprendizagem, a tradição do conhecimento, não é um processo que possa ser executado pelo puro raciocínio nem pelos meros dotes instintivos. A transmissão do conhecimento de uma geração à outra acarreta fadigas, esforços e um fundo inesgotável de paciência e amor sentidos pela velha geração com relação à mais moça. Este dispositivo emocional, ainda uma vez, é apenas parcialmente baseado nos dotes, porque todas as ações culturais que domina são artificiais, não específicas e por conseguinte não são fornecidas juntamente com impulsos inatos. A continuidade da tradição social, em outras palavras, obriga a uma relação pessoal emotiva na qual muitas respostas têm de ser educadas e desenvolvidas até se tornarem atitudes complexas. A extensão em que os pais podem ser sobrecarregados com o ônus da educação cultural depende da capacidade do caráter humano de adaptação a respostas culturais e sociais. Assim, em um de seus

aspectos, a cultura depende diretamente da plasticidade dos dons inatos.

Mas a relação do homem com a cultura não consiste somente na transmissão da tradição de um indivíduo ao outro. Mesmo em suas formas mais simples a cultura não pode ser manejada exceto pela cooperação. Como vimos, é a duração dos laços internos da família além da estrita maturidade biológica que permite por um lado a educação cultural, e por outro lado o trabalho em comum, isto é, a cooperação. A família animal tem também naturalmente uma rudimentar divisão de funções, que consiste principalmente no fornecimento de alimentos pelo macho durante certas fases do cuidado materno e mais tarde na proteção e nutrição asseguradas pelo pai e pela mãe. Nas espécies animais, contudo, tanto o ajuste nutritivo ao ambiente quanto o esquema de divisão econômica das funções são rígidos. O homem, graças à cultura, tem o poder de adaptar-se a uma larga escala de condições econômicas, que ele controla, não mediante instintos rígidos mas pela capacidade de criar técnicas especiais, uma organização econômica especial e ajustar-se a uma forma especial de dieta. Mas juntamente com este aspecto puramente técnico deve haver também uma adequada divisão de funções e um conveniente tipo de cooperação. Isto evidentemente determina vários ajustes emocionais às várias condições ambientais. Os deveres econômicos do marido e da mulher são diferentes. Assim, em um ambiente ártico a principal carga de fornecer alimento recai sobre o homem, enquanto nos povos agrícolas mais primitivos a mulher tem a maior parte da função de prover a família. Com a divisão econômica das funções associam-se distinções religiosas, legais e morais que se combinam com o trabalho econômico. O encanto do prestígio social, o valor do cônjuge como ajudante prático, o ideal de natureza moral ou religiosa, todos estes elementos dão considerável colorido à relação. E' esta variedade e a possibilidade de ajustar as relações conjugais e paternas que permitem à família adaptar-se às condições variáveis da

cooperação prática e fazem com que esta última se ajuste aos dispositivos materiais da cultura e do ambiente natural. Está fora do alcance de nossa presente argumentação determinar até que ponto podemos traçar concretamente estas dependências e correlações. Desejo acentuar aqui o fato de que somente laços sociais plásticos e sistemas emocionais ajustados podem funcionar em uma espécie animal que é capaz de criar um ambiente secundário, ajustando-se assim às difíceis condições externas da vida.

Em tudo isto podemos ver que, embora a base das relações familiares humanas seja instintiva, quanto mais puderem ser moldadas pela experiência, pela educação, quanto mais elementos culturais e tradicionais estes laços puderem aceitar, mais convenientes serão para uma variada e complexa divisão de funções.

O que foi dito aqui com referência à família refere-se evidentemente a outros vínculos sociais. Mas quanto a estes, ao contrário do que ocorre com os laços familiares, o elemento instintivo é quase desprezível. A grande importância teórica do casamento e da família corre paralela com a grande importância prática dessas instituições para a humanidade. A família não é apenas o elo entre a coesão biológica e a coesão social, mas é também o padrão em que se baseiam todas as relações mais amplas. Quanto mais os sociólogos e antropólogos elaborarem a teoria dos sentimentos, da formação destes em condições culturais e de sua correlação com a organização social, tanto mais nos aproximaremos da correta compreensão da sociologia primitiva. A propósito, penso que uma exaustiva descrição da vida familiar primitiva, do namoro, dos costumes e da organização do clã primitivo expulsarão da sociologia palavras tais como "instinto grupal", "consciência da espécie", "espírito de grupo" e outras panacéias verbais sociológicas semelhantes.

Para quem conhece a moderna psicologia deve ter-se tornado claro que na elaboração de uma teoria da sociologia primitiva temos de reconstruir uma importante

teoria das emoções humanas, criada por um dos homens que indiscutivelmente merece ser considerado como um dos maiores psicólogos de nosso tempo. O sr. A. F. Shand foi o primeiro a indicar que na classificação dos sentimentos humanos, na construção das leis da vida emotiva só podemos chegar a resultados tangíveis quando compreendemos que as emoções humanas não flutuam num espaço vazio mas grupam-se todas em redor de um certo número de objetos. Em torno desses objetos as emoções humanas organizam-se em sistemas definidos. Ainda mais, Shand, em seu livro *The Foundations of Character*, estabeleceu um certo número de leis que governam a organização da passagem das emoções a sentimentos. Mostrou que problemas morais do caráter humano só podem ser resolvidos pelo estudo da organização das emoções. Em nossa atual argumentação foi possível aplicar a teoria dos sentimentos de Shand a um problema sociológico e mostrar que a análise correta da transformação das respostas animais em culturais comprova plenamente as concepções daquele autor. Os pontos salientes que distinguem as ligações humanas dos instintos animais são a predominância do objeto sobre a situação, a organização das atitudes emocionais, a continuidade da construção dessas atitudes e sua cristalização em sistemas permanentemente ajustáveis. O acréscimo que fazemos à teoria de Shand consiste somente em mostrar como a formação de sentimentos está associada à organização social e com o exercício da cultura material pelo homem.

Um ponto importante que Shand trouxe à luz em seu estudo do sentimento humano é que as emoções principais que nele entram não são independentes umas das outras, mas mostram certas tendências no sentido da exclusão e da repressão. Na análise que se segue teremos ocasião de examinar duas relações típicas, a que existe entre a mãe e a criança e a que liga o pai ao filho. Isto também nos ajudará a revelar os processos de gradativo desaparecimento e de repercussão pelos quais certos elementos têm de ser eliminados de um sentimento à medida que este se desenvolve.

Gostaríamos de acrescentar aqui que a teoria dos sentimentos de Shand está realmente em uma relação muito estreita com a psicanálise. Ambas tratam dos processos emocionais concretos na história da vida do indivíduo. Ambas reconheceram independentemente uma da outra que é somente pelo estudo das configurações reais dos sentimentos humanos que podemos chegar a resultados satisfatórios. Se os fundadores da psicanálise tivessem conhecido a contribuição de Shand poderiam ter evitado muitas armadilhas metafísicas, teriam compreendido que o instinto é uma parte dos sentimentos humanos e não uma entidade metafísica, dando-nos uma psicologia do inconsciente muito menos mística e mais concreta. Por outro lado, Freud completou a teoria dos sentimentos em dois pontos capitais. Foi o primeiro a enunciar claramente que a família era o foco da formação do sentimento. Mostrou também que na formação dos sentimentos o processo de eliminação, de vencer obstáculos, tem suprema importância e que neste processo o mecanismo de repressão é fonte de consideráveis perigos. As forças de repressão, atribuídas pelos psicanalistas a um misterioso censor intrapsíquico podem, porém, ser localizadas pela presente análise em uma base mais definida e concreta. As forças de repressão são as forças do próprio sentimento. Derivam do princípio de consistência que cada sentimento exige a fim de ser útil no comportamento social. As emoções negativas de ódio e cólera são incompatíveis com a submissão à autoridade dos pais e com a reverência e confiança na direção cultural. Os elementos sensuais não podem entrar na relação da mãe com o filho se esta relação tiver de se conservar em harmonia com a divisão natural das funções reinante na família. Passamos ao exame dessas questões no Capítulo seguinte.

# IX

## A Maternidade e as Tentações do Incesto

A QUESTÃO DAS "ORIGENS" DAS PROIBIÇÕES DO INCESTO é uma das mais debatidas da antropologia. Relaciona-se com o problema da exogamia ou das formas primitivas de casamento, com as hipóteses sobre a antiga promiscuidade, etc. Não há a menor dúvida de que a exogamia está ligada à proibição do incesto, que é meramente uma questão deste tabu, exatamente como a instituição do clã, com seus termos classificatórios das relações, é simplesmente uma extensão da família e de seu modo de nomenclatura do parentesco. Não entraremos neste problema, especialmente porque neste particular estamos de acordo com antropólogos da qualidade de Westermarck e Lowie.[53]

Para limpar o terreno será bom lembrar que os biólogos concordam em que não há efeito nocivo para a espécie produzido pelas uniões incestuosas.[54] Saber se o incesto no estado de natureza poderia ser nocivo se ocorresse regularmente é uma questão acadêmica. No estado de natureza os animais jovens abandonam o grupo paterno na maturidade e acasalam-se ao acaso com quaisquer fêmeas encontradas durante o cio. O incesto no máximo pode ser apenas uma ocorrência esporádica. No incesto animal, por conseguinte, não há dano bio-

[53] Consulte-se a *History of Human Marriage*, de Westermarck e a *Primitive Society*, de Lowie. Alguns novos argumentos serão aduzidos pelo autor do presente livro na obra a aparecer brevemente sobre *Kinship*.

[54] Para um estudo da natureza biológica da endogamia, cf. Pitt-Rivers, *The Contact of Races and the Clash of Culture*, 1927.

lógico nem evidentemente qualquer dano moral. Ainda mais, não há razão para supor que nos animais exista alguma tentação especial.

Enquanto no animal não há nem perigo biológico nem tentação, e por conseguinte não existem barreiras instintivas contra o incesto, no homem, pelo contrário, verificamos que em todas as sociedades a mais forte barreira e a mais fundamental das proibições são as que se estabelecem contra o incesto. Tentaremos explicar este fato não por alguma hipótese sobre um ato primitivo de legislação nem por suposições relativas à especial aversão ao comércio sexual com membros da mesma família, mas como resultado de dois fenômenos que surgem em condições de cultura. Em primeiro lugar, na vigência dos mecanismos que constituem a família humana nascem sérias tentações ao incesto. Em segundo lugar, juntamente com as tentações sexuais, originam-se para a família humana perigos específicos devidos à existência das tendências incestuosas. Sobre o primeiro ponto portanto temos de concordar com Freud e discordar da famosa teoria do Westermarck, que admite haver uma repulsa inata à copula entre membros da mesma família. Ao admitir, entretanto, a tentação a cometer o incesto em condições de cultura, não acompanhamos a teoria psicanalítica que considera a ligação infantil com a mãe como sendo essencialmente sexual.

Esta é talvez a tese principal que Freud tentou estabelecer em suas três contribuições à teoria sexual. Esforçou-se por provar que as relações entre uma criancinha e sua mãe, especialmente no ato de mamar, são essencialmente sexuais. Desta suposição resulta que a primeira ligação sexual de um indivíduo masculino com relação à mãe é, em outras palavras, normalmente uma ligação incestuosa. "Esta fixação da libido", para usar uma expressão psicanalítica, permanece durante toda a vida e é a fonte das constantes tentações incestuosas que têm de ser reprimidas e como tais formam um dos dois componentes do complexo de Édipo.

E' impossível adotar esta teoria. A relação entre um lactente e sua mãe é essencialmente diferente de uma

atitude sexual. Os instintos devem ser definidos não simplesmente por métodos introspectivos, não apenas pela análise das tonalidades sentimentais, tais como dor e prazer, mas acima de tudo por sua função. Um instinto é um mecanismo inato mais ou menos definido pelo qual o indivíduo responde a uma situação específica mediante uma forma definida de comportamento na satisfação de determinadas necessidades orgânicas. A relação do lactente com a mãe é em primeiro lugar induzida pelo desejo de nutrição. A ligação da criança com a mãe satisfaz além disso as necessidades corporais de calor, proteção e orientação. A criança não está adequada a enfrentar o ambiente unicamente com suas próprias forças e como o único meio pelo qual pode agir é o organismo materno, apega-se instintivamente à mãe. Nas relações sexuais, a finalidade da atração e do apego corpóreo é a união que conduz à fecundação. Cada qual destas duas tendências inatas — o comportamento da mãe com relação ao filho e o processo de acasalamento — envolvem uma ampla escala de ações preparatórias e executivas que apresentam certas semelhanças. A linha divisória, porém, é clara, porque um conjunto de atos, tendências e sentimentos serve para completar o organismo ainda não maduro do lactente, alimentá-lo, protegê-lo e aquecê-lo, enquanto o outro conjunto de atos serve à união dos órgãos sexuais e à produção de um novo indivíduo.

Não podemos, por conseguinte, aceitar a simples solução de que a tentação do incesto seja devida à relação sexual entre o lactente e a mãe. A sensação de prazer que é comum a ambas as relações é um componente de todo comportamento instintivo bem sucedido. O índice de prazer não pode servir para diferenciar os instintos, pois é um caráter geral de todos eles. Mas, embora tenhamos de postular diferentes instintos para cada atitude emocional, há um elemento que é comum a ambos. Não é o fato meramente de serem dotados da tonalidade prazerosa geral de todos os instintos, mas há também um prazer sensível derivado do contato corporal. O exercício ativo do impulso que uma criança com relação ao organismo da mãe consiste no permanente apegar-se ao corpo

da mãe, no contato epidérmico mais extenso possível, principalmente no contato dos lábios da criança com o mamilo da mãe. A analogia entre as ações preparatórias do impulso sexual e as ações que consumam o impulso infantil é notável. As duas devem ser distinguidas principalmente por sua função e pela diferença essencial entre as ações consumadas em cada caso.

Qual é o resultado desta semelhança parcial? Podemos tomar emprestado da psicanálise o princípio, que agora se tornou geralmente aceito em psicologia, segundo o qual não há experiências mais tarde na vida que não despertem lembranças análogas da infância. Ainda mais, pela teoria dos sentimentos de Shand sabemos que as atitudes sentimentais na vida humana acarretam uma gradual organização das emoções. A estas idéias verificamos ser necessário acrescentar outra, a de que a continuidade das lembranças emocionais e a construção gradativa de uma atitude tendo outra por modelo, forma o principal princípio dos laços sociológicos.

Se aplicarmos estas noções à formação da atitude sexual entre os amantes podemos ver que o contato corporal nas relações sexuais deve ter um efeito retrospectivo muito perturbador sobre a relação entre a mãe e o filho. As carícias dos amantes empregam não somente o mesmo meio, a epiderme, não somente a mesma situação, abraços, aconchego, o máximo de aproximação pessoal, mas acarretam também o mesmo tipo de sentimentos sensuais. Por conseguinte, quando surge novo tipo de impulso tem invariavelmente de despertar as lembranças de experiências semelhantes antigas. Mas estas lembranças estão associadas com um objeto definido que permanece no primeiro plano dos interesses emocionais do indivíduo durante toda a vida. Este objeto é a pessoa da mãe. Com relação a esta pessoa a vida erótica introduz lembranças perturbadoras que se acham em contradição direta com a atitude de reverência, submissão e dependência cultural, que no menino em crescimento já reprimiu completamente as primeiras ligações sentimentais infantis. O novo tipo de sensualidade erótica e a nova atitude sexual misturam-se de modo perturbador com as lembranças da vida

inicial e ameaçam romper o sistema organizado de emoções que foi construído em redor da mãe. Esta atitude, para fins de educação cultural, tornou-se cada vez menos sensual, cada vez mais colorida pela dependência mental e moral, pelo interesse nas coisas práticas, por sentimentos sociais associados à mãe enquanto centro da família. Já vimos nos capítulos anteriores deste livro como nessa fase a relação entre o menino e a mãe é turvada e como torna-se necessária uma reorganização dos sentimentos. E' nesta época que surgem fortes resistências no espírito do indivíduo, que toda a sensualidade sentida com relação à mãe vem a ser reprimida e que a tentação subconsciente do incesto nasce da mistura das antigas lembranças com as novas experiências.

A diferença entre esta explicação e a da psicanálise consiste no fato de Freud admitir a contínua persistência, desde a infância, da mesma atitude para com a mãe. Em nosso argumento procuramos mostrar que existe apenas uma identidade parcial entre os antigos impulsos e os posteriores, que esta identidade é devida essencialmente ao mecanismo de formação do sentimento, que isto explica a não existência de tentações entre os animais e que o poder retrospectivo dos novos sentimentos no homem é a causa das tentações incestuosas.

Temos agora de perguntar por que motivo esta tentação é realmente perigosa para o homem, ao passo que é inócua para os animais. Vimos que no homem o desenvolvimento das emoções tornando-se sentimentos organizados é a própria essência dos laços sociais e do progresso cultural. Conforme o sr. Shand provou convincentemente, estes sistemas estão submetidos a leis definidas: devem ser harmoniosos, isto é, as emoções têm de ser consistentes umas com as outras, e os sentimentos organizados de tal maneira que permitam a cooperação, a continuidade da mistura. Ora, na família o sentimento entre mãe e filho começa com o primitivo apego sensível que liga os dois com um interesse inato profundo. Mais tarde, porém, esta atitude tem de mudar. A função da mãe consiste em educar, guiar e exercer influência cultural e autoridade doméstica. À medida que o filho vai

crescendo tem de responder a esta situação pela atitude de submissão e reverência. Durante a infância, isto é, durante esse período extremamente longo na contagem psicológica, que ocorre depois do desmame, e antes da maturidade, as emoções de reverência, dependência e respeito, assim como o forte apego devem constituir a tonalidade dirigente da relação do menino para com a mãe. Nesta época também deve passar-se um processo de emancipação, de separação pelo corte de todos os contatos corporais, e este processo também se completa nesta época. A família nessa fase é essencialmente uma oficina cultural e não biológica. O pai e a mãe educam a criança para a independência e a maturidade cultural, estando terminado seu papel fisiológico.

Ora, em tal situação a inclinação ao incesto entraria como elemento destruidor. Qualquer aproximação à mãe ou tentações sensuais ou eróticas implicariam a ruptura da relação tão laboriosamente construída. A cópula com ela teria de ser, como é toda cópula, precedida pela corte e um tipo de comportamento completamente incompatível com a submissão, a independência e a reverência. Além do mais, a mãe não está só. E' casada com outro macho. Qualquer tentação sensual não apenas perturbaria completamente a relação entre o filho e a mãe mas também, indiretamente, a relação entre o filho e o pai. A rivalidade hostil ativa substituiria o correlacionamento harmonioso que é o tipo da completa dependência e da inteira submissão à liderança. Se, por conseguinte, concordarmos com os psicanalistas em que o incesto deve ser uma tentação universal, vemos que seus perigos não são meramente psicológicos, nem podem ser explicados por hipóteses como a de Freud, relativa ao crime primevo. O incesto tem de ser proibido, porque, se nossa análise da família e de seu papel na formação da cultura é correta, o incesto é incompatível com o estabelecimento dos primeiros alicerces da cultura. Em qualquer tipo de civilização na qual os costumes, a moral e a lei permitissem o incesto a família não poderia continuar a existir. Na maturidade assistiríamos ao desmoronamento da família, por conseguinte ao completo

caos social e à impossibilidade da continuação da tradição cultural. O incesto significaria o transtorno das distinções de idades, a mistura das gerações, a desorganização dos sentimentos e uma violenta mudança de papéis numa época em que a família é o mais importante meio educacional. Nenhuma sociedade poderia existir sob tais condições. O tipo de cultura no qual o incesto é excluído representa o único coerente com a existência da organização social e da cultura.

Nossa explicação concorda essencialmente com a opinião de Atkinson e Lang, que fazem da proibição do incesto a lei primordial, embora nossa argumentação se diferencie de suas hipóteses. Divergimos também de Freud pelo fato de não podermos também aceitar o incesto como devido ao comportamento inato do lactente. Discordamos de Westermarck na medida em que a versão ao incesto não nos parece um impulso natural, uma simples tendência a não coabitar com pessoas que vivem na mesma casa desde a infância, mas antes como um complexo esquema de reações culturais. Fomos capazes de deduzir a necessidade do tabu do incesto da modificação nos dons instintivos que devem desenvolver-se paralelamente com a organização cultural e a cultura. O incesto, enquanto modo normal de comportamento, não pode existir na humanidade porque é incompatível com a vida da família e desorganizaria os fundamentos desta. O modelo básico de todos os laços sociais, a relação normal da criança com a mãe e o pai seria destruída. O instinto do sexo deve ser eliminado da composição de cada um desses sentimentos. Este instinto é o mais difícil de controlar, o menos compatível com os outros. A tentação do incesto por conseguinte foi introduzida pela cultura, pela necessidade de estabelecer atitudes organizadas permanentes. Em certo sentido é por conseguinte o pecado original do homem. Este tem de ser expiado em todas as sociedades humanas por uma das regras mais importantes e universais. Mesmo assim o tabu do incesto persegue o homem durante toda a vida, como a psicanálise nos revelou.

# X

## Autoridade e Repressão

No Capítulo anterior interessamo-nos principalmente pela relação entre a mãe e o filho. Discutiremos aqui a relação entre o pai e o filho. Nesta discussão a filha quase não é objeto de nossa atenção. Por um lado, conforme resulta de tudo quanto foi dito acima no Capítulo IX, o incesto entre pai e filha é menos importante, enquanto, de outro lado, os conflitos entre a mãe e a filha não são tão visíveis. Em qualquer caso, tudo quanto for dito a respeito de mãe e filho e do pai e filho pode referir-se, com pequenas modificações e em escala menos pronunciada, ao outro conjunto de relações. O enredo da tragédia freudiana de Édipo, portanto, na qual o filho ainda figura em relação a ambos os pais, é antropologicamente de todo correlata. Freud recusou mesmo colocar Electra lado a lado com Édipo, e temos de ratificar este ato de ostracismo.

Ao discutir anteriormente a relação entre pai e filho, afirmamos claramente a base instintiva desta relação. A família humana precisa de um macho, do mesmo modo que a família animal, e em todas as sociedades humanas esta necessidade biológica exprime-se no princípio da legitimidade, que exige um macho como guardião, protetor e regente da família.

Seria inútil especular sobre o papel do pai animal como fonte de autoridade no interior da família. Parece improvável que venha alguma vez a se transformar em

tirano, porque, durante todo o tempo em que é indispensável aos filhos, possui presumivelmente um fundo de natural ternura e paciência. Quando deixa de ser útil aos filhos, estes o abandonam.

Em condições de cultura a autoridade do pai, porém, é indispensável, porque nos estágios tardios, quando pais e filhos têm de se conservar juntos para fins de educação cultural, há necessidade de uma autoridade para estabelecer a ordem dentro da família, como aliás em qualquer outra forma de grupamento humano. Este grupamento, baseado em exigências culturais e não-biológicas, não possui perfeito ajuste instintivo, implica atritos e dificuldades e exige a sanção legal de algum tipo de força.

Mas, embora o pai ou algum outro macho deva estar investido de autoridade nos estágios tardios, seu papel nos primeiros períodos é inteiramente diferente. Tal como nas primeiras fases da família animal, quando o macho está presente para proteger a fêmea grávida e lactante, assim também nos estágios primitivos da família humana o pai é um guardião e uma ama mais do que o macho dotado de autoridade. Quando participa dos tabus da gravidez juntamente com sua mulher e cuida do bem-estar dela nessa ocasião, quando é confinado durante a gravidez da esposa, quando alimenta os bebês, sua força física, autoridade moral, prerrogativa religiosa e poder legal não entram de modo algum em ação. Em primeiro lugar, o que tem a fazer nessas fases é considerado um dever e não uma prerrogativa. Em muitas dessas funções íntimas o homem tem de desempenhar o papel de mulher — com freqüência de maneira um tanto sem dignidade — ou tem de ajudá-la em certas tarefas. Contudo, ao mesmo tempo é freqüentemente excluído e submetido a ridículas e humilhantes atitudes — às vezes mesmo consideradas como tais pela comunidade — enquanto sua mulher executa os importantes trabalhos da vida. Em tudo isso, conforme temos repetidamente acentuado, o pai atua em uma dócil e solícita maneira. Em geral sente-se muito feliz em executar

seus deveres, está interessado no bem-estar de sua esposa e delicia-se com a criancinha.

A série inteira de costumes, idéias e padrões sociais impostos ao homem por sua cultura está claramente correlacionada com o valor dele para a família e sua utilidade para a espécie nessa ocasião. O pai é conduzido a comportar-se como uma pessoa amante, delicada e solícita, a subordinar-se às atividades orgânicas de sua mulher, porque nesta fase sua proteção, amor e ternas emoções transformam-no em um eficiente guardião da esposa e dos filhos. Assim, também aqui a finalidade do comportamento cultural entre os seres humanos é a mesma que a dos dons inatos entre as espécies animais. Esta finalidade consiste em modelar uma atitude de ternura protetora por parte do macho com relação à sua companheira grávida e à prole. Mas, em condições de cultura, a atitude protetora tem de durar muito mais tempo — indo além da maturidade biológica dos jovens — enquanto uma carga muito maior é colocada sobre a parte inicial da ternura emocional. Encontramos aqui a diferença essencial entre a família animal e a humana, pois enquanto a família animal se dissolve com a cessação da necessidade biológica do carinho dos genitores, a família humana tem de perdurar. Depois desse momento a família em condições de cultura tem de dar início a um processo de educação no qual a ternura, o amor e o cuidado dos pais já não são mais suficientes. A instrução cultural não é meramente o desenvolvimento progressivo de faculdades inatas. Ao lado de instrução nas artes e no conhecimento, esta educação implica também a construção de atitudes sentimentais, a inculcação de leis e costumes, o desenvolvimento da moralidade. E tudo isto implica um elemento que já encontramos na relação entre a criança e a mãe, o elemento do tabu, repressão e imperativos negativos. A educação consiste em última instância na formação de respostas habituais complexas e artificiais, na organização da passagem das emoções a sentimentos.

Como sabemos, esta formação é executada através de várias manifestações da opinião pública e do sentimento

moral, pela influência constante da pressão moral a que a criança em crescimento está exposta. E' determinada sobretudo pela influência da estrutura da vida tribal, constituída de elementos materiais, dentro da qual a criança gradualmente cresce, de modo que seus impulsos são moldados em vários padrões de sentimentos. Este processo, porém, requer um terreno de efetiva autoridade pessoal e ainda aqui a criança começa a distinguir entre o lado feminino e o masculino da vida social. As mulheres que cuidam dela representam a influência mais próxima e mais familiar, a ternura doméstica, o auxílio, o repouso e o consolo a que a criança pode sempre recorrer. O aspecto masculino torna-se gradativamente o princípio da força, da distância, da procura da ambição e da autoridade. Esta distinção, evidentemente, só se cria depois do primeiro período da infância, no qual, conforme vimos, o pai e a mãe desempenham uma parte igual. Mais tarde, embora a mãe, juntamente com o pai, tenha de educar a criança, ensinando-lhe o que deve aprender, a mãe ainda continua a tradição de ternura, enquanto o pai na maioria dos casos tem de exercer pelo menos um mínimo de autoridade no interior da família.

Chega, porém, uma certa idade em que a criança masculina se destaca da família e se lança no mundo. Nas comunidades onde existem cerimônias de iniciação isto é feito por meio de uma complicada e especial instituição, na qual a nova ordem da lei e da moralidade é exposta ao noviço, é exibida a existência da autoridade, são ensinadas as condições tribais e com freqüência cravadas no corpo por um sistema de privações e ordálios. Do ponto de vista sociológico, as iniciações consistem no afastamento do rapaz do abrigo doméstico e na submissão dele à autoridade tribal. Nas culturas em que não há iniciação o processo é gradativo e difuso, mas seus elementos nunca estão ausentes. O rapaz tem a permissão de deixar a casa, sendo encorajado a fazê-lo, ou é conduzido a trabalhar por si mesmo livre das influências da família, é instruído na tradição tribal e submetido à autoridade masculina.

Mas a autoridade masculina não é necessariamente a do pai. Na primeira parte deste livro mostramos o modo pelo qual atua esta submissão do rapaz à autoridade paterna e o que significa. Reformulamos aqui estas idéias na terminologia de nossa presente argumentação. Nas sociedades em que a autoridade está nas mãos do tio materno o pai pode continuar a ser o ajudante doméstico e o amigo de seus filhos. O sentimento do pai para com os filhos pode desenvolver-se simples e diretamente. As primeiras atitudes infantis amadurecem gradativa e continuamente com os interesses da adolescência e da maturidade. O pai na vida mais tarde desempenha um papel em grande parte semelhante ao que tem no limiar da existência. A autoridade, a ambição tribal, os elementos repressivos e medidas coercitivas estão associados com outro sentimento, centralizam-se em torno da pessoal do tio materno e se constituem ao longo de linhas inteiramente diferentes. À luz da psicologia da formação dos sentimentos, e aqui devo referir-me à explicação de Shand, é evidente que este desenvolvimento de dois sentimentos, cada um dos quais simples e internamente harmonioso, seria infinitamente mais fácil do que a formação da relação paterna sob o direito paterno.

No direito paterno o papel do pai está ligado a dois elementos, cada um dos quais cria considerável dificuldade para a formação do sentimento. Nos lugares em que este modo de reconhecimento da descendência associa-se a alguma forma acentuada de *patria potestas*, o pai tem de adotar a posição de árbitro final pela força e pela autoridade. Tem progressivamente de abandonar o papel de amável e protetor amigo e de adotar a posição de rigoroso juiz e duro executor da lei. Esta mudança envolve a incorporação ao sentimento de atitudes diametralmente opostas umas às outras, tal como a atitude de desejo sensual e de reverência no íntimo do sentimento materno. Não há necessidade talvez de desenvolver este ponto, de mostrar como é difícil unir a confiança com os poderes repressivos, a ternura com a autoridade, a amizade com o domínio, pois tratamos

exaustivamente de todos estes aspectos nas partes anteriores deste livro. Falamos, também, do outro aspecto que sempre se associa ao direito paterno, mesmo quando este não implica uma definida autoridade paterna, pois o pai tem sempre de ser desalojado e substituído pelo filho. Mesmo quando seus poderes sejam limitados, ele é ainda o principal macho da geração mais velha, representa a lei, os deveres tribais e os tabus repressivos. Simboliza a coerção, a moralidade e as forças sociais limitantes. Também aqui não é fácil a formação da relação, que, partindo do fundamento inicial de ternura e resposta eficiente, tem de transformar-se em atitude de repressão. Já conhecemos tudo isto.

E' importante, porém, colocar aqui este conhecimento em nosso atual argumento, a saber, que no desenvolvimento da família humana a relação do pai para com o filho, em vez de basear-se numa resposta inata que se encerra com a partida do filho maduro, deve desenvolver-se, transformando-se em um sentimento. Os fundamentos do sentimento encontram-se na ternura biologicamente condicionada das respostas paternas, mas sobre esses fundamentos tem de ser construída uma relação de rigorosa, severa e coercitiva repressão. O pai tem de coagir, tem de representar a fonte das forças repressivas, torna-se o legislador dentro da família e o agente reforçador das regras tribais. A *patria potestas* converte-o de um terno e amoroso guardião da infância em um poderoso e freqüentemente temido autocrata. A constituição do sentimento em que entram estas emoções contraditórias tem por conseguinte de ser difícil. E no entanto é justamente esta contraditória combinação de elementos que é indispensável para a cultura humana. Pois o pai nas etapas iniciais é o membro da família biologicamente indispensável, sua função consiste em proteger a prole. Este dom natural de ternura é o capital de que a família pode lançar mão com o fim de conservá-lo interessado e ligado a ela. Mas ainda aqui a cultura tem de usar esta atitude emocional, impondo funções de tipo inteiramente diferente ao pai, na qualidade de macho

mais velho da família. Pois, à medida que os filhos, especialmente os do sexo masculino, crescem, a educação e a coesão no interior da família assim como a cooperação exigem a existência de uma autoridade pessoal que represente o reforço da ordem dentro da família e a conformação com a lei tribal fora dela. Como vemos, a difícil posição do pai não resulta simplesmente do puro ciúme, do mau gênio de um homem mais velho ou de sua inveja sexual, conforme parece implicado na maior parte dos trabalhos psicanalíticos. E' um caráter profundo e essencial da família humana, que tem de empreender duas tarefas, a propagação da espécie e a continuidade da cultura. O sentimento paterno, com suas duas fases, a primeira protetora, a outra coercitiva, é o correlato inevitável da dupla função na família humana. As atitudes essenciais encontradas no complexo de Édipo, a ternura e a repulsão ambivalentes entre filho e pai, fundam-se diretamente no desenvolvimento da família que passa do estado de natureza para o de cultura. Não há necessidade de uma hipótese *ad hoc* a fim de explicar estes aspectos. Podemos vê-los emergir da própria constituição da família humana.

Só há uma maneira de evitar os perigos que cercam a relação paterna e esta consiste em associar os elementos típicos que entram na relação paterna com dois indivíduos diferentes. Esta é a configuração que encontramos nas condições do direito materno.

# XI

## Direito Paterno e Direito Materno

ESTAMOS AGORA EM POSIÇÃO DE ABORDAR O DISCUTIDO problema da descendência paterna e materna, ou, como é mais vivamente, porém menos precisamente chamado, do direito paterno e do direito materno.

Uma vez que tenhamos enunciado explicitamente que as expressões "direito materno" e "direito paterno" não implicam a existência de autoridade ou poder estamos em condições de usá-las sem perigo, pois são mais elegantes do que os termos matrilinearidade e patrilinearidade, a que são equivalentes. As questões geralmente feitas com relação a estes dois princípios são as seguintes: qual deles é mais "primitivo", quais são as "origens" de um e de outro, existem "estágios" definidos de matrilinearidade e patrilinearidade?, etc. A maior parte das teorias da matrilinearidade têm por fim associar esta instituição com a primitiva existência da promiscuidade, com a resultante incerteza da paternidade e assim com a necessidade de estabelecer o parentesco através das mulheres.[64] As variações sobre o tema *pater semper incertus* enchem vários volumes sobre a moralidade, o parentesco e o direito materno primitivo.

Como freqüentemente acontece, a crítica que tem de ser feita a muitas teorias e hipóteses deve começar com a definição do conceito e a formulação do problema.

[64] Veja-se, por exemplo. E. S. Hartland, *Primitive Society*, 1921, pp. 2, 32, e *passim*.

A maioria das teorias implicam o direito paterno e o direito materno como alternativas mutuamente exclusivas. A maior parte das hipóteses coloca uma destas alternativas no começo e a outra no estágio tardio da cultura. O sr. S. Hartland, por exemplo, uma das maiores autoridades antropológicas em sociologia primitiva, fala da "mãe como o único fundamento da sociedade" (*Op. cit.*, p. 2) e afirma que no direito materno "a descendência e portanto o parentesco são traçados exclusivamente através da mãe". Esta concepção atravessa a obra inteira deste eminente antropólogo. Nela vemos o direito materno como um sistema social auto-suficiente, que envolve e controla todos os aspectos da organização. Este autor tomou a si a tarefa de provar "que o mais antigo método sistemático reconhecível de derivação do parentesco humano é o que se faz através unicamente da mulher, e que a contagem patrilinear é um desenvolvimento subseqüente" (p. 10). E' notável, entretanto, que justamente na obra do sr. Hartland, na qual procura provar a prioridade da descendência matrilinear sobre a patrilinear encontremos invariavelmente a afirmação de que existe sempre uma mistura do direito materno com o direito paterno. De fato, num enunciado que resume seu pensamento, o sr. Hartland diz: "A regra patriarcal e o parentesco patrilinear fizeram perpétuas invasões no direito materno em todo o mundo; em conseqüência, as instituições matrilineares encontram-se em quase todos os estágios de transição para um estado da sociedade em que o pai é o centro do parentesco e do governo" (p. 34). Na verdade, a afirmação correta seria dizer que em todas as partes do mundo encontramos o parentesco materno lado a lado com instituições de autoridade paterna e encontramos os dois modos de ligação da descendência intimamente entrelaçados.

A questão que se apresenta é a de saber se é de todo necessário inventar hipóteses sobre as "primeiras origens" e os "estágios sucessivos" no estabelecimento da descendência, e em seguida ter de afirmar que, dos

mais baixos aos mais altos tipos de sociedade, a humanidade vive em um estado de transição. Parece que a conclusão empírica seria a de que a maternidade e a paternidade nunca se encontram independentes uma da outra. O curso lógico da pesquisa indicada pelos fatos seria perguntar em primeiro lugar se existe a matrilinearidade independente da contagem paterna e se talvez os dois tipos de contagem da descendência não são complementares um do outro em vez de serem antitéticos. E. B. Tylor e W. H. R. Rivers já tinham visto este modo de abordagem, e Rivers, por exemplo, divide o direito materno e o direito paterno em três princípios independentes de contagem: descendência, herança e sucessão. Devemos, porém, ao dr. Lowie o melhor tratamento do assunto. Foi ele que trouxe ordem ao problema e introduziu também a terminologia muito eficiente que emprega os termos parentesco *bilateral* e *unilateral*. A organização da família é colocada no princípio *bilateral*. A organização de um clã associa-se com a contagem *unilateral* do parentesco. Lowie[illegible] mostra muito claramente que, sendo a família uma unidade universal e sendo as genealogias universalmente contadas com igual distância em ambos os lados, é quase absurdo falar de uma sociedade puramente matrilinear ou patrilinear. Esta posição é inteiramente inatacável. Igualmente importante é a teoria do clã exposta por Lowie. Mostrou que numa sociedade onde *em certos aspectos* é acentuado um dos dados do parentesco, surgirão grupos de parentesco estendido, correspondendo a uma ou outra das organizações de fraternidade ou clã da humanidade.

Será talvez conveniente completar a argumentação de Lowie e explicar por que razão foi dada ênfase unilateral na contagem de certas relações humanas, em que aspectos isto é feito e quais são os mecanismos da contagem unilateral do parentesco.

Vimos que em todas as questões nas quais o pai e a mãe são vitalmente essenciais para o filho, o parentesco tem de ser contado de ambos os lados. A pró-

[illegible] R. H. Lowie, *Primitive Society*, Capítulos sobre "Family", "Kinship" e "Sib".

pria instituição da família, abrangendo sempre os dois genitores, ligando a criança com um duplo laço, é o ponto de partida da contagem bilateral do parentesco. Se distinguirmos de momento entre a realidade sociológica da vida nativa e as doutrinas da contagem do parentesco introduzidas pelos nativos, podemos ver que o parentesco é contado de ambos os lados nos estágios mais primitivos da vida individual. Mesmo aí, porém, embora ambos os genitores sejam importantes, seus papéis não são nem idênticos nem simétricos. À medida que a vida progride, a relação entre a criança e seus pais vai mudando e surgem condições que tornam imperiosa uma explícita contagem sociológica do parentesco, que, em outras palavras, forçam a sociedade a configurar sua própria doutrina do parentesco. As etapas finais da educação, conforme vimos, consistem na transmissão das posses materiais e da tradição do conhecimento e da arte a elas ligadas. Consiste, também, no ensinamento das atitudes sociais, obrigações e prerrogativas, ligadas com a sucessão nas dignidades e nas posições. A transmissão dos bens materiais, valores morais e prerrogativas pessoais tem dois lados. E' um ônus para os pais, que têm sempre de ensinar, exercitar e agir pacientemente sobre o noviço. E' também uma renúncia por parte dos pais a valiosas posses e exclusivos direitos. Assim, por ambas essas razões a transmissão linear da cultura de uma geração a outra tem de ser baseada em um forte fundamento emocional. Tem de exercer-se entre indivíduos unidos por fortes sentimentos de amor e afeição. Como sabemos, a sociedade só pode recorrer a uma única fonte desses sentimentos, o dote biológico das tendências paternas. Por conseguinte, a transmissão da cultura em todos estes aspectos está invariavelmente associada com a relação biológica de pai para filho, tem lugar sempre no interior da família. Isto porém não é bastante. Há ainda a possibilidade de transmissão paterna, transmissão materna ou então transmissão por ambas as linhas. E' possível mostrar que esta última forma é a menos satisfatória porque introduziria num processo que por si

mesmo já é cercado de perigos, complicações e ameaças psicológicas um elemento de ambigüidade e confusão. O indivíduo teria sempre a escolha de pertencer a dois grupos, poderia sempre reclamar posses provenientes de duas fontes, teria sempre duas alternativas e status duplo. Reciprocamente, um homem poderia sempre deixar sua posição e sua identidade social a um de dois pretendentes. Este tipo de sociedade introduziria uma fonte permanente de discórdia, dificuldade e conflito e, como é claro à primeira vista, criaria uma situação intolerável. Na verdade, encontramos nossa conclusão inteiramente confirmada no fato de que não há sociedade humana na qual a descendência, a sucessão e a herança sejam indeterminadas. Mesmo em comunidades como as da Polinésia, onde um indivíduo pode seguir alternativamente sua linha materna ou paterna, tem de escolher bem cedo na vida. Assim, o parentesco unilateral não é um princípio acidental, não pode ser "explicado" como sendo devido a idéias de paternidade ou determinado por este ou aquele aspecto da psicologia primitiva ou da organização social. E' a única maneira possível de fazer frente aos problemas da transmissão dos bens, dignidades e privilégios sociais. Conforme veremos, porém, isto não exclui muitas complicações, fenômenos suplementares e reações secundárias. Existe ainda a escolha entre o direito materno e o direito paterno.

Examinemos mais de perto a ação do princípio do parentesco materno e paterno. Como sabemos, a organização das emoções no sentimento correlaciona-se estreitamente com a organização da sociedade. Na formação do sentimento materno, conforme vimos em detalhe na primeira parte do livro e resumimos em um dos últimos Capítulos, não somos capazes de ver nenhuma perturbação profunda causada pela passagem da primitiva ternura ao exercício da autoridade. Em condições de direito materno não é a mãe que exerce poderes coercitivos mas seu irmão, e a sucessão não introduz antagonismos nem ciúmes entre a mãe e o filho, porque ainda aqui este só herda por parte do irmão materno.

Ao mesmo tempo o laço de afeição e ternura pessoal entre a mãe e a criança, a despeito de todas as influências culturais, sociais em contrário é mais forte do que entre o pai e o filho. Nem há qualquer razão para negar que a natureza evidentemente física da maternidade possa ter contribuído grandemente para acentuar a entidade corporal entre o descendente e a mãe. Assim, embora na ligação materna as idéias relativas à procriação, os ternos sentimentos da infância, os laços emocionais mais fortes entre a mãe e o filho pudessem levar a um sentimento mais poderoso, este sentimento não é de modo algum perurbado pela carga de transmissão legal e econômica que acarreta. Em outras palavras, sob o direito materno e determinação social de que o filho tem de herdar do irmão da mãe não desvirtua de modo algum a relação com a mãe e em conjunto exprime o fato de que esta relação é empiricamente mais evidente e emocionalmente mais forte. Como vimos no estudo detalhado das instituições de uma sociedade matrilinear, o irmão da mãe, que representa a severa autoridade, os ideais e ambições sociais, é muito convenientemente mantido a distância, fora do círculo da família.

O direito paterno, por outro lado, acarreta, conforme vimos em detalhe no último Capítulo, uma clara ruptura na formação do sentimento. Na sociedade patrilinear o pai tem de incorporar em si os dois aspectos, o do amigo carinhoso e o do rígido guardião da lei. Isto cria ao mesmo tempo uma desarmonia no íntimo do sentimento e dificuldades sociais dentro da família, perturbando a cooperação e criando invejas e rivalidades no seu íntimo.

Um outro ponto ainda pode ser mencionado. Nas comunidades primitivas, mais do que nas sociedades civilizadas, o parentesco domina a regulação das atitudes sexuais. A extensão do parentesco além da família implica em muitas sociedades a formação da exogamia lado a lado com a formação dos clãs. No direito materno a proibição do incesto dentro da família é de

modo simples estendido à proibição do comércio sexual dentro do clã. Numa sociedade matrilinear, portanto, a constituição da atitude sexual geral com relação a todas as mulheres da comunidade é um processo continuamente harmonioso. Numa sociedade patriarcal, por outro lado, as regras do incesto que se aplicam aos membros da família não são simplesmente estendidas ao clã, mas tem de ser criado um novo esquema de idéias da sexualidade, lícitas e ilícitas. A exogamia patrilinear não inclui a única pessoa com a qual o incesto deveria ser mais rigorosamente evitado, isto é, a mãe. Vemos em tudo isto uma série de razões pelas quais o direito materno poderia ser considerado um princípio mais útil de organização social que o direito paterno. A utilidade evidentemente está ligada ao nível de organização humana em que o parentesco desempenha um papel sociológico supremo, tanto em sua forma mais estreita quanto em sua forma classificatória.

E' importante compreender claramente que o direito paterno também apresenta consideráveis vantagens. No direito materno há sempre uma dupla autoridade sobre a criança e a própria família é rachada. Desenvolve-se aquele sistema complexo de relações cruzadas que nas sociedades primitivas aumenta a força da tessitura social mas que em sociedades mais elevadas introduziria inumeráveis complicações. À media que a cultura progride, quando vão desaparecendo as instituições do clã e do parentesco classificatório, à medida que a organização da comunidade local da tribo, cidade, Estado tem de se tornar mais simples, o princípio do direito paterno naturalmente torna-se dominante. Mas isso nos afasta de nossa linha especial de pesquisa.

Resumindo, vimos que as vantagens relativas do direito materno e do direito paterno estão bem equilibradas e que seria provavelmente impossível atribuir a um deles uma prioridade geral ou uma ocorrência mais ampla. A vantagem do princípio unilateral de contagem do parentesco, por oposição ao princípio bilateral, em assuntos legais, econômicos e sociais, porém, está fora de qualquer dúvida ou sofisma.

O ponto mais importante é compreender que nem o direito materno nem o direito paterno podem jamais ser uma regra exclusiva de contagem do parentesco ou da descendência. E' somente na transmissão de valores tangíveis de natureza material, moral ou social que um dos dois princípios se torna legalmente acentuado. Conforme procurarei mostrar em outras ocasiões[illegible], esta acentuação legal traz consigo certas reações tradicionais consuetudinárias que tendem até certo ponto a anular sua atuação unilateral.

Voltando ainda uma vez ao nosso ponto de partida, a crítica feita pelo dr. Jones às conclusões a que chegamos nas partes anteriores deste livro, podemos ver agora que o aparecimento do direito materno não é um fenômeno misterioso, produzido por "motivos sociais e econômicos desconhecidos". O direito materno é uma das alternativas da contagem do parentesco, sendo que as duas possibilidades apresentam certas vantagens. As do direito materno são talvez em conjunto maiores que as do direito paterno. E entre elas temos indiscutivelmente de mencionar o ponto central que foi posto em relevo neste Capítulo, a saber, o valor que tem na eliminação das fortes repressões do sentimento paterno e na colocação da mãe em uma posição mais coerente e melhor adaptada no esquema das proibições sexuais na comunidade.

[illegible] *Crime and Custom in Savage Society*, 1926; *Nature*, suplemento de 6 de fevereiro de 1926; e o artigo de 15 de agosto de 1925.

# XII

## A Cultura e o "Complexo"

ACABAMOS DE PERCORRER O CAMPO DE NOSSO ASSUNTO, a modificação nos dons instintivos correlacionados com a transmissão do estado de natureza para o de cultura. Podemos indicar, brevemente, o curso de nossa argumentação e resumir os resultados a que chegamos. Partimos das concepções psicanalíticas sobre as origens e a história do complexo. Assim fazendo, deparamo-nos com muitas obscuridades e inconsistências, a saber o conceito de *repressão* de elementos *já reprimidos,* a teoria segundo a qual a ignorância e a matrilinearidade foram *planejadas* como meios para desviar o ódio, a idéia de que o direito paterno é uma feliz solução da maioria das dificuldades na família. Todas estas obscuridades eram difíceis de reconciliar tanto com a doutrina geral da psicanálise quanto com os fatos e princípios antropológicos fundamentais. Verificamos, também, que todas essas inconsistências resultam da idéia de que o complexo de Édipo é a causa primordial da cultura, que é algo precedendo e produzindo a maior parte das instituições, idéias e crenças humanas. Ao tentar descobrir a forma concreta em que este complexo de Édipo primordial se teria originado de acordo com a teoria psicanalítica, deparamo-nos com a hipótese de Freud do "crime primevo". Freud considera a cultura uma reação espontaneamente engendrada ao crime e admite que a memória do crime, o arrependimento e a atitude ambivalente sobreviveram em um "Inconsciente Coletivo".

Nossa completa incapacidade de aceitar esta hipótese forçou-nos a examiná-la mais de perto. Verificamos que o crime totêmico deve ser imaginado como um acontecimento divisor entre a natureza e a cultura, como o momento do início cultural. Sem esta suposição a hipótese não tem sentido, e com ela desagrega-se, em virtude das inconsistências que implica. Tendo descoberto que na hipótese de Freud, assim como em todas as outras especulações sobre a forma primitiva da família, o erro capital consiste em ignorar a diferença entre instinto e hábito, entre a reação biologicamente definida e o ajuste cultural, nossa tarefa passou a ser estudar a transformação dos laços familiares devida ao trânsito da natureza para a cultura.

Procuramos determinar a modificação essencial nos dons inatos e mostrar quais eram as conseqüências dessa modificação para a mentalidade humana. No curso deste exame naturalmente encontramos os mais importantes problemas psicanalíticos e fomos capazes de oferecer uma teoria da formação natural do complexo familiar. Descobrimos que o complexo é um inevitável subproduto da cultura, que surge quando a família se desenvolve passando de um grupo ligado por instintos a um grupo que é unido por laços culturais. Psicologicamente falando, esta modificação significa que uma coesão devida a uma cadeia de impulsos ligados transformam-se em um sistema de sentimentos organizados. A formação dos sentimentos obedece a várias leis psicológicas, que guiam o amadurecimento mental de modo a eliminar muitas atitudes, ajustes e instintos de um certo sentimento. Verificamos que o mecanismo atuante é a influência do ambiente social, que age por meio da estrutura cultural e pelos contatos pessoais diretos.

O processo de eliminação de certas atitudes e impulsos da relação entre pai e filho e mãe e filho apresenta uma considerável escala de possibilidades. A organização sistemática dos impulsos e das emoções pode ser realizada por um gradativo desvio e declínio de certas atitudes, por choques dramáticos, por ideais orga-

nizados, como nas cerimônias, pelo ridículo e pela opinião pública. Verificamos nesses mecanismos, por exemplo, que a sensualidade é progressivamente eliminada da relação da criança com sua mãe, enquanto muitas vezes a ternura entre pai e filho é substituída por uma severa e coercitiva relação. A maneira pela qual esses mecanismos operam não conduz exatamente aos mesmos resultados. E muitos desajustes no interior do espírito e da sociedade podem ser traçados retrospectivamente até o mecanismo cultural defeituoso pelo qual a sexualidade é suprimida e regulada ou pelo qual foi imposta a autoridade. Nas primeiras duas partes deste livro apresentamos com grande quantidade de detalhes estas noções em um pequeno número de casos concretos. Nesta última parte as mesmas idéias foram ainda teoricamente justificadas.

Assim, a constituição dos sentimentos, os conflitos e desajustes que estes implicam, dependem largamente do mecanismo sociológico que atua em determinada sociedade. Os principais aspectos deste mecanismo são a regulação da sexualidade infantil, os tabus do incesto, a exogamia, a distribuição da autoridade e o tipo de organização da família. Nisto talvez consista a principal contribuição do presente ensaio. Conseguimos indicar a relação entre os fatores biológicos, psicológicos e sociológicos. Criamos uma teoria da plasticidade dos instintos em condições de cultura e da transformação da resposta instintiva em ajuste cultural. Por seu lado psicológico nossa teoria sugere uma linha de abordagem que, embora dando plena justificação à influência dos fatores sociais, liquida com as hipóteses do "espírito de grupo", "inconsciente coletivo", "instinto gregário" e outras concepções metafísicas semelhantes.

Em tudo isto estamos constantemente tratando com os problemas centrais da psicanálise, os problemas do incesto, da autoridade paterna, do tabu sexual e do amadurecimento do instinto. De fato os resultados de minha argumentação confirmam os ensinamentos gerais dos psicanalistas em vários pontos, embora impliquem a ne-

cessidade de uma séria revisão de outros pontos. Mesmo na questão concreta da influência do direito materno e de sua função, os resultados que publiquei anteriormente e as conclusões deste livro não subvertem inteiramente a doutrina psicanalítica. O direito materno, conforme foi observado, possui uma vantagem adicional sobre o direito paterno no fato de "quebrar o complexo de Édipo", dividindo a autoridade entre dois machos, enquanto, por outro lado, introduz um coerente esquema da proibição do incesto, no qual a exogamia deriva diretamente do tabu sexual no interior da família. Temos, contudo, de reconhecer que o direito materno não é inteiramente dependente do complexo, e sim um fenômeno mais amplo, determinado por uma grande variedade de causas. Procurei enunciar concretamente estas causas, a fim de responder à objeção do Dr. Jones que afirmava ter eu admitido esta aparência por motivos econômicos e sociológicos desconhecidos. Esforcei-me por mostrar que é possível tornar inteligível o direito materno como a mais útil das duas formas alternativas de contagem do parentesco. A questão real, como vimos, consiste em que o modo unilateral de contagem do parentesco é adotado em quase todas as culturas, mas entre os povos de baixo nível cultural a linha materna apresenta nítida vantagem sobre a paterna. Entre estas notáveis características vantagens do direito materno contamos sua capacidade de modificar e quebrar o "complexo".

Deveria acrescentar que do ponto de vista da teoria psicanalítica é difícil explicar por que motivo o complexo enquanto tal deva ser nocivo. Afinal de contas, para um psicanalista, o complexo de Édipo é a *fons et origo* da cultura, o começo da religião, da lei e da moralidade. Por que teria de haver necessidade de eliminá-lo? Por que a humanidade ou "espírito coletivo" teria "planejado" meios para rompê-lo? Para nós, porém, o complexo não é uma causa mas um subproduto, não é um princípio criador mas um desajuste, que assume forma menos nociva sob o direito materno que sob o direito paterno.

Estas conclusões foram pela primeira vez expostas em dois artigos que apareceram separadamente há alguns anos atrás e são agora reimpressas, constituindo a Parte I e a Parte II deste volume. Ainda uma vez, ao tratar aqui do problema geral, encontramos certas confirmações da teoria psicanalítica, se esta for tomada como inspiração e hipótese de trabalho e não como sistema de princípios dogmáticos.

A pesquisa científica consiste na colaboração, num ato de dar e de tomar entre vários especialistas. O antropólogo recebeu algum auxílio da escola psicanalítica e seria uma pena se os expoentes desta última se recusassem a colaborar, a aceitar o que lhes é oferecido de boa fé provindo de um campo onde, afinal, não são competentes. O avanço da ciência nunca é uma questão de simples progresso em uma linha direta. Na conquista de um novo domínio, as afirmações são muitas vezes fincadas em um solo árido que nunca as retribuirá com um resultado útil. E' importante para um estudante ou para uma escola ser capaz de se retirarem de uma posição insustentável a fim de avançarem como pioneiros em novos campos de descoberta. E, enfim, dever-se-ia sempre lembrar que na prospecção científica os poucos grãos de ouro da verdade só podem ser conquistados pela paciente lavagem e rejeição de uma massa de inúteis seixos e areia.